



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS-CAMPUS V
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
REGIONAL E LOCAL**

MARGARETE NUNES SANTOS GOMES

**CAPRICHOS E TRAPICHES:
MEMÓRIAS DAS EX-TRABALHADORAS DA ATIVIDADE
FUMAGEIRA EM CONCEIÇÃO DO ALMEIDA-BA
(1960-1980)**

**Santo Antonio de Jesus/BA
2010**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

MARGARETE NUNES SANTOS GOMES

**CAPRICHOS E TRAPICHES:
MEMÓRIAS DOS TRABALHADORES E DAS TRABALHADORAS DA
ATIVIDADE FUMAGEIRA EM CONCEIÇÃO DO ALMEIDA-BA
(1960-1980)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local da Universidade do Estado da Bahia - UNEB. Campus V, como requisito para obtenção do título de Mestre, sob a orientação do Prof^o Dr. Raimundo Nonato Pereira Moreira.

**Santo Antonio de Jesus/BA
2010**

MARGARETE NUNES SANTOS GOMES

**CAPRICHOS E TRAPICHES:
MEMÓRIAS DOS TRABALHADORES E DAS TRABALHADORAS DA
ATIVIDADE FUMAGEIRA EM CONCEIÇÃO DO ALMEIDA-BA
(1960-1980)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local da Universidade do Estado da Bahia - UNEB. Campus V, como requisito para obtenção do Título de Mestre, sob a orientação do Prof^o Dr. Raimundo Nonato Pereira Moreira.

Santo Antônio de Jesus, 17 de setembro de 2010.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Raimundo Nonato Pereira Moreira (Orientador) - UNEB

Prof. Dr. Gilmário Moreira Brito - UNEB

Prof.^a Dr.^a Lina Maria Brandão de Aras – UFBA

Carmélia Aparecida Silva Miranda - UNEB (Suplente)

Márcia Maria da Silva Barreiros Leite - UEFS (Suplente)

Ao meu pai, Manoel da Conceição Santos (Nezinho), que em vida me proporcionou as maiores lições de que necessito, além de ter sido um historiador e intelectual autodidata.

Ao memorialista Geraldo Coni Caldas, por seu legado e seus estudos sobre Conceição do Almeida (Em memória)

As mulheres da minha vida: Minha mãe Dagui, minha filha Mariana, minha Avó Marianinha, Tia Edna, as minhas irmãs Simone, Solange e minha sobrinha Laísi, pelo apoio constante e pelo amor incondicional.

Aos sujeitos anônimos que fizeram através do trabalho a história da atividade fumageira.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, a força maior que move este universo, pelo dom de viver, amar e pensar.

Esta pesquisa tornou-se possível devido à participação de várias pessoas que contribuíram sensivelmente para o percurso desse estudo, por isso agradeço especialmente a todos os entrevistados que gentilmente revelaram suas memórias e relataram suas experiências de vida de forma tão generosa e especial.

Inicialmente, gostaria de agradecer aos meus pais, Manoel e Margarida, por terem proporcionado a mim e aos meus irmãos os ensinamentos mais profundos, por ter nos dado oportunidade de estudar, abrindo mão, muitas vezes, dos seus sonhos para que os nossos se concretizassem.

Agradeço a toda minha família pelo apoio constante. A minha filha Mariana por ter sacrificado o tempo do lazer, das brincadeiras e do diálogo, sempre a me perguntar na sua inocência de criança: “esse trabalho não acaba nunca, mamãe?” Obrigada pelo amor, pela compreensão e, acima de tudo, pela paciência.

Ao professor Raimundo, a quem sou eternamente grata por ter aceitado o desafio de me orientar, pelas contribuições intelectuais, pela paciência nos momentos de aflição e indecisão, me pedindo para “respirar”. Obrigada por ter compreendido os meus anseios e minimizado as minhas dúvidas.

Ao professor Gilmário Moreira Brito e à professora Lina Maria Brandão de Aras pelas excelentes contribuições prestadas durante o exame de qualificação, agradeço por terem aceitado o meu convite e disponibilizado seus conhecimentos, propondo valiosas sugestões.

Aos professores, funcionários e colegas do Mestrado, com os quais compartilhei momentos de aprendizagens, angústias, dificuldades e superações, além de ter constituído novos amigos.

A Hildete Leal e Andréa Barreto, por terem feito a correção ortográfica deste trabalho. Aos bibliotecários da UNEB, por facilitarem o acesso aos livros e pela disponibilidade em me ajudar. A todos os amigos que me apoiaram nesta jornada em especial agradeço aos eternos amigos Cristiane Lima, Joseane Thethe e Alex Brandão.

Enfim, a todos que de certa forma estiveram presentes nesta difícil, porém maravilhosa missão de pesquisar e escrever.

RESSALVA

*Versos... Não
Poesia... Não
um modo diferente de contar velhas histórias*

Assim eu vejo a vida

*A vida tem duas faces:
Positiva e negativa
O passado foi duro
mas deixou o seu legado
Saber viver é a grande sabedoria
Que eu possa dignificar
Minha condição de mulher,
Aceitar suas limitações
E me fazer pedra de segurança
dos valores que vão desmoronando.
Nasci em tempos rudes
Aceitei contradições
lutas e pedras
como lições de vida
e delas me sirvo
Aprendi a viver.*

Cora Coralina

Daquele contexto/ o do meu mundo imediato/ fazia parte, por outro lado, o universo da linguagem dos mais velhos, expressando as suas crenças, os seus gestos, os seus receios, os seus valores. Tudo isso ligado a contextos mais amplos que o do meu mundo imediato e de cuja existência eu não podia sequer suspeitar.

Paulo Freire

RESUMO

A temática abordada nesta dissertação se constitui das memórias que permearam o cotidiano das trabalhadoras e trabalhadores da atividade fumageira na cidade de Conceição do Almeida-BA, nas décadas de 1960 a 1980, período esse marcado pela dinâmica da manufatura com o fumo, tanto nas lavouras como nos armazéns e nos lares. Como aporte metodológico, utilizou-se fontes como depoimentos orais, fotografias e jornais. Ocorreu também um diálogo com a historiografia que privilegia as discussões em torno de diversas temáticas como: Cotidiano, História do Trabalho, História das Mulheres, Região e a Memória e suas especificidades, diante de uma perspectiva interdisciplinar. Assim, neste estudo foi imprescindível pensar os sujeitos e suas estratégias de sobrevivência, as práticas cotidianas, os poderes, as tensões, negociações, dificuldades e superações vivenciadas. Há uma especial atenção às memórias das trabalhadoras, numa perspectiva da História Oral, traçando o perfil das mulheres, mão-de-obra tão expressiva nessa esfera, o que exige uma maior atenção às relações formadas no trabalho, na família, os conflitos, as estratégias de resistência, seus poderes e ‘caprichos’, destacando a sua importância nesse contexto social. Dessa forma, a preocupação que permeia essa discussão envolve a divisão e hierarquização social e sexual do trabalho, histórias de vidas marcadas por sistemas de ideias reproduzidas socialmente, trazendo, assim, uma abordagem sobre as lutas e relações de empoderamentos de mulheres que assumiram novos papéis nas dinâmicas sociais, o que propicia um campo fértil de análise historiográfica. Portanto, essa pesquisa busca analisar os múltiplos aspectos das vivências na atividade fumageira.

Palavras-chave: Memórias, atividade fumageira, cotidiano, trabalhadoras e poderes

ABSTRACT

Thematic addressed this dissertation is of memories that permeate everyday workers and workers in the tobacco activity in the city of Conceição do Almeida-BA, in 1960 to 1980, this period marked by dynamic manufacturing with smoke, both in crops such as warehouses and households. As methodological contribution was sources such as oral testimony, photographs and newspapers. There was also a dialogue with historiography that focuses on discussions around various issues such as: daily life, work history, women's history, Memory and Region and its particularities, on a multi-disciplined perspective. Thus, this study was indispensable think the subjects and their survival strategies, the daily practices, the powers, tensions, negotiations, difficulties and experienced overruns. There is a special attention to memories of workers, in a perspective of oral history, drawing the profile of women, labour as expressive in this sphere, which requires greater attention to the relations formed in work, family, conflicts, the strategies of resistance, their powers and 'quirks', highlighting its importance in this social context. Thus, the concern that permeates this discussion involves the division and tiering social and sexual labour, stories of lives marked by systems of ideas played socially, bringing thus an approach about the struggles and relationships empowerments of women who have taken on new roles in social dynamics, which provides a fertile field historiographic analysis. Therefore, this research seeks to analyze the multiple aspects of vivencias activity tobacco.

Keywords: memories, tobacco, everyday activity, workers and powers

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

APEBA- Arquivo Público do Estado da Bahia

BPEB- Biblioteca Pública do Estado da Bahia

CELADE- Centro Latino Americano de Demografia

CLT- Consolidação das Leis do Trabalho

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

SEAGRI- Secretaria da Agricultura, Irrigação e Reforma Agrária.

SEI- Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia

SEPLANTEC- Secretaria de Estado do Planejamento e da Ciência e Tecnologia

UFBA- Universidade Federal da Bahia

UNEB- Universidade do Estado da Bahia

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Mapa do Recôncavo Sul – Bahia.	38
Figura 2- Plantação de fumo em Conceição do Almeida-BA	48
Figura 3-Vista de um fumaçal de Affonso Penna.....	49
Figura 4- Fumaçal em condição de ser colhido	50
Figura 5- Fumo cobrindo telhado da casa de um agricultor	53
Figura 6- Enfardamento de fumo em folhas.....	55
Figura 7- Selo ou marca do fumo.....	56
Figura 8- Interior do armazém de fumo.....	57
Figura 9- Seleção ou escolha das folhas de fumo	58
Figura 10- Beneficiamento masculino do fumo.....	72
Figura 11- Enfardamento do fumo: mãos masculinas.....	72
Figura 12- Beneficiamento do fumo.....	76
Figura 13- As mulheres: Trabalho no interior de armazém de fumo	81
Figura 14- Trabalhadores e trabalhadoras no interior de armazém de fumo.....	84
Figura 15- Dinâmica do trabalho nos armazéns de fumo.....	94

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	12
2.	RECÔNCAMO DA ATIVIDADE FUMAGEIRA	32
2.1	TRAÇOS DO MUNICÍPIO.....	32
2.2	TRAÇOS DA REGIÃO.....	37
2.3	FUMO: DA LAVOURA AOS ARMAZÉNS.....	50
2.4	A IMPORTÂNCIA COMERCIAL DO FUMO.....	60
3.	O COTIDIANO NOS TRAPICHES.....	66
3.1	O COTIDIANO DO TRABALHO FUMAGEIRO.....	69
3.2	O LOCAL DE TRABALHO.....	76
3.3	AS RELAÇÕES DE PODER FIRMADAS NO TRABALHO.....	81
3.4	TIRAR TROUXA: O FUMO FORA DOS ARMAZÉNS.....	89
4.	A MULHER TRABALHADORA E SEUS CAPRICHOS.....	94
4.1	O TRABALHO E SEUS SIGNIFICADOS.....	96
4.2	A MULHER E A FAMÍLIA.....	106
4.3	OS PODERES E OS CAPRICHOS... FEMININOS.....	113
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	125
6.	FONTES	128
7.	REFERÊNCIAS.....	132
8.	ANEXOS.....	138
9.	APÊNDICES.....	143

1. INTRODUÇÃO

O objetivo desta dissertação é analisar, através do estudo das memórias e suas ressignificações, o cotidiano da atividade fumageira em Conceição do Almeida-BA, durante as décadas de 1960 a 1980, para identificar as modificações e permanências que cercaram as histórias de vida e trabalho dos sujeitos que fizeram parte desse contexto. Neste trabalho, destaco a atividade fumageira como setor econômico importante à sobrevivência dos trabalhadores e das trabalhadoras e, para empreender as discussões, parti das lembranças, as quais viabilizaram investigar o cotidiano e suas transformações, os problemas e necessidades vivenciados, bem como possibilitaram ampliar as discussões em torno das relações de trabalho, gênero, poder e dominações estabelecidas nesse contexto histórico.

Dessa forma, esta pesquisa constituiu-se a partir da leitura das memórias dos trabalhadores e trabalhadoras da atividade fumageira, mediante estudo do processo histórico e econômico do município de Conceição do Almeida, este marcado pelas atividades agrícolas de exportação fumageira, que se delinearam desde o século XVIII na região, sendo que grande parte de sua população, durante séculos, teve suas vidas ligadas principalmente a essa atividade, nas lavouras ou nos armazéns de fumo.

Esta pesquisa foi se delineando ao longo dos estudos no Programa de Pós-graduação em História Regional e Local da Universidade do Estado da Bahia, sendo uma ampliação das discussões e estudos que vivenciei anteriormente no curso de Especialização em História Regional, no ano de 2007, nessa mesma instituição. Mas, foi durante o percurso das disciplinas do Mestrado, dos encontros da Linha de Pesquisa Estudos Regionais Campo-Cidade, que decidi definitivamente por este estudo, estabelecendo novos caminhos teóricos e metodológicos. Os eixos de discussões foram centrados no estudo das memórias, da oralidade, do cotidiano e da história das mulheres, situando também as questões regionais, locais e as dimensões sobre o trabalho e suas historicidades.

O interesse pela pesquisa foi marcado inicialmente por um anseio pessoal de “contar a história” de vida e trabalho do cotidiano fumageiro de Conceição do Almeida, minha cidade natal. As razões da escolha do tema estão vinculadas às minhas memórias de criança e de mulher, uma escolha que também se deu em função das minhas próprias concepções de vida, firmadas durante os seis anos que atuei como Agente Comunitária de Saúde no município, quando convivi e dialoguei com muitos trabalhadores e trabalhadoras da atividade fumageira, o que despertou o meu interesse em torno de suas memórias e experiências de vida.

A escrita sobre essa temática está marcada por diversos significados pessoais, repleta de sentimentos, diante da lembrança das mulheres saindo dos armazéns ao final das tardes, enchendo as ruas com seus passos apressados, com seus lenços na cabeça, inalando o odor do fumo, marca essencial da labuta, voltando para os lares, o trabalho das crianças e dos velhos “manocando as trouxas de fumo” (trabalho domiciliar que retirava os talos do fumo), a infância no sítio da minha avó, o trabalho na lavoura e o telhado da casa repleto de fumo. Fragmentos de lembranças constantes na minha memória, impregnada de contrastes coloridos por diversos sentidos.

Assim, a curiosidade e o interesse por este estudo me impulsionaram ao retorno do exercício docente, o que oportunizou uma melhor reflexão das questões teórico-metodológicas acerca do encaminhamento do estudo da história e da memória, proporcionando uma maior apropriação do objeto de pesquisa, além de sinalizar novos rumos e perspectivas.

Durante dois anos, a pesquisa também se delineou mediante as discussões e contribuições dos docentes e discentes do curso de História Regional e Local, que, em uma partilha de saberes, contribuíram na composição da pesquisa. Outra colaboração importante ocorreu diante da participação nos eventos acadêmicos, que proporcionaram uma importante troca de experiências e estudos. E ressaltado, ainda, o diálogo com os sujeitos que, com suas entrevistas, possibilitaram a construção dos elementos imprescindíveis a essa pesquisa.

A fixação do período de estudo foi definida durante as entrevistas, que sinalizaram para esses anos (1960-1980), os quais considere os mais marcantes nas memórias do cotidiano dos trabalhadores e trabalhadores entrevistados. O recorte temporal também se constitui através de leituras e, apesar de debates históricos contestarem a temporalidade da memória, foi necessário e coerente temporalizá-la e delimitá-la.

Também se fez necessário um conjunto de informações, construído a partir dos estudos de dados estatísticos, teses, dissertações, fontes iconográficas, documentos governamentais, visitas aos armazéns e sindicatos, e através das fontes orais: entrevistas com antigos trabalhadores e trabalhadoras da atividade fumageira, agricultores, mestres, secretarias, agenciadores dos armazéns e comerciantes, os quais firmaram os referenciais deste trabalho.

O título do trabalho refere-se à expressiva vivência no cotidiano fumageiro. A partir dele, propus-me a dar ênfase aos “*caprichos*” femininos mais condicionados ao ato de cuidar, de resistir, de esmerar-se (caprichar), da obstinação, das estratégias e poderes, vivenciados nos *trapiches* ou armazéns de Conceição do Almeida.

Utilizo nesta dissertação o vocábulo “*atividade fumageira*” e não *indústria fumageira* ou *cultura fumageira*, por considerar terminologias como indústria um conceito inadequado a um contexto que envolvia outras instâncias como o trabalho rural e o trabalho domiciliar. Considero que o vocábulo cultura, por ser abrangente e suscitar várias interpretações, não pode ser visto simplesmente como prática de produção trabalhista. A ideia de cultura integra-se aos diferentes mecanismos sociais, sendo que foi vinculada ao cultivo agrícola, aos ofícios, ao erudito como sinônimo de boa educação e de civilização, associada às religiões, valores e as artes. Portanto, é um conceito de uma amplitude generalista e abrangente.

Segundo Raymond Williams, cultura “é todo um conjunto de práticas e expectativas, sobre a totalidade da vida; nossos sentidos e distribuição de energia, nossa percepção de nós mesmos e nosso mundo.”¹ E. P. Thompson² afirma que as experiências culturais estão associadas aos elementos de resistência popular e, sendo matéria-prima da consciência, fazem parte de uma prática de costumes que condiciona ideologicamente o funcionamento do cotidiano. Assim, considero o conceito *atividade fumageira* mais apropriado para esta pesquisa.

Para investigar a vivência dos trabalhadores e trabalhadoras da atividade fumageira, neste estudo recorreu-se a uma variedade de fontes escritas e orais, que se alicerçaram em apoios teóricos e metodológicos, fundamentados nos conceitos históricos de região, gênero, poder, dominação, trabalho, cotidiano, oralidade e memória, também considerando os eixos temáticos e as concepções de diversos autores como norteadores deste trabalho.

Tive certa dificuldade em relação às fontes escritas locais, pois, ao procurá-las em sindicatos e armazéns existentes no município e região, constatei que quase não havia documentos arquivados das décadas passadas. Isso evidencia uma ideia de que as histórias passadas, principalmente as das classes populares, não mereceram registros por parte dos órgãos, não precisam ser preservadas, foram simplesmente descartadas. Em muitos processos históricos, a participação popular quase não foi enfocada, sendo condicionada de forma minimizada, dando-se mais ênfase aos interesses dos grupos dominantes. Assim, as histórias populares são sufocadas por “heróis”, líderes políticos com seus nomes e poderes, que se colocam no pedestal da história.

Quanto às fontes bibliográficas locais, há um trabalho minucioso e importante sobre a história do município, a obra do memorialista Geraldo Coni Caldas, que deixou um legado de informações em seus livros, os quais serviram também para alicerçar este trabalho.

¹ WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. p.133.

² THOMPSON, E. P. *Costumes em Comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Destaco também que durante pesquisa realizada no Arquivo Público do Estado da Bahia, deparei-me com um acervo documental imprescindível do *Instituto Baiano do Fumo*, no qual encontrei importantes documentos sobre a atividade fumageira do Recôncavo Baiano e de Conceição do Almeida, vestígios históricos que possibilitaram novas análises sobre esse contexto, principalmente a partir da leitura do acervo e diante da interpretação das fontes iconográficas ali contidas.

Em pesquisa realizada na Biblioteca Pública do Estado da Bahia, especialmente no acervo de jornais, encontrei algumas matérias jornalísticas importantes, bem como, as leituras de algumas revistas, enciclopédias e documentos relacionados à atividade fumageira contribuíram para novas apreciações, assim como a busca e análise de dados estatísticos, que enriqueceram consideravelmente a pesquisa.

Entrevistei vinte e três pessoas, sendo em sua maioria mulheres. Não tive dificuldades em entrevistar os trabalhadores e trabalhadoras, primeiro porque já havia certo grau de conhecimento e uma convivência amigável com essas pessoas. Ocorreu, entretanto, a preocupação de encaminhar as entrevistas de forma coerente, tendo cuidado para que o grau de conhecimento em torno dessas pessoas e dessa realidade não tornasse as entrevistas menos interessantes. Durante as entrevistas, deixei que as falas ocorressem livremente, o mais espontâneo possível, intervindo em alguns momentos que julguei necessário, para que o trabalho de rememoração realmente fluísse. Como assinala Montenegro:

O trabalho de rememorar, que se estabelece através do diálogo entre entrevistador e entrevistado, assemelha-se a maiêutica socrática, sobretudo pela empatia que deve existir. O entrevistador deverá colocar-se na postura de parteiro das lembranças, facilitador do processo que se cria de resgatar as marcas deixadas pelo passado (da memória) que está em constante mudança.³

Como metodologia, recorri aos fundamentos da história oral, privilegiando autores e obras que trazem essa abordagem, para entender a dinâmica que é o estudo a partir das fontes orais e a sua importância no contexto histórico atual, principalmente nos estudos de grupos que foram negligenciados, como destaca Alistair Thompson:

O testemunho oral gera novas histórias, por sua vez, pode literalmente, contribuir para o processo de dar voz a experiências

³ MONTENEGRO, Antônio Torres. *História oral, memória e cultura popular revisitada. Manual do entrevistador oral*. São Paulo: Contexto, 1992. p.150.

vividas por indivíduos e grupos que foram excluídos das narrativas históricas anteriores, ou foram marginalizados.⁴

A importância da história oral está na oportunidade de ouvir e compartilhar memórias, o que exige um debate em torno das suas nuances. A relação estabelecida entre a história oral e a memória tem sido foco de muitos estudos, dentre os quais destaco os de Alessandro Portelli, que assinala que a fonte oral, como qualquer outra fonte, deve ser submetida à crítica e à análise, atribuindo-lhe graus de probabilidades, sendo prudente buscar outras fontes em arquivos, estudando cuidadosamente a coerência ou não da informação mais provável.

A entrevista é um mecanismo vivo, rodeado por diversos fatores que norteiam as pessoas envolvidas: a capacidade de expressão, a necessidade de ouvir e a percepção do momento de intervenção. Segundo Paul Thompson, um bom entrevistador é aquele que tem “interesse e respeito pelo outro, como pessoa, com flexibilidade nas reações em relações a eles; capacidade de demonstrar compreensão e simpatia pela opinião deles; e acima de tudo, disposição para ficar calado e escutar.”⁵

O uso da história oral possibilita repensar a concepção de ‘única história’, pois reconhece a multiplicidade das histórias e das memórias. Porém, a entrevista por si só não pode ser considerada fonte, é necessário a interpretação e a análise, a exemplo do que acontece com outras fontes. Através das falas dos trabalhadores da atividade fumageira, torna-se possível perceber também as histórias que, de certo modo, perderam-se nas lembranças e, inconscientemente, continuam guardadas.

Desta forma, o pesquisador não constata fatos, ele interpreta fontes; as informações não são necessariamente exatas, categóricas, absolutas, por isso deve-se buscar vestígios, ter o dom de observar, ouvir e ler nas entrelinhas, fazer cruzamentos de fontes e ideias, enxergar as técnicas utilizadas nas fontes e o que elas têm a nos dizer. Portanto, a entrevista exige mecanismos como cortes, eleições de elementos e análise de fatos, processos comuns em qualquer trabalho científico. “(...) O pesquisador utilizará em seus trabalhos as partes do relato que sirvam aos objetos fixados, destacando os tópicos que considera útil e desprezando os demais”⁶

Sobre o ponto em discussão destaque-se que é necessário estruturar a pesquisa não apenas como um emaranhado de informações. Os testemunhos podem denotar problemas

⁴ THOMSON, Alistair. *Recompondo a Memória: Questão sobre a relação da entre História Oral e as Memórias. Ética e História Oral. Projeto História*, n.15, PUC/SP. São Paulo, 1997. p. 68-69.

⁵ THOMPSON, Paul. *A voz do Passado: História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p.254.

⁶ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Relatos orais: do 'indizível ao dizível'*; In: SIMSON, Olga Moraes Von (org.). *Experimentos com histórias de vida*. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1988. p.18.

cronológicos (passado, presente e futuro) e mutações, fragmentos que se contradizem, o que fará com que o pesquisador esteja atento ao exercício constante da interpretação, pois a história oral reaviva a voz de quem viveu e o significado é construído por quem relata, dando ao historiador a possibilidade da análise e do recorte “daquilo” que se pensa ser interessante ficar escrito. Assim, a fala torna-se transcrição para outros leitores.

É de suma importância a forma de transcrição, que deve ser considerada como um momento da pesquisa para quem trabalha com a história oral e, por isso mesmo, deve ser minuciosa. Segundo Portelli, a transcrição é que “transforma objetos auditivos em visuais, o que inevitavelmente implica mudanças e interpretação.”⁷ Mecanismos como cortes, seleção, eleição de elementos fazem parte da escrita na história, como afirmou Charles Santana:

O seu registro está na fita. O seu tempo é o do diálogo. Assim, os temas surgem do passado estimulado pelo contato do momento da entrevista. Momento este que envolve o passado e estabelece o tom: é um pretérito que existe, vivo em cada presente em que emerge.⁸

A entrevista abre possibilidades de se verificar múltiplas histórias. A história oral estimulou o estudo do cotidiano e a percepção das formas de articulação de grupos de diversas classes sociais, gerações ou gênero. É preciso considerar as condições de produção da entrevista, pois esta é repleta de uma ação interativa, comunicativa entre o entrevistador e o entrevistado. Segundo Verena Alberti, “a entrevista não é o retrato do passado”⁹, é narrativa, possui aspectos que devem ser observados, a linguagem, a seleção, a organização dos acontecimentos e seus sentidos. “O que se diz depende muito a quem se diz.”¹⁰ Assim, a entrevista deve ser avaliada e analisada constantemente.

Para o entendimento das entrevistas, faz-se necessário perceber a construção do pensamento, os ritmos, os tons, os lapsos, silêncios, risos, emoções, as cronologias expressadas, que podem apresentar lacunas significativas. Por isso, é essencial lidar com os avanços e recuos no tempo colocado nas narrativas, pois os assuntos não são necessariamente cronológicos, exatos e nem sempre são articulados entre si.

⁷ PORTELLI, Alessandro. A Filosofia e os Fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. *Tempo 2*. Revista do Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro: Relume- Dumará, dez. 1996. p.29.

⁸SANTANA, Charles D’Almeida. *Fartura e Ventura Camponesas. Trabalho Cotidiano e Migrações, Bahia: 1950-1980*. São Paulo: Annablume, 1998. p.123.

⁹ ALBERTI, Verena. História dentro da História. In: PINSKY. Carla Bassanizi, *Fontes Históricas*. (Org.) São Paulo: Contexto, 2006. p.170.

¹⁰ Ibidem.

Desta forma, a História Oral estabelece-se como um campo aberto às indagações e ao conhecimento histórico, como afirma Caldas: “A oralidade está aberta ao provisório, às dúvidas, ao universo a ser estudado, das maneiras de agir, deixando agir, deixando aberto às vozes e ao sistema de vozes o direcionamento maior de si mesmo.”¹¹

Portando, o trabalho de produção das fontes orais deve ocorrer mediante a preparação das entrevistas, a realização e o tratamento que se darão a elas. Inclui roteiros, definir quem, como e quando entrevistar, e além de conhecimento prévio do universo a ser estudado, é necessário observar os fatores representativos e os “desviantes” da pesquisa, escolher o tipo de entrevista mais adequada, considerando que o gravador ou a câmara criam, por vezes, uma situação artificial, o que pode inibir o entrevistado, levando à omissão de fatos. Embora isso não tire o valor do gravador, cuja sua utilização repercutiu na forma de registro oral revolucionando a sua prática, tornando as falas fontes de pesquisa documentada.

A partir de 1970, a história oral foi revitalizada, perpassando por críticas de que a memória oral não era confiável como fonte histórica, pois costumava “ser distorcida pela deterioração física e pela nostalgia própria da idade avançada, pelas tendências pessoais tanto do entrevistado como do entrevistador e pela influência das versões coletivas e retrospectivas do passado”.¹² Essa afirmativa leva-nos a questionamentos: será que a avaliação da confiabilidade da memória oral não perpassa pela mesma situação de lembranças presentes nos documentos escritos? Será que esses não são tão “seletivos e tendenciosos” quanto à memória oral? Os fatos históricos sofreram inegavelmente processos de influência de quem viveu em épocas distintas, contou e escreveu. É evidente que não se deve limitar um estudo unicamente à fonte oral, pois é necessário verificar a pluralidade das versões do passado.

Durval Muniz, em seu artigo sobre *As dobras do dizer: Da (im) possibilidade da História Oral*, argumenta sobre a relação de complementariedade e o distanciamento entre o texto e a fala, que faz parte de um processo de silenciamento, e afirma que “o oral não deve ser o oposto dicotomicamente ao escrito, como duas realidade distintas, mas como formas plurais que se contaminam permanentemente, pois haverá sempre um traço de oralidade riscando a escritura e as falas sempre carregarão pedaços de texto.”¹³

Sobre a construção da narrativa histórica, Peter Burke afirma que a relação da memória e da história tornou-se problemática. Lembrar e escrever sobre o passado é algo complexo e não pode ser visto ingenuamente, deve-se levar em conta a “seleção consciente ou

¹¹ CALDAS, Alberto Lins. *Oralidade texto e História. Para ler a história oral*. São Paulo: Loyola, 1999. p. 95

¹² Idem. p. 51.

¹³ ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado. Ensaio de Teoria da História*. Bauru-SP: EDUSC, 2007. p.230.

inconsciente, a interpretação e a distorção das narrativas,”¹⁴ tentando perceber de que forma esses fatores são influenciados pelos grupos sociais e como são individualizados.

As críticas sobre a construção da narrativa histórica a partir das fontes orais foram amenizadas, paulatinamente, com as discussões em torno da ‘História do Tempo Presente’, que estimulou o interesse pelo cotidiano, por novos objetos como a família, gestos, trabalho, rituais, as festas e formas de sociabilidades, mudando a concepção do que seria fonte histórica. Ocorreu também a valorização da interdisciplinaridade e de uso de outros registros como fontes.

A atual perspectiva que debate a problemática da história do tempo presente é um campo de reflexão abrangente, pois é uma história que envolve o próprio tempo de vida do historiador, por vezes confundida com história contemporânea. Para Eric Hobsbawm¹⁵, a história do tempo presente discorre a partir da existência de uma fonte testemunhal viva, uma história que relaciona proximidade temporal e material do pesquisador, em relação ao objeto de pesquisa, diante da diversidade de fonte, sendo sistematizado pela provisoriedade, o que corresponde à “história imediata” que tenta ligar o presente às possibilidades do passado.

O campo historiográfico sobre a história do tempo presente, segundo Agnès Chaveau e Philippe Tétart, teria inicialmente sido abordado como uma história renovada do político, o impulso das gerações mais novas em compreender o fenômeno da demanda social atual. Para esses dois autores, essa modalidade historiográfica seria tributária dos anos de 1950, quando a sociedade “demandava esclarecimentos a respeito dos traumas que viveram, a força dos engajamentos ideológicos, morais, dos anos 50-60”¹⁶. Comentam, também, que esse campo se ampara no pressuposto metodológico de que a história não é somente o estudo do passado, mas, também, “com um menor recuo e métodos particulares, o estudo do presente.”¹⁷

Outra fonte importante nessa dissertação diz respeito a utilização das iconografias, a partir da análise das imagens fotográficas da atividade fumageira. Tenho o privilégio de ser filha do fotógrafo e memorialista Manoel da Conceição Santos (Nezinho Fotógrafo), que por, muitos anos, registrou as imagens da cidade, Desta forma, possuo um pequeno acervo fotográfico e pretendo torná-lo acessível para outros estudos.

¹⁴ BURKE, Peter. História como memória social. In:_____. *Variedades de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p.70.

¹⁵ HOBBSAWM, Eric. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.244.

¹⁶ CHAVEAU, Agnes e TÉTARD, Philippe (Orgs). *Questões Para Uma História do Presente*. Bauru, SP: EDUSC,1999. p.17.

¹⁷ Idem, p. 15.

Desta forma, as imagens são importantes fontes históricas, que sugerem e que questionam, não é algo neutro, traz indagações, permite a elaboração de um discurso, desempenha um papel importante junto à história oral como suporte da memória.

Nesse sentido, pensar a fotografia como fonte histórica é pensar que “as imagens são resíduos do passado.” Refletindo que a fotografia foi produzida diante de uma intencionalidade, para um determinado fim, representando um meio de informação, recordação e prova da existência de um fato e de um dado momento. Como fonte histórica, deve ser investigada de forma sistemática como uma possibilidade de novas descobertas, sabendo-se que esta traz informações de um passado repleto de “signos explícitos e implícitos”. Portanto, tais imagens são documentos importantes para o entendimento de uma dada sociedade. Essa discussão se referencia nas abordagens de Boris Kossoy, Ana Maria Mauad, Cristiane Nova e Susan Sontag, que serviram de embasamento para esta pesquisa.

Ao olharmos uma fotografia, a memória é ativada de forma que acabamos lembrando uma situação relativa ao instante em que se desenrolou o fato registrado e, conseqüentemente, outros fatos que não estão presentes na imagem fixada, detalhes subjetivos que enriquecem e se transformam em informações que podem interessar à pesquisa proposta. Esses detalhes ditos subjetivos, ativados pelo olhar diante de uma imagem de família, de um acontecimento social, de um espaço geográfico modificado com o passar dos anos e tantas outras situações são registradas por fotógrafos de todos os tempos.

Nessa perspectiva, se a contemplação de uma imagem aciona a memória e os sentidos, a fotografia é um instrumento de “religação do passado” que naquele momento se torna presente, é um documento histórico que encaminha ao exercício da interpretação, dependendo da forma como se faz a sua análise e como a confronta com o espaço, criando, assim, uma relação de sentidos e subjetividades. A fotografia tornou-se uma instigante documentação visual, preservando a “memória de fragmentos do mundo,”¹⁸ com seus cenários e sujeitos, refletindo uma existência congelada pelo ato fotográfico, apesar de ainda ser utilizada por muitos pesquisadores de forma simplista ou como mera ilustração da vida e do cotidiano. No entanto, pode ser inserida no contexto do saber histórico como fonte documental essencial ao entendimento do passado.

Assim, a utilização da fotografia como fonte histórica lança um desafio que é tentar chegar àquilo que não foi revelado pelo olhar fotográfico, analisar as pistas e vestígios que estão além do simples ato de olhar. Observar uma imagem é fazer uma leitura, é ir além da

¹⁸ KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. São Paulo: Ateliê, 2001. p.152

mera ideia descritiva, analisando a transmissão de elementos do passado, gerando uma espécie de comunicação, visualizando-se no seu contexto os comportamentos, as implicações culturais, sociais, espaciais e ideológicas, como sinaliza Boris Kossoy:

Toda fotografia tem atrás de si uma história. Olhar para uma fotografia do passado e refletir sobre a trajetória por ela percorrida é citá-la em pelo menos três estágios muito bem definidos que marcam a sua existência. Em primeiro lugar houve uma intenção para que ela existisse; essa pode ter partido do próprio fotógrafo que se viu motivado a registrar determinado tema do real ou de um terceiro que o incumbiu para a tarefa. Em decorrência desta intenção teve lugar o segundo estágio: o ato do registro de origem à materialização da fotografia. Finalmente, o terceiro estágio: os caminhos percorridos por esta fotografia (...) ¹⁹

Segundo Susan Sontag, “a fotografia incita a memória, preenche vazios no retrato mental que fazemos do presente e do passado,” ²⁰ envolve uma sensibilidade emotiva na tentativa de alcançar uma realidade distante, por isso mesmo são emolduradas, guardadas em álbuns, postas na parede, são exibidas e demonstrada em diversos lugares.

Conforme se destacou anteriormente, a fotografia instiga metáforas visuais e, de certa forma, constituiu-se como a “materialidade da memória”, “prova” de identificação, a qual remete a reações introspectivas, sentimentos que se formam diante da visão do passado, podendo ser repudiada ou guardada significativamente; nos caminhos da memória, por vezes, reconstrói-se lembranças alegres ou sofridas, promovendo uma espécie de nostalgia. Assim, “fotografia e memória se confundem como fonte inesgotável de informação e emoção.”²¹ As memórias são revestidas de valor simbólico ou afetivo. As imagens silenciosas, que apesar de não possuírem nem cheiro, nem gosto, nem tato, nem calor, fazem estimular sentimentos, criando sensações.

A vida é repleta de narrativas que se transformam diante das dimensões do viver e das relações sociais que a cerca. Estamos constantemente contando histórias, ressignificando fatos, rememorando, entrelaçando temporalidades e experiências do passado no presente. Assim, transcorreu nessa pesquisa, narrativas e análises das imagens da atividade fumageira estabelecendo uma relação entre estas e as memórias. A história, como as outras formas de conhecimento e entendimento da realidade social, busca um entendimento dos fatos, numa construção sucessiva de saberes, sendo que essa nunca está pronta ou finalizada, está sempre

¹⁹ Ibidem.

²⁰ SONTAG, Susan. *Ensaio sobre a fotografia*. In ____: *Na caverna de Platão*. Rio de Janeiro: Arbor, 1981. p.22.

²¹ KOSSOY, Boris. *Op.cit.* p.156.

se construindo e se desenvolvendo, e nem sempre está preso ao passado, como nos afirma Borges: “A história não é o passado, mas um olhar dirigido ao passado, a partir do qual esse objeto ficou representado. (...) A história se faz com documentos e fontes, com ideias e imaginação”.²²

Nessa perspectiva, faz-se pertinente pensar a construção da memória no cotidiano fumageiro, a partir da historicidade da memória. Na mitologia grega a deusa da memória, “*Mnemosine*, é mãe de *Clio*, a musa que protege a História. A elas cabia a tarefa maior de fazer do homem um ser eterno, pois “a memória, por ser fonte de imortalidade, é categoria fundamental do ser, matéria prima da vida, imperativo da sobrevivência.”²³

Durante a chamada Idade Média, a memória estava vinculada aos ideais da Igreja Católica, a lembrança de Deus seria a mais importante de todas as memórias, sendo descartados os sentimentos e desejos, bem como as lembranças dos vícios e do pecado. A memória seria, assim, designada pelo divino, como o elemento que liga o homem a Deus.

No período renascentista, a memória se compõe dentro do papel da lembrança do entendimento dos mundos, não havendo, portanto, concepções inatas. “Deus não pode existir na memória dos homens”, afirmavam os pensadores, dessacralizando a memória. No século XIX, as discussões historiográficas passaram a repensar a memória como um conjunto de representações provenientes do inconsciente, reconhecida a partir da reflexão das vivências e a memória seria como a projeção de um filme que contextualiza o tempo passado. Entretanto, o ato de lembrar não é trazer de volta os sentimentos como eles se constituíram no passado, pois os sentidos se transformam e os modos das lembranças são diversificados.

Para a psicanálise freudiana, a memória se estabelece diante de sentimentos recalçados e esquecidos. Nessa perspectiva, no início do século XX, as pesquisas psicanalíticas trouxeram reflexões sobre a memória das experiências, do consciente e do inconsciente, fazendo referências aos acontecimentos externos, aos estímulos e aos armazenamentos da memória.

Assim, a memória se apresenta como uma construção que desafia os estudos historiográficos. Está sempre vinculada a alguém, a um determinado grupo, sujeita a manipulação pelas ideias futuras e pelos poderes do presente, como ressaltou Paul Ricoeur.²⁴

A memória não pode ser concebida como depósitos de informações relativas à vida individual ou coletiva. Para José D’Assunção Barros, a memória deve ser pensada na

²² BORGES, Vavy Pacheco. *O que é história*. São Paulo: Brasiliense, 1993. p. 45-46.

²³ NEVES, Lucília de Almeida. *Jardim do Tempo*. Belo Horizonte: Del Rey, 1999. p 99.

²⁴ RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas/SP: Editora UNICAMP, 2007.

“perspectiva criativa, como uma produção simbólica que institui identidade e assegura a permanência de grupo, não podendo ser associada metaforicamente como teoria, mas como espaço vivido, político e simbólico.”²⁵

Portanto, é necessário pensar os “lugares da memória” e as formas de sua apropriação como fonte histórica, como essência historiográfica, percebendo as suas perspectivas e fronteiras. Desta maneira, a memória está intrinsecamente relacionada à visão de preservação, do que merece ser lembrado e do que não pode ser esquecido, envolvendo dialeticamente a construção de memória individual e coletiva.

Ao longo desse estudo sobre a memória dos trabalhadores e trabalhadoras da atividade fumageira, buscou-se contextualizar as ressignificações das lembranças, principalmente no que diz respeito aos modos como foram concebidas e transmitidas as memórias nos percursos entre o coletivo e o individual, como aborda Maurice Halbwachs²⁶: A memória individual envolve a memória coletiva dimensionando os aspectos das narrativas e das linguagens faladas e escritas, ou seja, a memória, através da possibilidade de comunicação referencia o passado, atuando na continuidade de pensamentos.

Maurice Halbwachs questiona a compreensão de memória como uma instância passiva, estática, apontando-a como uma complexidade e não meramente uma ação ‘mecânica de vestígios’, sendo integrante de um processo interativo e dinâmico. Para ele, as interações da memória individual são marcadas por um tempo social, numa constante atualização que soma e preenche as lacunas do presente, já que há uma multiplicidade das memórias, principalmente nas perspectivas historiográficas. Assim, o autor contextualiza a memória, como uma essência que reflete as vivências individuais e coletivas, e para esse “a memória tem uma história.”

A composição da memória a partir da referência do grupo e da concepção do meio social que se vive denota a concepção de que ela é um grande fenômeno social, o que acaba influenciando o pensamento individual, pois a memória coletiva influencia a memória individual. Geralmente se vê pela ótica do que foi visto antes, pois nunca estamos sós em nossos pensamentos, estes são conceitos construídos com o outro, compartilhada, como afirma Halbwachs: “nossa memória não é uma tabula rasa, nossas lembranças permanecem coletivas, e elas não são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos que só

²⁵ BARROS, José D’Assunção. História e Memória. Uma relação na confluência entre tempo e espaço. *Mouseion*, Vol. 3, jan-jul/2009. Disponível em: < <http://www.unilasalle.edu.br/museu/mouseion/historia>.> Acesso: em mar. 2010.

²⁶ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1990. p.26-28.

nós estivemos envolvidos, na realidade nunca estamos sós.”²⁷ Segundo esse autor, a memória é um fenômeno coletivo, pois trazemos conosco concepções e sentimentos despertados pelo convívio com o grupo social no qual estamos inseridos. Todo conjunto de lembranças envolvem não só os fatos, mas pessoas, e são reconstruídas sobre a vivência em comum. Conforme Halbwachs,

[...] embora as memórias individuais tenham sempre um caráter social, elas representam “um ponto de vista das memórias coletivas” por isto devem ser analisadas com muita cautela pelos historiadores, pois intercalam imagens de diferentes lembranças que se constituíram nas relações sociais, e a partir da posição social que o sujeito ocupa sendo, portanto sujeitas as interferências e mudanças. A memória individual é também resultado da construção das experiências e circunstâncias atuais.²⁸

Nesse sentido os indivíduos são seres no mundo e, como tal, portadores de um lugar social e de uma temporalidade, a sua e a herdada, partilhada pelo grupo. Assim, a memória é um processo em que o sujeito se liga com o social, o que Halbwachs denomina de “quadros sociais da memória”. É nesse momento de partilha de uma sensibilidade e da capacidade mental de lembrar e reter imagens de uma experiência passada, bem como de interação entre o indivíduo com o social, que a memória se torna histórica.

As críticas sobre a perspectiva de Halbwachs partem da premissa de que o autor pressupõe que toda memória é coletiva. Para alguns teóricos essa perspectiva eliminaria a possibilidade de autonomia dos sujeitos, das suas subjetividades, sendo simplesmente constituído diante de relações sociais, trazendo o risco de uma padronização e opressão da memória.

Na concepção de François Dosse, Halbwachs absolutizou o corte entre as duas dimensões: memória e história. “A memória coletiva se apresenta como um rio que alarga seu leito ao sabor de sua corrente em uma linha contínua, enquanto a história divide recorta períodos e privilegia as diferenças, as mudanças e outras descontinuidades.”²⁹ Assim, para esse autor, as ideias de Halbwachs se expressam diante de uma concepção positivista, baseada pelas ideias durkaheiniano, apresentando a história como uma objetividade factual, descritiva. Desta forma, a história estaria relegada ao campo social, permeada por temporalidades

²⁷ Ibidem.

²⁸ Idem. p.51

²⁹ DOSSE, François. A oposição História/Memória. In: _____. *História e Ciências Sociais*. Bauru/SP: EDUSC, 2004. p.171.

exterior, enquanto a “memória é concreta e toma por testemunho os múltiplos lugares de cristalização.”³⁰

A História, assim como a memória, é transformada pelas experiências e pelas problematizações, trazendo novas abordagens, criando uma “nova história da memória.” A história social da memória aproximou a memória e a história, reavaliando-se as percepções sobre as lembranças e os esquecimentos por meio de investigações reflexivas, estimulando uma nova concepção do passado.

As percepções sobre a memória impulsionaram os estudos em torno dos ‘lugares da memória’ a partir das contribuições de Pierre Nora, que desenvolveu pesquisas conceituais do que seria memória. Segundo esse autor, a memória precisa ser alimentada no cotidiano, pois a memória não é um acontecimento natural, mas uma construção humana datada, por essa razão “a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga a continuidades temporais, as revoluções e às relações das coisas. A história é o absoluto e a memória o relativo.”³¹

Por sua vez, Jacques Le Goff³² evidencia a perspectiva da memória a partir da preservação do passado diante das experiências humanas, seus lugares simbólicos, suas comemorações, seus emblemas, sua arquitetura, seus monumentos e patrimônios, mediante os arquivos particulares e coletivos. Assim, dimensiona a concepção da memória instituída a exemplo dos arquivos nacionais, dos museus, mantidas e vinculadas pelos governos, estabelecendo uma construção de uma identidade nacional, as visões patriotas e seus mitos, suas datas, que buscam firmar uma história que de certo modo não “deve ser esquecida,” uma espécie de manipulação da memória.

A memória é contaminada pela história, e, conseqüentemente, a história também contamina as memórias. Segundo Le Goff³³, atualmente os meios de comunicação de massa, os movimentos sociais estimulam uma ressignificação do saber histórico, fato esse que deve ser pensado pelo historiador, observando as manipulações e distorções dessa memória. E assim, há uma necessidade de recuperar certas ‘memórias’. Contemporaneamente, a memória ganhou *status* como momento de preservação do passado, estabeleceu-se certa compulsão pelo arquivo.

³⁰ Idem p.170.

³¹ NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, n.10, – PUC/SP. n.10, 1993. p.09.

³² LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora Unicamp, 2003. p. 423- 483

³³ Ibidem.

Michael Pollak discorre sobre a dialética entre memória e esquecimento, a concepção da ‘presença da morte’ contribui para que muitos silêncios sejam rompidos. A memória coletiva de um determinado grupo se define como “uma memória estruturada com suas hierarquias e classificações, uma memória também que, ao definir o que é comum a um grupo e o que diferencia dos outros, fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento e as fronteiras sócio-culturais”.³⁴ Nesse sentido, acentuam-se contradições e ambigüidades em torno das memórias. Desse modo, a memória emerge como um espaço de reconstituição, no qual os sujeitos expressam e reconhecem suas experiências, diante de relações que travam entre si e no convívio com o outro.

As possibilidades criadas em torno da memória são inesgotáveis, mas lidar com ela, no entanto, exige sensibilidade, ética e entendimento histórico, pois é uma área de conhecimento fértil, porém sutil. A intenção em torno do estudo da memória é procurar as evidências que levem às interpretações e análise do passado. O tempo da memória ultrapassa o tempo da vida individual, pois traz consigo histórias vivenciadas coletivamente. Como destaca Ecléa Bosi:

Não há evocação sem uma inteligência do presente e que uma lembrança é diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, seria uma imagem fugida. O sentimento também precisa acompanhá-la para que ela não seja uma repetição do estado antigo, mas uma reparação.³⁵

Estudar a memória é entender a descontinuidade das coisas, relacionando presente e passado. O que captamos na busca do seu entendimento são as percepções. “A memória é a conservação que o espírito faz de si mesmo. É mais do que viver de imagens do passado, (...) a narração possui recursos melódiosos ascendentes e descendentes na entonação.”³⁶ Ecléa Bosi, na sua obra *lembranças de velhos*, baseou-se nas ideias de Bergson, autor que discute a relação da matéria e do espírito, reflete que não há lembranças totais, intactas, pois as mudanças sociais transformaram os hábitos e as relações, influenciando na dinâmica da memória; também evidencia a distancia entre memória pura e memória hábito, sendo que esta última envolve mecanismos motores e a memória pura é composta de lembranças isoladas singulares, que contém autênticas raízes com o passado. Desta forma,

³⁴ POLLAK, Michael. Memória, Silêncio, Esquecimento. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, n.03. 1989. p.09.

³⁵ BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade Lembranças de Velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p.81

³⁶ Idem. *O tempo vivo da memória: ensaio de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê, 2003. p.45

[...] A memória é sim, um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido contado pela cultura e pelo indivíduo. [...] Se a memória é não passividade, mas forma organizadora é importante respeitar o caminho que os recordadores vão abrindo na sua evocação porque são mapas afetivos da sua experiência e da experiência do seu grupo.³⁷

As memórias explicitadas nos depoimentos desta pesquisa enfocam diversos fatores contidos na história do trabalho, do cotidiano, na história pessoal ou de um pequeno grupo representado em sua pluralidade. As experiências pessoais ou comuns foram colocadas em primeiro plano, no contexto histórico-social do cotidiano fumageiro, ao se voltar a atenção para as falas que são narrativas de micro-histórias, possibilitando múltiplas interpretações.

Ambiguidades e pluralidade de interpretações são possíveis nas narrativas, pois cada sujeito faz um recorte do cotidiano vivido. Memórias individuais e coletivas fundem-se. Como lembra Portelli, “a memória é um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados. Em vista disso, as recordações podem ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas”³⁸

Considerando a lembrança e o esquecimento como movimentos que assinalam a matéria de que é feita a história, Paul Thompson considera que “o valor histórico do passado lembrado apóia-se no seguinte aspecto: transmitir a consciência individual e coletiva que é parte integrante do passado. A memória é condicionada por representações e significações feitas pelos sujeitos.”³⁹ Portanto, a memória é um elemento importante para o entendimento da vida social, dos processos de tradição, ruptura e continuidade.

O ato de lembrar não é reviver, mas reconstituir, repensar com ideias e imagens atuais as experiências passadas. A recomposição ou construção do passado deve ser entendida como uma releitura de fatos, que podem ser atrelados a influências externas do tempo e pelas contínuas interferências de mudanças de normas e valores sociais que transformam antigas percepções.

De acordo com Paul Thompson, “a memória tem como função filtrar e não apenas conservar os acontecimentos já transcorridos, o que denota o seu caráter seletivo.”⁴⁰ As memórias, sejam elas coletivas ou individuais, devem ser tratadas criticamente pelo pesquisador, pois elas são passíveis de mudanças e construídas a partir de posições sociais que os sujeitos ocupam e, nesse sentido, não estão engessadas, estagnadas. Elas traduzem

³⁷ Idem. p. 53-56.

³⁸ PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre ética e história oral. *Ética e História Oral. Projeto História*. São Paulo: EDUSC PUC/SP, n.º. 15. Abril /1997. p.16.

³⁹ THOMPSON, Paul. *A voz do Passado: História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p.152

⁴⁰ Idem. p.153.

multiplicidades, recriadas no processo de constituição de valores que são reelaborados nos modos de vida, entrelaçados nos costumes e comportamentos do passado no presente. História e memória partilham uma mesma feição de ser: são ambas narrativas, formas de dizer o mundo, de olhar o real.

Para Jucy Alves Seixas, os estudos recentes sobre a memória consideram as dimensões afetivas, as experiências humanas, sua função criativa, as sensibilidades e a forma de atualização do passado, que podem estar condicionadas por utopias e mitos. Assim, o historiador deve atentar para o movimento próprio da memória humana, para o tempo e espaço aos quais estão submetidas, conforme essa autora:

Toda memória é fundamentalmente criação do passado; uma reconstrução engajada do passado (muitas vezes submetidas, resgatando a periferias e os marginalizados) e que desempenha um papel fundamental na maneira como os grupos sociais mais heterogêneos apreendem o mundo presente e reconstroem sua identidade, inserindo-se assim nas estratégias de reivindicação por um complexo direito ao reconhecimento.⁴¹

Essas observações encaminham a outras formas de conceber os estudos históricos a partir da observação dos “planos da memória” e dos elementos eleitos, diante um procedimento metodológico que busque compreender os movimentos que tecem as memórias voluntárias e involuntárias no contexto fumageiro.

O tempo da memória é constituído de instantes e descontinuidades, não obedecendo a sucessões, é sempre recriado e atualizado mediante as experiências. A memória é alimentada pelos objetos, paisagens, imagens, odores, e as reflexões sobre ela envolvem estudos filosóficos, literários e psicológicos, cabendo ao historiador balizar esses conhecimentos.

Nessa perspectiva, esta dissertação se constituiu numa leitura das memórias das trabalhadoras da atividade fumageira em Conceição do Almeida, mediante estudo do processo histórico e econômico do município que foi marcado pelas atividades agrícolas e comerciais da atividade fumageira, sendo que sua população, durante séculos, teve suas vidas ligadas, principalmente, a essa atividade, nas lavouras ou nos armazéns de fumo.

Alguns eixos temáticos foram escolhidos no sentido de articular o entendimento em torno das especificidades do contexto fumageiro, a caracterização do município e da região a partir da conjuntura econômico da atividade fumageira, as memórias do trabalho e o seu

⁴¹ SEIXAS, Jucy Alves de. *Percurso de memórias em terra de História: Problemas atuais*. BRESCIANI, Stela. (Org.) *Memória e (res) sentimentos: Indagações sobre uma questão sensível*. Campinas/SP: Editora UNICAMP, 2004. p.42.

cotidiano, as relações trabalhistas e familiares, as estratégias de poder, estes os elementos se tornaram os fios condutores desta pesquisa.

Outra abordagem nesta dissertação é a reflexão sobre o que tem sido denominado de “História das Mulheres”, diante a inserção das mulheres na atividade fumageira, como mão-de-obra expressiva neste âmbito. Nesse âmbito é possível observar um vasto horizonte feminino, múltiplo de interpretações, nas formas de narrar suas trajetórias, histórias de vida, suas ações políticas, culturais, entre outras.

Nesse sentido, revela-se a importância dos estudos interdisciplinares, o que tem permitido a emergência de diferentes práticas discursivas conferindo visibilidade às mulheres como sujeitos históricos, razão pela qual também não há como falar simplesmente de uma “História das Mulheres”, mas de “histórias” e de “mulheres”, portanto, não é possível criar uma hegemonização do fazer historiográfico, visto que os estudos sobre as mulheres são plurais e passíveis de diversas interpretações. Para Michele Perrot, é impossível “uma história sem as mulheres,”⁴² por isso, mostrar essa ausência tem sido o primeiro grande passo da historiografia feminista que, ancorada em diferentes contribuições epistemológicas, políticas e metodológicas, construiu uma narrativa diversa, sendo imprescindível destacar, também, o uso do termo “gênero como uma categoria de análise.”⁴³

Segundo Rachel Soihet, a análise da perspectiva de gênero perpassa pelas dificuldades que o historiador encontra ao investigar sobre a história das mulheres, que decorre mais sobre a fragmentação do que propriamente a ausência feminina nos documentos e fontes escritas. No entanto, faz-se necessário ler nas entrelinhas dos documentos para perceber o que está ali subtendido, velado.

A análise sobre história das mulheres necessita de reflexões sobre os aspectos relacionais entre os sexos, na qual a visão de gênero não se limite a ver a “mulher como um apêndice do homem,”⁴⁴ ou um complemento da história masculina, mas como construtoras de novas concepções, como assegura Mary Del Priore, que trata da necessidade “de um presente sem passado decomposto, disperso, confuso,”⁴⁵ onde as mulheres sejam reconhecidas como sujeitos atuantes na história. Nesse aspecto, os estudos históricos vêm afirmar o universo social dos marginalizados por condições sociais, raciais e sexuais, trazendo as novas

⁴² PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007. p.13.

⁴³ SOIHET, Rachel. *Enfoques feministas e a História: desafios e perspectivas*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

⁴⁴ BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1949. p. 08-10.

⁴⁵ DEL PRIORE, Mary. *História das Mulheres: as vozes do silêncio*. São Paulo: Contexto, 1988. p. 217.

experiências femininas e as representações em torno das mulheres, reconhecendo-as como sujeitos ativos na produção da memória histórica. É o que afirma Maria Odila Leite Dias:

Os papéis propriamente históricos das mulheres podem ser captados nas tensões, mediação, nas relações propriamente sociais que integram mulheres, história, processo social e podem ser resgatados das entrelinhas, das fissuras e do implícito nos documentos escritos.⁴⁶

A devida atenção às fontes documentais produzidas nos espaços privados, introduzidas em estudos historiográficos, trouxe uma reflexão de que o poder não se limitava apenas aos espaços públicos. As fontes evidenciaram os contrapoderes exercidos pelas mulheres nos lares de forma oculta, na família, nos interior das comunidades rurais ou urbanas.

Para Andréa Lisly Gonçalves,⁴⁷ é necessário fazer uma releitura dos documentos reputados como oficiais, para entender as múltiplas facetas das histórias das mulheres, valorizando aspectos que foram desprezados, encontrados em diversas fontes antes negligenciadas, que contribuem para registrar a denominada “história dos excluídos.” As fontes referem-se a temas que envolvem expressões culturais, modos de vida, relações pessoais, redes familiares, étnicas, vínculos afetivos, modos e formas de comunicação e transmissão de tradições, além das lutas e resistências até então marginalizadas nos conhecimentos acerca da condição social das mulheres.

Faz-se necessário recontar histórias de experiências femininas por outros ângulos, que não sejam de oposição ao masculino, buscando rever conceitos como o da mulher oprimida, passiva e coitada. Tal posicionamento requer uma visão política, como afirma Joan Scott: “a história da mulher é um campo inevitavelmente político”. Aqui, política deve ser entendida no sentido “das práticas que reproduzem ou desafiam o que às vezes é rotulado de ‘ideologias’, aqueles sistemas de convicção e práticas que estabelecem as identidades individuais e coletivas em seu mundo, e que são encaradas como naturais, normativas, ou auto-evidente”.⁴⁸

A partir dessas perspectivas teórico-metodológicas, o presente trabalho se firmou, estando dividido em três momentos. No primeiro, discutem-se abordagens sobre o Recôncavo da atividade fumageira, caracterizando traços do município e da região, a partir da dinâmica nas lavouras e nos armazéns de fumo, no beneficiamento da produção fumageira e sua importância comercial.

⁴⁶ DIAS, M^a Odila Leite Silva. *Quotidiano e Poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 50.

⁴⁷ GONÇAVES, Andréa Lisly. *História & Gênero*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p.20.

⁴⁸ SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da História: Novas Perspectivas*. São Paulo: Editora da UNESP, 1992. p.78-79.

No segundo momento, aborda-se a dinâmica do trabalho nos trapiches ou armazéns, a rotina vivenciada pelas ex-trabalhadoras, as relações de poder firmadas no convívio entre mestres, patrões e maridos, o ato de “tirar trouxa” (trabalho informal com o fumo realizado nos lares), os laços de solidariedade e dificuldades enfrentados nesse cotidiano.

O terceiro momento discute-se o trabalho e seus significados para as mulheres, as relações familiares, a preocupação na criação dos filhos, além dos “caprichos femininos”, momento em que aborda as estratégias de sobrevivência e dos poderes implícitos nesse convívio.

Como considerações finais desta pesquisa, compreendi que para recompor essas histórias, foi necessário entender que o passado é algo inacabado, que é preciso perceber os significados ocultos que podem ser revelados ou silenciados. Diante do ‘reconhecimento’ em torno das histórias pessoais que comungam com a memória e a identidade formada no passado e no presente, é um trabalho que exige paciência no processo de análise e na percepção em torno do ato de recordar, algo extremamente desafiador ao pesquisador.

Assim, o que realizei neste estudo foi perceber a significação do aprendizado do ato da pesquisa na constituição de saberes, para que, através de uma discussão sobre memória, história oral e história das mulheres, pudessem elencar as interpretações de fontes e os sentidos da narrativa na pesquisa, em via de um percurso de significação e ressignificação pelos quais trilhei.

2. RECÔNCAVO DA ATIVIDADE FUMAGEIRA

Empreende-se, ao longo deste capítulo, uma apresentação de elementos e informações consideradas pertinentes para a trajetória desta dissertação, noções que compuseram abordagens sobre o local e o regional, traços que caracterizam o município e a região, bem como a trajetória dos trabalhadores e trabalhadoras da atividade fumageira. Este estudo implicou na utilização de diversas leituras e embasamento teóricos, que subsidiaram, juntamente com as narrativas orais, as discussões sobre o cotidiano da atividade fumageira.

Inicialmente, pretende-se contextualizar os elementos que caracterizaram a atividade fumageira, explicitando os aspectos que marcaram a dinâmica da região do Recôncavo, nas décadas de 1960 a 1980, no período marcado pelo predomínio econômico do cultivo e da manufatura do fumo, a partir de reflexões sobre essa produção no município de Conceição do Almeida-BA.

Nesse sentido, buscou-se problematizar a análise das memórias, direcionar um diálogo entre as fontes escritas, orais e iconográficas, que contribuíram para estruturação da narrativa sobre a atividade fumageira e, conseqüentemente, dimensionaram as experiências históricas desta pesquisa.

2.1 TRAÇOS DO MUNICÍPIO

A cidade não é simplesmente um fato, um dado colocado pela concretude da vida, mas como objeto de análise e tema de reflexão, ela é construída como desafio, e como tal, objeto de questionamento.⁴⁹

Falar de cidade, como afirmou Sandra Jatahy Pesavento, é lidar com a representação cultural do urbano, colocando para os pesquisadores um desafio: tentar perceber “o lugar onde as coisas acontecem” como um objeto de muitos discursos e olhares que se compõem ou se contradizem e que esse é o caminho que leva também a um imaginário social e aos sentidos que ultrapassam o “concreto” das cidades e “resgatam sensibilidades aos cenários citadinos reconstruindo sobre a materialidade da pedra e do olhar,”⁵⁰ o que leva a uma reflexão sobre a experiência do vivido e suas sociabilidades, conduzindo a memória social da cidade.

⁴⁹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: Visões literárias do urbano - Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 2002. p.10.

⁵⁰ *Ibidem*.

Diante dessa reflexão, neste momento pretende-se pensar como se constituiu e se constitui a cidade de Conceição do Almeida, encaminhando, inicialmente, uma discussão a partir do lugar, tentando ultrapassar o mito das origens ou mito fundador, e a concepção do poder centralizador das elites que, por muitas décadas, narravam a história dos locais como única forma de referência confiável. Elaborar essas reflexões não implica, simplesmente, na negação de um determinado contexto, mas a percepção de outros sentidos na composição do saber histórico sobre a cidade diante de releituras e problematizações, além da percepção do não-dito ou do subentendido.

Conceição do Almeida é um município desmembrado da antiga comarca de São Felipe em 1890, tendo sua sede instalada onde anteriormente foi construída, em meados do século XIX, uma capela, pelo então proprietário de engenho Antonio Coelho de Almeida Sande, devoto de Nossa Senhora da Conceição. A localidade foi denominada inicialmente de Capela d'Almeida, combinação de um topônimo de cunho religioso e político, o que dimensionou essas esferas de poder, que se concretizavam naquele período histórico na região. Segundo o memorialista Geraldo Coni Caldas, a origem do povoado e do nome do município está diretamente relacionada a esse contexto:

Capela do Almeida – antigo nome do povoado- data do primeiro quartel do século passado [referindo-se ao século XIX]. Um agricultor de nome Antonio Coelho D' Almeida Sande (Velho)⁵¹, proprietário residente no vale do rio Cedro, hoje Canoa, próximo à atual sede do município, construiu uma pequena Capela, reunindo nativos e recebendo auxílios diversos dos então moradores das proximidades. Capela esta edificada no local onde se encontra a Igreja Matriz da Cidade.⁵²

Essa obra memorialística evidencia que a história do município teve início a partir da construção de uma fazenda, que se formou por anseios religiosos e políticos e, assim, deu origem à cidade. Contudo, o autor não enfatiza a condição histórica anterior na qual se constituía como “engenho.” Fazendo-se essa reflexão percebe-se que o município não surgiu meramente de uma fazenda e não se desenvolveu, por “mera bondade” e vontade de crescimento político e econômico como tenta direcionar os escritos históricos anteriores.

⁵¹ Segundo o memorialista, através de estudos documentais, havia o donatário da região e um possível filho ou sobrinho que possuía o mesmo nome, e que posteriormente participou da emancipação política do município e por muito tempo foi confundido como sendo seu fundador. E, no entanto, as data e períodos pesquisados demonstram esta contradição.

⁵² CALDAS, Geraldo Coni. *Conceição do Almeida: Minha Terra, Minha Gente – Memórias*. 2ª edição. Salvador: Mensageiros da Fé – 1974. p. 45.

A História tida como “oficial” é constituída a partir de uma memória que se faz oficializada, uniformizada, que silencia “outras histórias.” Muitas vezes essa história oficial é estabelecida por uma organização de acontecimentos e interpretações que se quer preservar; há, por vezes, uma visão linear, um endeusamento do progresso econômico e social, um discurso permeado de intencionalidades, negando, muitas vezes, o processo dialético e contraditório da própria História.

A desconstrução dessa condição histórica se faz plausível ao se observar outras fontes e outras histórias contadas e recontadas pela população, nas quais se verificam as relações de poder que se estabeleciam entre os senhores e seus escravos, a presença predominante de uma população negra refletida na condição étnico-racial dos sujeitos, além da participação popular no processo de emancipação, que é relegada e enfatizada por uma elite política do município.

Conceição do Almeida permaneceu na categoria de Vila até 1909. Posteriormente, pelo decreto de nº 761, de 16 de agosto de 1909, foi elevada à condição de foro de cidade, com o topônimo de Affonso Penna,⁵³ em homenagem póstuma ao então Presidente da República Affonso Augusto Moreira Penna. Durante trinta e três anos foi assim denominada, porém, devido a um conflito político e a insatisfação popular que não construiu uma condição identitária com o novo nome, continuou a ser chamada por Capela do Almeida ou Conceição do Almeida.

Havia também outra cidade no Brasil com o mesmo topônimo (Affonso Penna), permanecendo, então, essa nomenclatura ao município mais antigo. Em 1944, o decreto lei de nº 12.978, de 1º de junho, restaurou o nome Conceição do Almeida. Essa informação se faz necessária, principalmente nas pesquisas histórias sobre o município, em função de que algumas fontes e documentos, aqui trabalhados, apresentam a nomenclatura Affonso Penna, referindo-se ao atual município de Conceição do Almeida.

Geograficamente, Conceição do Almeida está situada numa planície entre os rios Mutum e Cedro, limitando-se pelos municípios de Cruz das Almas, São Felipe, Santo Antonio de Jesus, Castro Alves, Sapeaçu e Dom Macedo Costa. A sede do município se encontra em um planalto, está a 160 km da capital do estado, pelo trajeto da malha rodoviária da BR 101 e BR 324. Possui, atualmente, como principais atividades econômicas as práticas agrícolas e a pecuária. O município conta com uma população atual estimada de 17.684 habitantes, segundo censo estatístico de 2008⁵⁴.

⁵³ *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*, XX Volume. 1958. Arquivo Público do Estado da Bahia, Salvador-BA, Brasil. Acervo Biblioteca do Arquivo. p.177-178.

⁵⁴ IBGE CIDADES. Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel> >. Acesso: 20 de junho de 2009.

Há um poema de Carmem Caldas de Teive e Argollo escrito em novembro de 1973, publicado no capítulo “Cultura de Nossa Gente”, do livro do memorialista Geraldo Coni Caldas, no qual a autora descreve o que seria a antiga cidade de “Afonso Pena”:

Cidade de Conceição do Almeida! Nasci em Afonso Pena, uma cidadezinha, lá no alto, toda natural e com quatro ladeiras, quatro ruas, pacata, todos parentes. Era uma comunidade! Bem no centro entre quatro ruas, a Matriz de nossa Senhora da Conceição. Ao lado um coreto, onde se fazia presença obrigatória nos dias de festas a Filarmônica Lira Almeidense. Eram as festas de largo, as ruas cheias do povo a andar para a praça com quermesses, barracas e o parque de diversões, namoros velhos, acertos novos. Cadeiras nas calçadas das casas. (...) ⁵⁵

Essa era a cidade idealizada na memória da poetiza, ao recordar a sua infância na antiga Afonso Pena, percorrendo as ruas da pequena cidade, o convívio nos momentos de lazer, presente ao longo de sua descrição poética, ela faz uma leitura ‘da cidade que um dia foi e da qual pouco resta, um espaço portador de sensibilidades e significados’; como lembra Ítalo Calvino em ‘cidades invisíveis’ “a cidade se embebe como uma esponja dessa onda que refluí das recordações e se dilata, (...) e os desejos agora são recordações.” ⁵⁶

“Há uma cidade que pode ser lida,” conforme José D’ Assunção Barros, há uma escrita arquitetônica, produzida nos desenhos das ruas, nos monumentos e habitações que nos fala daqueles que a habitam, entrecruzando temporalidades, aspectos antigos e modernos, que se materializam no espaço e, por vezes, são convertidos em uma narração; assim, “a cidade é um grande texto que tece dentro de si uma miríade de outros textos. (...) O historiador torna-se um decifrador de discursos.” ⁵⁷

Os espaços urbanos devem ser observados a partir das concepções e configurações humanizadas, porque quando percorridos pela memória trazem o sentido da identidade, cria-se um elo com o passado, uma espécie de aventura afetiva, como bem menciona Ecléa Bosi: “Cada geração, tem de sua cidade, a memória de acontecimentos que são pontos de amarração de sua história. (...) A cidade, como a história de vida é sempre a possibilidade desses trajetos que são nossos percursos, destino, trajetória da alma.” ⁵⁸

Pensar a cidade não é simplesmente inventariar os lugares, é pensar os espaços urbanos como produto histórico, perceber que “existe um sistema urbano com sua

⁵⁵ CALDAS, Geraldo Coni. Op.Cit. p.393.

⁵⁶ CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p.12.

⁵⁷ BARROS, José D’ Assunção. *Cidade e História*. Rio de Janeiro: Vozes, 2007. p.45.

⁵⁸ BOSI, Ecléa. *O Tempo Vivo da Memória. Ensaios de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê, 2003. p.70-75.

materialidade, com suas formas, com suas possibilidades os seus interditos, com suas avenidas e muros, com seus espaços de comunicação e seus recantos de segregação.”⁵⁹

Dessa forma, o ideário em torno da cidade se firma em diversos contextos históricos. Especificamente em Conceição do Almeida, as reminiscências sobre a emancipação do município estão vinculadas ao idealismo dos coronéis José Leandro Gesteira e Clementino Correia Caldas. A luta desses sujeitos seria por amor à cidade, construindo-a na perspectiva de liberdade e progresso, camuflando ou negando a concepção de que ali não houvesse interesses políticos e econômicos de grupos que buscavam a ‘independência’ como forma de ter os seus próprios mandos, criando outras esferas de poder, desconsiderando a participação popular nessas instâncias; enfim, só as classes mais abastadas foram percebidas nestes discursos memorialísticos ali produzidos:

Agricultores, comerciantes, líderes dos antigos e tradicionais partidos políticos “Conservador e Liberal, ainda no Império. Unindo as duas correntes políticas na então Vila e em prol da independência municipal que já fazia imperativa e justa, aqueles dedicados líderes Almeidenses, lutaram e fizeram emancipado o município de Conceição do Almeida. (...) Líderes autênticos que ofertaram seu trabalho em prol do desenvolvimento político, socioeconômico do Município.”⁶⁰

Discursos que permeiam os documentos “incontestáveis e insuspeitos” da história municipal até os dias atuais, mas que, ao se observar nas entrelinhas, percebem-se resquícios da escravidão que permeava o cotidiano da cidade, fruto de uma mentalidade que os grandes proprietários de terras e de engenhos dimensionavam para o município; aos trabalhadores restava-lhes a ideia de figuração ou a função de mão-de-obra utilizada nas atividades cafeicultora e, posteriormente, na atividade fumageira. Esses trabalhadores foram notificados e agraciados com a emancipação. Como enfatiza a poesia:

Foi no 18 de julho sagrado.
Que os sinos replicaram alegremente
Para avisar a toda gente
Que a emancipação chegou...
-E a “Capela” embandeirada,
Era o povo que gritava.
Viva! Viva O Emancipador!...
A ‘Capela’ resplandecendo,
-No fulgor da liberdade,
Qual estrela incandescente
No firmamento a brilhar!

⁵⁹ Idem. p. 44.

⁶⁰ CALDAS, Geraldo. Op.Cit. pp. 49-50 e 85.

Era a Emancipação que espargia
Raios de esperança que cresciam;
Progresso no futuro a conquistar.⁶¹

Essa poesia é uma homenagem de um representante político da cidade, empresário da atividade fumageira, sobre a emancipação do município, reafirmando a importância histórica dos líderes políticos, no contexto emancipatório, heroizando-os, ao verbalizar quase um ‘grito de independência’, além das concepções progressistas e desenvolvimentistas que ecoam nesse discurso “poeticamente” político.

Esse olhar sobre as questões da história e da emancipação do município leva-nos a perceber aspectos que dinamizam a análise da cidade como um local que produz espaços e imagens portadoras de significados de um passado que se apresenta a partir de reflexões feitas no presente. Portanto, ao fazer uma investigação histórica, o pesquisador deverá levar em consideração a temporalidade à qual está se referindo, o contexto no qual se insere o município, pois os dados e a caracterização vão sendo modificados na própria dinâmica histórica. Tais elementos não podem ser esquecidos, apesar de olharmos a cidade do passado com o olhar do presente, essas dimensões não podem ser descartadas, porque conforme Ítalo Calvino, a cidade é feita “das relações entre as medida de espaço e os acontecimentos do passado.”⁶²

O cotidiano rememorado está no ato de narrar e ver a cidade a partir de muitas lentes, de pensar uma conjuntura acrescida de ambigüidades, múltiplas versões, por vezes, aceitas ou rejeitadas, referidas por relações de poder que devem ser analisadas levando em consideração a construção historiográfica e o contexto em que foram constituídas, fruto de uma representação, de uma imaginação ou desejo, o que também dimensionam o saber histórico de uma época.

2.2 TRAÇOS DA REGIÃO

A palavra Recôncavo significa “enseada,” terra ao redor de uma baía. No Brasil, geograficamente, é a região extensa que circunda a Baía de Todos os Santos. Foi ao redor dessa baía que se expandiu os primeiros núcleos urbanos dos colonizadores e,

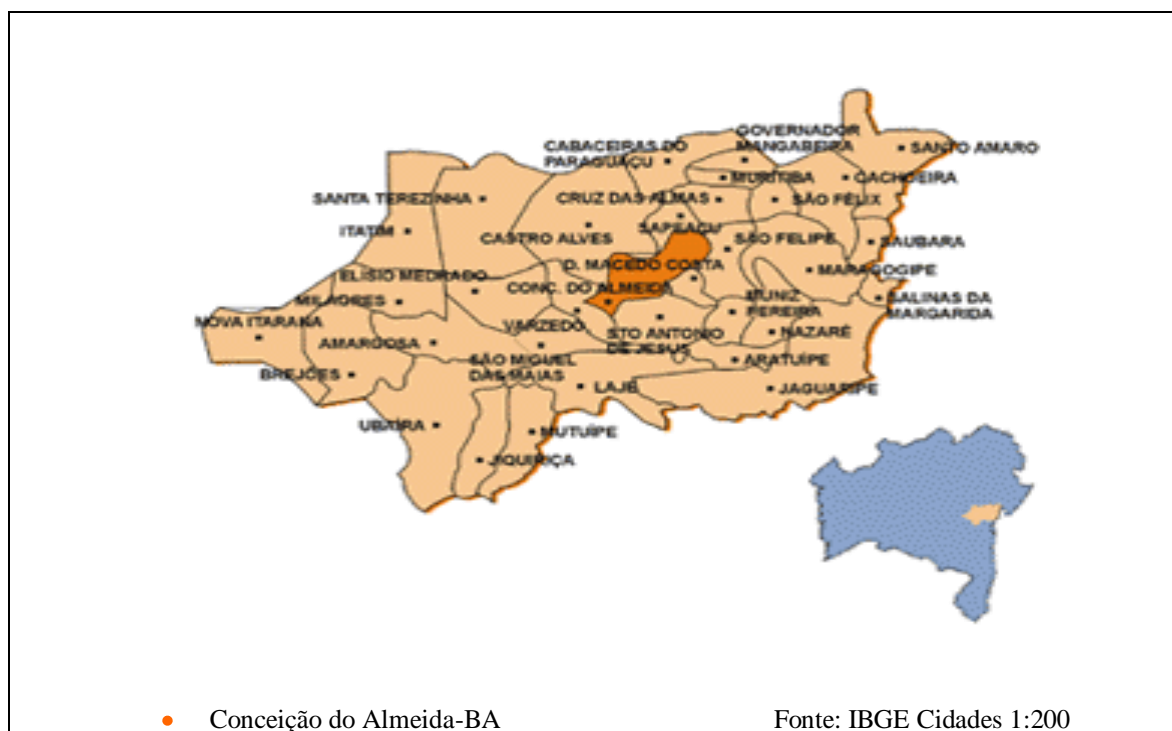
⁶¹ CONI, Luciano Passos. Poesia: *Ode ao 18 de julho de 1890*. In: CALDAS, Geraldo Coni. *Conceição do Almeida; Minha Terra, Minha Gente – Memórias*. Salvador: Mensageiros da Fé – 1974. p.406.

⁶² CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. *Op. cit.* p.14.

consequentemente, implantaram-se os primeiros redutos escravistas, consolidando-se, por vários séculos, como uma das áreas agrícolas mais produtivas do Brasil.

Nesse contexto, a atividade fumageira se expandiu e contribuiu, historicamente, para o desenvolvimento comercial do país. “O fumo possuía grande peso econômico e valor político,”⁶³ interferindo no cotidiano da população da área denominada zona fumageira que se encontra mais recuada em relação ao litoral, constituindo o que os geógrafos chamam de Recôncavo Sul, faixa que se estende de Maragogipe a Santo Antonio de Jesus, na qual se insere Conceição do Almeida, como é demonstrado no mapa:

Figura 01: Mapa do Recôncavo Sul ⁶⁴



Faz-se necessário ressaltar que o Recôncavo não pode ser considerado uma região homogênea, já que diversos aspectos a tornam diversificada e plural. Como afirmou Ana Maria Carvalho Oliveira:

O Recôncavo é uma região há um tempo singular e noutra plural, se existem elementos que lhe dão unidade há também aqueles que demonstram sua diversidade. Difícil de perceber a riqueza, a pobreza, os contrastes do

⁶³ BARICKMAN, B. J. *Um Contraponto Baiano: açúcar, fumo, mandioca e escravidão no Recôncavo: 1788-1860*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p.73.

⁶⁴ BAHIA: Mapa Político do Recôncavo Sul: 2000. 1 mapa, color. Escala 1: 200. Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br/cidades> at > Acesso em Junho de 2006.

Recôncavo sem levar em conta a variedade dos seus aspectos físicos, sócio-econômicos e o seu percurso histórico.⁶⁵

Essas considerações nos remetem a uma discussão sobre o que pode definir ou caracterizar uma região. Elementos políticos, sociais, econômicos e geográficos devem ser observados na construção dos estudos históricos como uma proposta de entendimento de uma conjunção regional. Segundo Roberto Lobato Corrêa⁶⁶, a palavra região vem do latim “régio” que, por sua vez, deriva de “*regere*” que significa governar, reinar. Geograficamente significa porção de um território. Atualmente, a expressão região é empregada pelo senso comum como uma forma de referência a lugares que se diferenciam uns dos outros. A categoria região é de uso corrente e está disseminada, na linguagem comum e na científica, como divisão do espaço.

O conceito geográfico de região foi se delimitando pelas correntes Marxistas e Humanistas. Vidal de La Blache definiu região como entidade concreta existente por si só, aos geógrafos caberia delimitá-la e descrevê-la; o que se configura um discurso permeado por ideias positivistas e naturalistas na concepção dos espaços.

O percurso do ideário sobre a região envolve um debate das principais correntes do pensamento geográfico, a Nova Geografia que questiona a concepção de região a partir de abordagem quantitativa e descritiva, do espaço visto a partir de sistemas classificatórios de agrupamentos estatísticos, ou como mero discurso intelectual, uma vez que as concepções quantitativas não compreendem os fenômenos espaciais em sua plenitude; assim, novos estudos e parâmetros foram estruturados envolvendo temas históricos e culturais. Já a Geografia Crítica é subsidiada pelo entendimento das contradições espaciais impostas pela concentração do capital, e a análise regional é vista como mecanismo de ações políticas do ideário Marxista, que influenciou geógrafos como Yves Lacoste.⁶⁷

A Geografia Humanista, a partir de uma perspectiva fenomenologista, reavaliou o debate sobre o regional, considerando que a região se configura também nos elementos subjetivos e pessoais, das dimensões psicológicas e existencialistas, abordando as experiências cotidianas dos sujeitos com a valorização da história e do vivido.

⁶⁵ OLIVEIRA, Ana M^a Carvalho dos Santos. *Recôncavo Sul, Terra homens economia e poder no século XIX*. Salvador – BA: EDUNEB, 2002. p.57.

⁶⁶ CORRÊA, Roberto Lobato. *Região e Organização Espacial*. São Paulo: Ática, 1995. p.43

⁶⁷ LACOSTE, Yves. *Geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*. Campinas: Papirus, 1988.

Assim, o debate atual sobre região é marcado pela visão da chamada pós-modernidade, em que se busca compreendê-la a partir da análise do relativo, da subjetividade, da fragmentação e das possibilidades de entendimento dos espaços em suas escalas global, regional e local, referindo-se as diferenças e particularidades locais. Desse modo, a região passa a ser considerada como uma categoria de análise e seu conceito vem sofrendo crise, rupturas, reflexões ao longo dos debates geográficos e históricos, conforme as novas abordagens e tendências metodológicas.

No sentido estrutural, a região existe para fins de controle militar, econômico, político ou administrativo. O exemplo histórico da formação dos impérios, do feudalismo, do capitalismo, através do processo de desenvolvimento e modernização, proporcionou a origem das regionalizações planejadas e, atualmente, os chamados tecnopólos, dimensionados a partir do processo técnico-científico, opinião essa difundida por Milton Santos.⁶⁸

A região caracteriza-se pelo planejamento do território de ação e controle, como assegura Lobato Corrêa: “a região é uma entidade concreta resultado de múltiplas determinações.”⁶⁹ Os fatores e mecanismos que marcam as diferenciações regionais contemplam a divisão territorial do trabalho, o desenvolvimento dos meios tecnológicos e produtivos, articulação entre os meios de transporte e de comunicação, além da ação do Estado; fatores esses que assinalam modos de vida da região e, conseqüentemente, a formação da sociedade em que se insere.

Para melhor compreender a constituição de uma região, dois elementos são fundamentais na interpretação do contexto espacial: a ação humana e a noção de movimento, ou seja, o trabalho humano no tempo social. Conforme observa o geógrafo Milton Santos:

Em cada momento histórico as novas formas representam o modo usual de produção. Mas é a formação sócio-econômica que lhe dá sua significação real, concreta dentro do sistema (...). Os modos de produção garantem a continuidade histórica, inclusive a continuidade histórica das formas. Mas é apenas dentro da formação sócio-econômica específica que as formas adquirem um papel social efetivo.⁷⁰

Nessa direção, a configuração do espaço é determinada socialmente pela relação do homem com a natureza, com o modo de produção que estrutura a sociedade, fruto da mesma sociedade que o organiza e que é por ele organizada. As limitações político-administrativas

⁶⁸ SANTOS, Milton. *A natureza do espaço*. São Paulo: EDUSP, 2002. p.190.

⁶⁹ CORRÊA, Roberto Lobato. *Op.cit.* p.46.

⁷⁰ SANTOS, Milton. *A Totalidade do Diabo*. São Paulo: HUCITEC/Contexto, 1997 p.41.

que caracterizam uma região transformam-se constantemente, seja por questões sociais, econômicas ou políticas, podendo ampliá-la ou restringi-la.

Atualmente, as fronteiras ganharam mobilidade e não se resumem apenas a aspectos físicos, são também resultado de lutas constantes pela posse do espaço, luta essa que pode ser percebida na construção do imaginário em torno de uma região, suas diferenças culturais e geográficas. Como ressaltou Ely Estrela:

A riqueza das questões suscitadas pela divisão regional impõe aos especialistas a necessidade de questionar uma vez mais os elementos e os fatos determinantes no processo de regionalização. Mostram ao mesmo tempo, a necessidade, de historicizar as regionalizações, buscando identificar não somente os fatores que as particularizam – geográficos, culturais, históricos, etc., mas, sobretudo, as percepções e o imaginário dos homens que as habitem.⁷¹

Os estudos sobre região estão em constante debate entre pesquisadores de diversas áreas, que se utilizam de métodos de diferentes campos de conhecimentos para construir os seus conceitos; porém, é importante ressaltar que as divisões espaciais estão ligadas aos diversos processos produtivos no qual a relação espaço e tempo está intrinsecamente condicionada.

A concepção de região pressupõe também a noção de escala geográfica, em uma lógica que forma rede de relações múltiplas sociais ou políticas. Segundo Milton Santos, “o lugar assegura uma hierarquia de papéis,”⁷² que empreende o que o autor denomina de “formas” (técnicas, condições de funcionamento econômico), que determinam o caráter regional, que, por sua vez, estaria em constante mutação, e dá ênfase ao uso do espaço através das atividades econômicas: “o consumo ampliou as instâncias produtivas e espaciais. Os lugares são funcionais, porém os limites historicamente reais de cada subespaço estejam sempre mudando e novas formas de relações sociais se inauguram.”⁷³ O que pode se expressar também nas atividades humanas, nas formas de produção que se articulam no espaço e no tempo dos lugares, evidenciadas nas relações de poder e na própria representação cultural, discursiva e ideológica ali manifestada. Como destaca Durval Muniz:

As definições de uma região se dão através de um processo histórico. Os recortes geográficos, as regiões são fatos humanos, são pedaços de história, magma de enfrentamentos que se cristalizaram, são ilusórios ancoradouros

⁷¹ ESTRELA, Ely Souza. *Os Sampauleiro: Cotidiano e representações*. São Paulo: Humanistas FFLCH/ USP: Educ, 2003. p. 37.

⁷² SANTOS, Milton. *Espaço e Método*. São Paulo: Nobel, 1985. p. 67.

⁷³ *Ibidem*

de lava, da luta social que um dia veio à tona e correu sobre este território.⁷⁴

Segundo esse autor, o significado de uma região está inteiramente expresso na ação e atuação humana no espaço, além dos diversos discursos que são capazes de construir a identidade dos lugares, como o ideário presente na literatura, nas músicas e nas mídias, que criam e recriam discursos imagéticos sobre a região. Assim, as concepções de história regional é produto das forças e atividades políticas, portanto a história não pode se reduzir a espacialidades. O autor faz duras críticas sobre a ideia de historiadores regionais e locais, suas hierarquias de saberes vinculados à valorização dos teóricos do sul do país e uma desvalorização dos teóricos nordestinos.

Para Durval Muniz Albuquerque Júnior o conceito de região é díspare, os recortes e divisões espaciais são imprecisos; por isso, ele questiona a ideia de uma ‘história regional’. Nesse sentido, o caráter explicativo que move a perspectiva regional ou local deve levar em conta as reflexões sobre quem limita os espaços e quais os seus interesses. O historiador deve estar atento aos anacronismos e divisões consensuais, legitimadas nos espaços, nos nomes e recortes que são determinados em uma época.

A delimitação e a temporalização devem ser cuidadosas em uma pesquisa, já que os conceitos se alteram no tempo histórico. O autor questiona quais os critérios e interesses que definem uma região? Quais seus contornos históricos? Não seriam eles impostos por determinadas forças sociais? Questiona também a ideia de identidade, considerando-a como uma construção mental, abstrata, que busca generalizar e dimensionar uma imagem do “real”. Os discursos identitários que demarcam e enunciam um determinado espaço são momentos da construção de uma “verdade” sobre os lugares.

Os recortes espaciais são frutos de intencionalidades e interesses, permeados de lutas políticas, econômicas e simbólicas do presente que tenta legitimar o passado, assegurando discursos regionalistas que são cristalizados e oficializados, sendo aceitos e contextualizados na geografia, na história dos lugares.

Outras concepções marcam a definição do que seria a região. Segundo Bourdieu, a divisão regional não existe na realidade, pois ela é a representação que dela fazemos. Dessa forma, “a delimitação regional é estabelecida por quem nela vive e passa a compor o imaginário daqueles que a ela se referem.”⁷⁵ A identidade regional é, também, um produto da

⁷⁴ ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. *A Invenção do Nordeste e Outras Artes*. São Paulo: Cortez, 1999. p. 66.

⁷⁵ BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. p.145.

construção humana, não podendo ser vista unicamente como um discurso representativo de uma construção cultural, uma vez que as histórias dos lugares ocorrem em determinados locais, são especializadas, como ocorreu no Recôncavo baiano.

Nesse sentido, a região possui movimento de desconstrução e construção, cuja dinâmica contraria a concepção de imagem eterna rígida, única, onde o heterogêneo e descontínuo atuam constantemente na sua constituição. Surge, assim, a necessidade de ver a região como um espaço historicizado, com uma dinâmica própria, que contem uma diversidade, atravessada por diferentes relações de poder dentro dessa formação discursiva de nacionalidade, na qual se cristalizou representações em torno do espaço regional, temática essa difundida por diversos geógrafos contemporâneos.

Porém, as contradições são precursoras de transformações, o tempo histórico resulta na diferenciação espacial, encaminhando a propagação do processo de regionalização que percebe o espaço enquanto resultado da ação humana, encaminhando mudanças desiguais entre os grupos humanos, reforçando as diferenças das áreas, levando em consideração as vias comerciais, as migrações e os ritmos que variam na dinâmica social permeada por conflitos e lutas.

Os estudos das regiões e na perspectiva da região do Recôncavo Baiano devem considerar as variáveis como população, suas classes, suas atividades e seus ritmos, o Estado e as instituições, a base territorial, as estruturas do capital, os processos de comercialização e os seus percursos, diante de um espaço em constante mutação, com a intervenção constante dos sujeitos que a compõem.

Discorrer sobre a região e especificamente sobre o Recôncavo Fumageiro, ignorando as dimensões econômicas locais, as monoculturas de exportação, a agricultura de subsistência, a policultura, as relações de terra, os circuitos comerciais formadores de um mercado interno é negar as suas especificidades. Sobre esse aspecto, Erivaldo Fagundes Neves afirma que a história regional e local traz a ideia de uma dimensão espacial na qual produz conhecimentos históricos que é circundante de fatores próprios e de influências maiores de um sistema nacional ou global, um sistema inerentemente contraditório, mas que se articula e se complementa.

De modo específico, o autor faz críticas ao regionalismo, às relações de poder que se instala nos espaços, numa delimitação espaço-temporal que forma um contexto impreciso e indefinido. O conceito de região é ainda incerto, mas não pode se restringir meramente a limites administrativos, posto que eles não estabelecem as redes de relações sociais, históricas

e culturais, que não respeitam fronteiras, nem a idéia de pertencimento que não pode ser visto como um universo comum, assim:

[...] a região não se restringe aos limites administrativos como das capitânicas, províncias e estados no Brasil, conforme o recorte temporal preferido, nem se referencia no fato de um grupo de indivíduos coabitar o mesmo território, porque essas práticas não estabelecem necessariamente, rede de relações sociais, nem desenvolvem consciências de pertencimento a universo comum, embora uma região se firme em uma base comum.⁷⁶

Na atualidade, região e território apresentam recortes múltiplos e instáveis, resultantes de complexidades, contribuindo para a diversidade e para o dinamismo dos fatores econômicos, sociais, político, culturais, ambientais entre outros, criando, muitas vezes, dificuldades de estabelecer “recortes” ou delimitações regionais em um mundo alternativo, no qual se sobrepõem distintas lógicas espaciais dos ordenamentos e desordenamentos.

Diversos debates teóricos sobre a temática da região formaram seus conceitos, e a própria “História da Região” e estudos diversos da Nova Geografia afirmavam que as regiões tenderiam a desaparecer com a ideia da globalização, pois não haveria capitalismo monopolista com forte efervescência para firmá-la. Essas concepções permearam o conceito e a ‘existência’ da região ao longo das discussões sobre a regionalização. Estudos variados e, por vezes, contraditórios em suas formulações levaram muitos pesquisadores na contemporaneidade a afirmar que a região não mais existiria. Decretaram, assim, “sua morte”, visto que o processo de globalização tornaria a realidade humana homogênea e indistinta, e as diferenças aparentemente seriam anuladas.

A ideia da morte da região foi caracterizada pela corrente teórica crítica marxista que questionava o discurso regionalista Lablacheano, considerando a região um conceito obstáculo, simplificando o conceito de regionalização. Para Rogério Haesbaert, “três momentos decretaram a morte da região: o neopositivismo, o marxismo e o globalismo [...] uma perda considerável da riqueza que o conceito de região abarca, pois a aborda como classe de área, passando de uma região indivíduo a uma região sem identidade.”⁷⁷

Assim, pensar a morte da região é imaginar uma ruptura total de um espaço, o que mesmo diante da globalização seria uma suposição incorreta, pois a história dos lugares se

⁷⁶ NEVES, Eivaldo Fagundes. *História Regional e Local: Fragmentação da história na crise da modernidade*. Feira de Santana. UEFS; Salvador: Arcádia, 2002. p.61.

⁷⁷ HAESBAERT, Rogério C. *Morte e vida da região: antigos paradigmas e novas perspectivas da Geografia Regional*. In: SPOSITO, Eliseu S. (org.). *Produção do Espaço e Redefinição Regionais: Construção de uma temática*. Presidente Prudente: UNESP/GASPERR, 2005. p.01-04.

constitui da formação identitária dos sujeitos, mesmo havendo influências advindas de outras realidades e de outras culturas, visto que não há cultura pura e isolada; os lugares e as identidades se constroem e se reconstroem nas relações sociais, formam-se nas misturas híbridas ou não, reunindo elementos comuns ou distintos formadores das diferenças espaciais nas diversas temporalidades históricas, como assinalou Stuart Hall,

[...] em toda parte, estão emergindo identidades culturais que não são fixas, mas que estão suspensas, em transição, entre diferentes posições; que retiram seus recursos, ao mesmo tempo, de diferentes tradições culturais; e que são o produto desses complicados cruzamentos e misturas culturais que são cada vez mais comuns num mundo globalizado”⁷⁸

E mais: “as culturas híbridas constituem um dos diversos tipos de identidade distintivamente novos produzidos na era da modernidade tardia.”⁷⁹ Esse pensamento leva-nos a questionamentos mais profundos acerca dos conceitos fundamentais de globalização e identidade cultural, que ultrapassam a divisão puramente regional.

A cada momento histórico, as definições das disparidades regionais apresentam-se com diversos aspectos, elementos modernizantes ou modernizadores atuam sobre um lugar determinado, sobre os indivíduos e suas redes sociais. ‘O velho e o novo’ são representados, o novo pelos mecanismos modernos e o velho pelo predomínio das relações sociais, como as formas de povoamento. Um encontro dialético contraditório que se comunga no espaço, que se denomina ‘região’; como afirma Aldo Paviani, “falar de região é caminhar em um terreno cheio de labirintos e de armadilhas epistemológicas onde o velho e o novo se entrelaçam.”⁸⁰

Retomando a questão regional, especificamente a do Recôncavo, do ponto de vista de sua produção, essa é uma área extensa e diversificada é possível identificar o “Recôncavo Canavieiro, o Recôncavo Fumageiro, o Recôncavo da Pesca e o Recôncavo Ceramista,”⁸¹ mais recentemente, o Recôncavo Petrolífero que, a partir da década de 1950, com a descoberta do petróleo na costa baiana, estimulou novos investimentos na área industrial. Esses aspectos plurais do Recôncavo são formadores da primeira rede urbana de escala regional implantada nas Américas. Como observa com muita propriedade Luis Aguiar Costa Pinto:

⁷⁸ HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 88.

⁷⁹ Idem p.89.

⁸⁰ PAVIANI, Aldo. *Dinâmica regional e os desafios para a regionalização*. Boletim de Geografia Teórica, Rio Claro-SP, v. 22, nº 43/44, 1992. p. 368-374.

⁸¹ PINTO, Luis Aguiar Costa. 1998 apud. BRANDÃO. Maria de Azevedo. (Org.) *Recôncavo da Bahia. Sociedade e economia em transição*. Salvador: Casa de Jorge Amado/ Academia de Letras da Bahia/ UFBA, 1998. p.122.

Podemos entender o Recôncavo como uma sociedade regional estruturada à base de uma síntese ecológica, que historicamente se formou e se desenvolveu em torno das atividades por meio dos quais a população que ali vive ocupando a terra e explorando seus recursos produz e reproduz as condições materiais de sua existência e forma o meio social em que vive.⁸²

A diferenciação dessa área está vinculada à história humana e tem uma gênese encontrada nas comunidades antigas, que implicavam semelhanças do espaço enquanto resultado desta ação “caracterizada por uma natureza já transformada pela estrutura social e seus conflitos.”⁸³ Essas sociedades tiveram no seu processo histórico e espacial um desenvolvimento diferenciado, caracterizado pela combinação de aspectos diversos da história, resultando também no aparecimento de grupos que ocuparam determinados espaços, inculcando suas próprias marcas, expressando formas de vida que configuram as paisagens. Tudo isso esboça o pluralismo encontrado na região do Recôncavo e as mudanças ocorridas nesta região, principalmente durante o século XX.

A atividade fumageira contribui para esboçar características sociais e culturais que refletiram numa formação diferenciada das outras “sub-regiões” do Recôncavo. A herança cultural africana e a presença do elemento estrangeiro estimularam o processo de miscigenação, constituindo a maior parte da população de cor escura ou parda, e deu origem a uma complexa formação étnica, resultado dessa fusão de etnias, criando e recriando diversas relações sociais e culturais. “O fumo, portanto, constituiu num elemento importante nesta região não apenas como produto auxiliar de sua economia, mas como produto econômico primário de uma sociedade que delineou uma paisagem humana e social”.⁸⁴ Como dimensionou Pierre Verger:

Devido ao mecanismo das trocas comerciais estabelecendo relações precisa entre fregueses e fornecedores das duas partes do atlântico, formaram-se insensivelmente, grupos de pessoas de certas nações africanas em regiões determinado do Novo Mundo. É por isso que na Bahia encontra-se vestígios da cultura ‘Nagô-Iorubá’, do Golfo de Benim, ainda nos dias presentes.⁸⁵

O autor também se refere às relações comerciais que se formaram na atividade fumageira na Bahia. Desde o século XVII, as plantações de fumo tinham perpassado a atividade canavieira, aumentando a sua importância comercial e nas embarcações portuguesas

⁸² Idem. p.122.

⁸³ CORRÊA, Roberto Lobato. *Região e Organização Espacial*. São Paulo: Ática, 1995. p.46.

⁸⁴ SILVA, Elizabete Rodrigues de. *Fazer charutos uma atividade feminina*. Salvador: UFBA. 2001. p.39.

⁸⁵ VERGER, Pierre. *O fumo da Bahia e o tráfico dos escravos do Golfo de Benim*. Nº 6, Série Estudos. Publicação da Universidade Federal do Estado da Bahia. Centro de Estudos Afro-Orientais, 1966. p.05.

em que ocorria negociação do produto fumageiro na Costa da Mina, estimulando também o tráfico negro.

Na Bahia, o fumo de primeira e segunda classe era reservado à exportação europeia. Ademais, havia leis que interditavam a remessa do fumo de terceira classe ou inferior, para a Metrópole. O fumo considerado refugo era deixado para o consumo local e para a permuta com a África. O fumo de qualidade inferior era transformado em ‘fumo de rolo ou corda’, esses tipos de fumo “eram enrolados em forma de corda grossa como as folhas das outras qualidades, eram mais abundantemente untados com melão,”⁸⁶ conforme Pierre Verger.

Inicialmente, no Recôncavo, era comercializado esse fumo de corda ou de mascar. Porém, era considerado um fumo de qualidade inferior, sendo utilizado, inclusive, como troca no comércio de escravos africanos no século XVII. O *rapé* (fumo em pó) foi a primeira forma de beneficiamento do fumo no Recôncavo. Posteriormente, o fumo passou a ser selecionado e prensado em folha, seguindo os padrões europeus de consumo, além de facilitar o transporte na exportação, sendo que toda produção visava, essencialmente, os interesses de grupos estrangeiros; especificamente em Conceição do Almeida, nos séculos XIX e XX, destacaram-se os alemães e italianos ligados à economia fumageira.

O setor fumageiro envolvia tanto pequenos como médios proprietários de terra, os chamados agentes ou “coronéis do fumo”, proprietários e administradores dos armazéns, além de trabalhadores urbanos e rurais que construíram suas vidas, semeando, limpando a lavoura, colhendo, secando e confeccionando ‘manocas de fumo’ (trouxinhas feitas com as folhas de fumo, após a colheita nas roças, facilitando a classificação). Segundo Ana Maria Carvalho dos Santos Oliveira:

Na área fumageira ‘da lavoura de pobre’ além dos escravos e homens livres, lavradores que predominaram na época colonial e imperial, é possível destacar já no período republicano, os trapicheiros, pessoas, pessoas que compravam o fumo dos lavradores para revender as firmas exportadoras e as charuteiras, mulheres que atuavam tanto nas fábricas quanto no artesanato doméstico. Apesar da vasta área dedicada ao plantio do fumo, no tocante a estrutura agrária predominou as pequenas propriedades de terras.⁸⁷

⁸⁶ Idem. p.13.

⁸⁷ OLIVEIRA, Ana M^a Carvalho dos Santos. *Recôncavo Sul, Terra, Homens, Economia e Poder no século XIX* Op.cit. p. 55.



Figura 02: Plantação de fumo em Conceição do Almeida. Autoria: Margarete Nunes Santos Gomes⁸⁸

Nesse universo produtivo, havia a predominância de agricultores que utilizavam, essencialmente, a mão-de-obra familiar e promoviam a rotação de culturas com outras lavouras, geralmente alimentares, em sucessão, sendo essas uma forma de manter uma renda extra. Esses lavradores, geralmente, produziam o suficiente para pagar as dívidas, visto que muitos de suas propriedades se situam nas periferias das cidades, e para garantirem a renda familiar, muitos se ocupam de outras atividades urbanas, como vendedores, pedreiros, açougueiros, lavadoras de roupas, empregadas domésticas, na maioria das vezes ocasionais e sem vínculo empregatício.

A fotografia 02 revela o trabalho do Sr. Arlindo Soares na lavoura no seu pequeno sítio, na localidade do Bom Jardim, em Conceição do Almeida, essa faz parte de uma das poucas áreas que ainda possui plantação de fumo no município. Mesmo com muitas dificuldades, ele mant m um pequeno plantio, que   vendido nos dois armazéns de fumo existentes na cidade.

Ao ser indagado sobre a produ o fumageira, ele informou que a “roça virou capim, os fazendeiros tomaram conta, o fumo quase acabou, antigamente se vivia do fumo”⁸⁹. Sobre a redu o do cultivo do fumo no município, Sr. Arlindo relatou a luta do pequeno produtor com o processo de declínio dessa atividade agrícola, como a posse da terra por médios

⁸⁸ Planta o de fumo, Fazenda Bom Jardim. Agosto de 2007.1 foto. Color; papel fotográfico, 15cm x 20cm. Cole o Particular. Autoria: Margarete Nunes Santos Gomes

⁸⁹ Arlindo Soares, trabalhador rural da atividade fumageira, 85 anos. Residente na Fazenda Bom Jardim, Concei o do Almeida-BA. Entrevistado em 07 de julho de 2007, dura o: 60 minutos.

proprietários pecuaristas que se instalaram no município e contribuíram para a desestabilização das pequenas produções agrícolas.

Recorda, na entrevista, de uma forma saudosista, do “auge do fumo” quando se plantava esse produto em todo município e hoje se vivencia a sua decadência. Uma atividade que era intercalada com outros cultivos e demarcava formas de produções e viveres. “Nascemos numa sociedade de lavradores de cana, de fumo, de milho, de feijão, legumes e de mandioca, principalmente de pequenos e médios tratos da terra.”⁹⁰ Hoje, pouco se produz.



Figura 03: Vista de um Fumal no município de Affonso Penna, atual Conceição do Almeida. Fonte Instituto Bahiano de Fumo. Década de 1930. Autoria desconhecida.⁹¹

A atividade fumageira concentrada no Recôncavo é especializada no cultivo de fumos escuros, apropriados à manufatura de charutos, cigarrilhas, cigarros escuros e fumo de corda. Nessa região, a produção se dá, de modo geral, em pequenas propriedades agrícolas familiares ou nos chamados agroexportadores, detentores de grandes extensões de terras, são os plantios próprios das firmas comerciais-exportadoras⁹² (como é demonstrada na imagem anterior)

⁹⁰ QUEIROZ, Fernando Pinto de. *A Capela do Padre Mateus*. Feira de Santana: Sagra, 1995. p.135.

⁹¹ Arquivo Público do Estado da Bahia, Salvador-Bahia, Brasil. Maço 149 Cx. 2378, Doc. 557. Série: Fotografia sobre a cultura do fumo. Quantidade 18 fotos. Seção Republicana. Década de 1935 a 1942. PHOTO. 1. foto. preto e branco, papel fotográfico, 10cm X 15cm.

⁹² Esse tipo de atividade ainda prevalece principalmente no município de Cruz das Almas - BA, na qual centenas de pessoas exercem ainda este trabalho no cultivo, plantio e beneficiamento do fumo tipo exportação.

trata-se de uma empresa agro-exportadora que fazia o plantio de fumo selecionado, na qual ocorriam grandes investimentos na geração e difusão de tecnologias do fumo, fomentadas pela parceria entre indústria, governo e sindicatos. Como apoio a essa atividade foi criado pelo decreto nº 9409, de 16 de março de 1935, o *Instituto Bahiano do Fumo*, com o objetivo de:

Promover a prosperidade da lavoura de fumo no estado da Bahia, estimulando uma melhor organização econômico-social através de estudos técnicos, experiências de melhoramento das variedades de fumo cultivado na Bahia. (...) Promover, sobretudo entre os pequenos lavradores a prática local do cooperativismo de crédito, consumo e produção.⁹³

A intenção da criação desse instituto era executar medidas que promovessem a valorização da atividade fumageira em diversas instâncias, difundir técnicas de melhoramento do plantio e beneficiamento do fumo, encaminhando recursos principalmente para os pequenos produtores, o que efetivamente não ocorria e contribuiu para o declínio da atividade fumageira na região.

2.3 FUMO: DA LAVOURA AOS ARMAZÉNS



Figura 04: Fumal em condições de ser colhido, no município de Affonso Penna, atual Conceição do Almeida. Autoria desconhecida.⁹⁴

⁹³*Anexos e Regulamentos do Instituto Bahiano do Fumo e outros. Artigo 2º.* Arquivo Público do Estado da Bahia, Salvador-Bahia, Brasil. Maço 149. Cx. 2378, Doc. 557, Série Decretos, Seção: Republicana.

⁹⁴Arquivo Público do Estado da Bahia, Salvador-Bahia, Brasil. Maço 149 Cx. 2378, Doc. 557. Série: Fotografia sobre a cultura do fumo. Quantidade 18 fotos. Seção Republicana. Década de 1935 a 1942. PHOTO. 1. foto. preto e branco, papel fotográfico, 10cm X 15cm.

O tabaco cultivado nas chamadas “malhadas” (lavoura ou plantações de fumo) se desenvolveu nos solos silicos-argilosos, profundos e bem arejados, tem melhor crescimento em climas tropicais e subtropicais e exige chuvas regulares. Sua origem é fruto de controvérsias, pois alguns estudiosos indicam suas raízes históricas na América, outros afirmam que deve ter surgido no continente asiático. No Brasil, o plantio foi iniciado na Bahia, nos primeiros anos da colonização, sendo o comércio desenvolvido e ampliado a partir do século XVIII, expandindo-se com o processo de exportação para os países europeus.

O processo de beneficiamento utilizado foi o mesmo até a década de 1960. As sementes eram preparadas em canteiros nas “abertas das matas” (áreas de desmatamentos) ou nas queimadas, aproveitando o material resultante das cinzas como fertilizante, além dos cercados e currais de gado, onde o esterco curtido servia como adubo para as lavouras de fumo. Geralmente, as primeiras sementeiras eram feitas em abril, sendo transplantadas para as malhadas nos meses de junho e julho. Conforme destacou Luis Aguiar Costa Pinto,

[...] as terras onde se planta o fumo são pobres, de composição sílico-argiloso, de um amarelo pardacento, secas e arenosas e, quer a lama que fazem quando caem às chuvas, quer a poeira que dela se levanta na estiagem, têm a cor esquelida que recobre tudo, que combina e estende a tudo a mesma tonalidade das manocas de fumo que secam nos trapiches exalando o cheiro de fermentação do tabaco.⁹⁵

O solo da região do Recôncavo Fumageiro apresentava uma composição natural adequada à lavoura fumageira, o que determinava uma boa qualidade do produto. O fumo passou a ser produzido desde o século XVIII em pequenas e médias propriedades, a mão-de-obra quase sempre era familiar e havia um período de plantio e colheita, quando ocorria o chamado adjutório (ajuda mútua) que formava uma rede de solidariedade entre os trabalhadores rurais.

As ferramentas utilizadas geralmente eram rudimentares: o arado e a enxada. O trabalho era minucioso e lento, praticado no âmbito familiar, envolvendo homens, mulheres e crianças. As tarefas eram executadas, muitas vezes, em pequenos espaços, como quintais e jardins. A lavoura de fumo é também chamada de ‘lavoura de pobre’, pois muitos lavradores eram rendeiros ou meeiros (trabalhadores rurais que alugavam terras dando parte da produção ao proprietário), que firmavam acordos com os proprietários das terras, entregando-lhes a maior parte do lucro das lavouras. Esses trabalhadores vivenciavam uma situação, muitas

⁹⁵ PINTO, Luis Aguiar Costa. 1998 apud. BRANDÃO. Maria de Azevedo. (Org.) *Recôncavo da Bahia. Sociedade e economia em transição*. Salvador: Casa de Jorge Amado /Academia de Letras da Bahia/ UFBA, 1998. p. 122.

vezes, de exploração e dominação, fato esse que é verificado nos estudos sobre a região. Como assegurou Charles Santana:

O fazendeiro criava empecilho às expectativas de melhoria de vida dos rendeiros e meeiros. A violência da exploração e da submissão significava uma continuidade intempestiva da escravidão entendida como crueldade que já acabou.⁹⁶

Os agricultores e trabalhadores do fumo pouco lucravam com essa atividade, já que havia despesas com impostos e empréstimos que eram feitos para conseguir as sementes, os insumos e aumentar a produção. “O fumo tinha muito intermediário, comprava o fumo do lavrador pelo preço que queria e revendia aos armazéns, o lavrador não tinha acesso fácil aos armazéns,”⁹⁷ é o que nos afirmou Sr. Bel, administrador de armazém de fumo por mais de 35 anos, ao se referir às relações comerciais entre o agenciador e o produtor rural.

O trabalho na atividade fumageira exigia conhecimentos sobre as diversidades de tipos de fumo, já que haviam aqueles considerados de qualidade inferior e os de excelente qualidade, que geralmente serviam à exportação, a exemplo do chamado fumo *Mata Fina*, produzido em Conceição do Almeida, que passava por um rigor específico no plantio, na colheita e no seu beneficiamento.

O fumo de *Mata Fina* era um tipo específico plantado no município. Geralmente toda produção era comprada pelos donos de armazém. Os pequenos agricultores faziam um empréstimo com os proprietários dos armazéns, para comprar adubo e sementes, e o pagamento era efetuado geralmente com a safra de fumo produzida. Quando ocorria a perda da safra mesmo por questões naturais, a exemplo de secas ou chuva em abundância, o agricultor era obrigado a pagar o empréstimo, demonstrando como o sistema de exploração capitalista perpassava basicamente pelos interesses do lucro dos exportadores, além de demonstrar como a mão-de-obra rural era altamente desvalorizada.

⁹⁶ SANTANA, Charles d’Almeida. *Fartura e Ventura, Camponeses, Trabalho, Cotidiano e migrações da Bahia: 1950-1980*. Op.cit. p. 41.

⁹⁷ Adalberto Cerqueira Magalhães, administrador de armazém de fumo, 62 anos, residente em Conceição do Almeida-BA. Entrevistado em 20 de dezembro de 2005, duração 80 minutos.



Figura 05: Fumo cobrindo telhado da casa de um agricultor. Fazenda Bom Jardim, Conceição do Almeida-BA. Autoria: Margarete Nunes Santos Gomes.⁹⁸

As malhadas verdes, no período da plantação, caracterizavam a região fumageira, no século XX. À época da secagem enchiam-se as casas de ‘camas de fumo’ (sobrepostos formando fardos) e talos secos, cobrindo o telhado das casas, trazendo o aroma forte da planta verde ou seca, que fica impregnado nos lares. Nesse trabalho era comum se envolver toda a família na preparação do fumo desde a sementeira, a colheita, o enfardamento e o transporte para os armazéns das cidades mais próximas. Sobre essa situação, Dona Marianinha, de 102 anos de idade, que trabalhou no cultivo do fumo, comentou:

No tempo antigo as mulheres faziam a roça de fumo delas, pra poder comprar umas coisinha, roupa, sapato, essas coisas, pois meu marido é quem sustentava tudo. Quando a gente trabalhava pegava uma cera nas mãos da gente, que demorava pra sair, o cheiro ficava na gente e até na casa... (Esfregou as mãos num gesto que demonstrava como o cheiro e o cerol do fumo grudavam nas mãos.) Depois que colhia, amarrava o fumo nas telhas da casa de farinha ou dentro de casa pra secar, depois levava o fumo no lombo dos animais pra cidade, pra entrega no armazém. A roça de fumo era muito trabalhosa.⁹⁹

⁹⁸ Fazenda Bom Jardim. 2007.1 foto. Preto e branco; papel fotográfico, 15 cm x 20 cm. Coleção Particular.

⁹⁹ Mariana Pinto da Silva, aposentada, ex-trabalhadora rural da atividade fumageira, 102 anos, residia em Conceição do Almeida-BA. Entrevistada em 20 de dezembro de 2005, duração: 60 minutos. (Em memória)

Nessa entrevista, percebe-se que a trabalhadora rural, muitas vezes, não via nesse trabalho uma forma de sustento ou, de certo modo, queria negar esse fato, condicionando o trabalho como mais um ganho para “ajudar” a comprar artigos de usos pessoais. Nessa narrativa está incutido certo sentimento de defesa e de proteção da imagem masculina, como algo que poderia desmoralizar o companheiro, tornando-o incapaz de sustentar o próprio lar, fato esse que é, muitas vezes, ocultado e camuflado por essas mulheres. Como ressalta Fonseca:

Ironicamente, apesar de ser evidente que em muitos casos a mulher trazia o sustento principal da casa, o trabalho feminino continuava a ser apresentado (...) como um mero suplemento à renda masculina. Sem ser encarado como profissão, seu trabalho muitas vezes nem nome merecia. Era ocultado, minimizado em conceitos gerais como serviços domésticos.¹⁰⁰

Neste sentido, o homem é quem deveria suprir as necessidades da casa, o trabalho da mulher era uma “ajuda”, uma forma de submissão construída e muitas vezes negada. O fato de a mulher trabalhar poderia ser encarado como uma situação constrangedora para o marido, um conflito gerado por uma visão tradicional sobre o papel feminino. Outro fator se refere ao período de vida de Dona Marianinha, a entrevistada mais velha deste trabalho, que trabalhou por décadas na zona rural. Suas concepções refletem tempos diferenciados, pensamentos comuns de outra época em relação à figura masculina, em relação às obrigações ditas femininas.

Ao se referir ao trabalho, a entrevistada comenta sobre as mãos sujas de cerol de fumo e o cheiro forte que exalava tanto dos corpos quanto do próprio ambiente, fala de como o cultivo do fumo era um trabalho intenso e minucioso. Traduz a ideia de como a produção do fumo era transportada para as cidades, definindo as teias de um cotidiano rural e urbano. Essa narrativa leva a uma reflexão sobre as relações cidade e campo, o urbano e o rural. Como elucida Raymond Williams, “a vida do campo e da cidade é móvel e presente: move-se ao longo do tempo, através da história de uma família e um povo; move-se em sentimentos e idéias, através de uma rede de relações e decisões.”¹⁰¹

¹⁰⁰ FONSECA, Cláudia. Ser mulher, Mãe e Pobre. In. DEL PRIORE. Mary. *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2001. p.517.

¹⁰¹ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p.19.



Figura 06: Enfardamento de fumo em folha. Estado da Bahia. Autoria desconhecida.¹⁰²

Os armazéns eram empresas de beneficiamento do fumo e realizavam três atividades básicas: fermentação, escolha das classes e o enfardamento. Na fermentação, o fumo era arrumado em forma de ‘cama’ (sobrepostos) sendo revirado constantemente para que as folhas secassem; esse processo levava, em média, um mês para que o fumo ficasse apurado. Posteriormente, o fumo seguia para a ‘escolha’ ou seleção das folhas de acordo com a sua classificação, observando cor, textura, maciez e elasticidade.

No processo de classificação, selecionavam-se as folhas de fumo em ‘capa’ (folha externa do charuto), devendo ser escolhida a de melhor qualidade que não poderia ter manchas ou furos, ‘o capote’ (folha interna ou subcapa) e ‘miolo ou bucha’ (compõe a parte interna do charuto). A atividade consistia, como descreve Dona Luzia, em:

Separar folhas, classificar, colocava as caixas grandes e fazia o fardo, colocavam a marca do fumo, carregava para o caminhão, este fumo ia para Salvador, ficava numa estufa pra ficar livre de bactérias. E aí sim o fumo ia para a Europa nos navios, a maior parte ia para a Alemanha.¹⁰³

¹⁰² Arquivo Público do Estado da Bahia, Salvador-Bahia, Brasil. Maço 149 Cx. 2378, Doc. 557. Série: Fotografia sobre a cultura do fumo. Quantidade 18 fotos. Seção Republicana. Década de 1935 a 1942. PHOTO. 1. foto. preto e branco, papel fotográfico, 10cm X 15cm.

¹⁰³ Luzia Lima Caldas, ex-secretária de armazém de fumo, aposentada, 67 anos, residente em Conceição do Almeida-BA. Entrevistada em 25 de março de 2007, duração: 60 minutos.

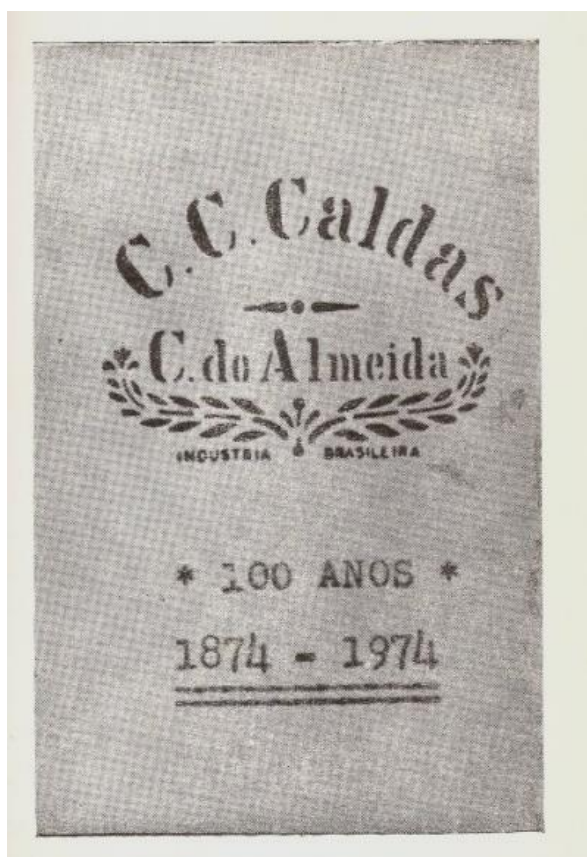


Figura 07: Selo ou marca do fumo ¹⁰⁴

O fumo era prensado e também marcado com o selo ou logotipo do armazém produtor, o que tornava possível identificar a sua procedência. Na figura 07 tem-se o selo do armazém de fumo da família Coni Caldas que, durante mais de 100 anos, dedicou-se à indústria fumageira. O fumo de Conceição do Almeida era conhecido mundialmente pela sua qualidade, o que significava um valor comercial e, também, valor histórico para a população do município. “Aqui era produzido o melhor fumo do mundo,” ¹⁰⁵ relembra de forma saudosista Dona Luzia Caldas. Essa é uma afirmação comum em diversas entrevistas, o que pressupõe o ideário de progresso e de valorização dessa atividade, um orgulho do passado que se expressa de uma forma nostálgica.

Concomitantemente a essa narrativa, há um documento do Instituto Bahiano do Fumo ¹⁰⁶ que aponta os municípios produtores de fumo do estado da Bahia durante o ano de 1926, classificando-os pela importância, safra em quilos, onde consta que Affonso Penna

¹⁰⁴ CALDAS, Geraldo Coni. Op.Cit. p.170.

¹⁰⁵ Luzia Lima Caldas. Entrevista já citada.

¹⁰⁶ *Anexos e Regulamentos do Instituto Bahiano do Fumo e outros*. Arquivo Público do Estado da Bahia, Salvador-Bahia, Brasil. Maço 149. Cx. 2378, Doc. 557, Série Decretos, Seção: Republicana.

(nome antigo de Conceição do Almeida) produzia a segunda maior safra da Bahia, um dos maiores produtores de fumo de qualidade para exportação. (Ver anexo)



Figura 08: Interior do armazém: C.C. Caldas, enfardamento para exportação. Década de 1950/ Autoria desconhecida.¹⁰⁷

A escolha também era feita logo na chegada do fumo ao armazém, essa tarefa era realizada pelos escolhedores que tinham como critério de seleção a cor do fumo para separar as manocas (pequenas trouxas) e agrupá-las de acordo com o tipo e a finalidade. A arrumação era em forma de “bolo ou lagartixa” (pequenas trouxinhas), em ambas eram retirados os talos das folhas do fumo. Após a escolha eram prensados e arrumados em fardos com até oitenta quilos cada um, sendo marcado com o selo do armazém, como nos explica a Sr^a Luzia Caldas, ex-secretaria de armazéns de fumo, sobre a rotina do trabalho com o fumo e como esse era encaminhado para o exterior.

A figura 09 demonstra como era feita a escolha ou seleção das folhas para serem enfardadas e encaminhadas para as fábricas de charutos, enfatizada pelo depoimento de uma das entrevistas desta pesquisa, Dona Clemilda;

¹⁰⁷ Acervo do memorialista Geraldo Coni Caldas. Década de 1950. 1 fot., preto e branco, 10cm X 10cm. Coleção Particular.

Sentava num tamborete ou no chão com outra parceira do outro lado e o fardo de fumo no meio e separava as classes todas, o passador vinha pra pegar o fumo, aí perguntava: “que fumo é este? Primeira, trintinha, primeira grossa.” [Como reconhecia o tipo de fumo? Perguntei] A gente conhecia pelo bitolo, pelo tamanho. A capa separava pela cor: castanho, escuro e amarelo.¹⁰⁸



Figura 09: Seleção ou escolha das folhas de fumo. Autoria Sora Maia¹⁰⁹

Dona Clemilda do Amor Divino comenta como ocorria a divisão do trabalho e a especificação do fumo que deveria ser reconhecido e separado pelas trabalhadoras dos armazéns no trabalho denominado “escolha”. Três tipos de fumo eram produzidos: o *de Mata Fina*, o *de Beira-campo* e o *de Sertão*. O fumo de *Mata Fina* era considerado o de melhor qualidade do Brasil, esse tipo de fumo era cultivado em maior quantidade em Conceição do Almeida e tinha como características: cores uniformes, castanhas e castanha-escuro, folhas sedosas com elasticidade e resistência, com nervuras finas e de paladar suave.

As atividades nos armazéns eram temporárias, poucos estabelecimentos funcionavam o ano inteiro. Um fator determinante para o período de funcionamento, além da

¹⁰⁸ Clemilda do Amor Divino, ex-trabalhadora do armazém de fumo, aposentada, 65 anos, residente em Conceição do Almeida-BA. Entrevistada em 14 de dezembro de 2006, duração: 70 minutos.

¹⁰⁹ Correio da Bahia, 06 agost. 2000. Edição Repórter. p. 06. Biblioteca Pública do Estado da Bahia (BPEB). Setor : Periódicos: Acervo : Jornais. Salvador-BA.

safra era o clima: secas ou chuvas em excesso poderia prejudicar a colheita. O *Fumo de Mata* tinha como melhor período de colheita os meses de agosto a janeiro, os armazéns que funcionavam mais tempo traziam o fumo da cidade de Arapiraca, que era colhido em época distinta do fumo cultivado na Bahia. O fumo *Arapiraca* não era considerado de 'mesma qualidade' do plantado aqui no Recôncavo, como lembra Dona Clemilda: “O fumo de Arapiraca tinha um cheiro muito forte, muitas vezes era rejeitado pelos alemães, pois fedia muito. Pra manusear com ele, o funcionário tinha que beber muito leite, porque podia passar mal.”¹¹⁰ Esse testemunho demonstra os riscos que poderiam ocorrer à saúde do trabalhador ao manusear esse tipo de fumo, o que evidencia que os males iam além do odor que era muito forte.

Uma característica comum a todas as entrevistadas, ao falar sobre os armazéns de fumo, é o fato de chamar o local de trabalho pelo nome ou apelido do proprietário e nunca pelo nome de registro da empresa: *Karleone Ltda, C.C. Caldas Indústria Fumageira, Fumex Tabacalera Ltda, Ermo Tabarana Tabaco do Brasil Ltda*. Comenta Dona Isabel Fonseca Santos, ex-trabalhadora dos armazéns de fumo: “eu trabalhei no armazém de Seu Jonga, de Seu Geraldo Coni, em Carlos Borges, do Sr. Alberto Campos e de Seu Benedito Ribeiro.”¹¹¹ É como se a denominação do armazém pela nomenclatura do proprietário constituísse uma espécie de identidade local, mesmo estando vinculada apenas a um indivíduo que o organiza.

A ideia de propriedade compõe uma forte marca identitária, capaz de superar registros oficiais. Neste sentido, um lugar pode ser definido de forma relacional, envolvendo a essência das referências e suas individualizações, a percepção e as interconexões dos lugares e das pessoas que trazem a marca de um “espaço existencial” que é caracterizado na linguagem, nos topônimos e na forma de lembrança de forma familiarizada.

O lugar é determinante do contexto sócio-histórico que particulariza ou generaliza os ambientes; porém, a singularização dos espaços estabelece o grau das relações, de apreensão dos lugares, que é permeada por seus sentidos afetivos, utilitários, e possui também um caráter simbólico de poder. A denominação dos lugares é constituída cotidianamente de forma espontânea ou imposta, mas acaba transformando objetos e espaços em discursos, instituindo uma expressão social.

¹¹⁰ Clemilda do Amor Divino. Entrevista já citada.

¹¹¹ Isabel Fonseca Santos, ex-trabalhadora de armazém de fumo, aposentada, 75 anos, residente em Conceição do Almeida- BA. Entrevistada em 03 de agosto de 2006, duração: 60 minutos.

2.4 A IMPORTÂNCIA COMERCIAL DO FUMO

A entressafra do fumo significava a escassez de trabalho. Mesmo assim estar empregado, apesar de temporariamente, tinha uma grande importância para a população. É o que afirmou Adalberto Cerqueira (Sr. Bel), administrador de armazém de fumo: “Mas, quando as empresas do fumo estavam aqui no auge, tinha emprego pra todo mundo direta ou indiretamente. Tinha casa que empregava três a quatro pessoas; às vezes, se fazia uma forma de rotatividade pra todo mundo poder trabalhar.”¹¹²

Na década de 1960, diariamente, cerca de 5.000¹¹³ trabalhadores executavam uma rotina nos dezoito armazéns de fumo existente na cidade de Conceição do Almeida. “Quando a safra acabava quase todo mundo ficava desempregado e as coisas pioravam muito, prejudicando até o comércio.”¹¹⁴ A escassez de trabalho, ainda que temporariamente, era uma situação preocupante para a população local, uma vez que o fumo era um fator de grande importância em todas as instâncias econômicas do município.

É relevante a relação do comércio local com os armazéns de fumo nas décadas de sessenta e setenta. Apesar da produção ser destinada à exportação, os armazéns ajudavam a movimentar o comércio da cidade. As trabalhadoras passaram a consumir bens e mercadorias, aumentando as vendas e o interesse dos comerciantes em negociar com essas mulheres. Sobre esse fato, há um depoimento da professora e comerciante M^a da Conceição Barros Caldas (Dona Conce), 46 anos de idade:

Sr. João Maria, dono de uma loja de artigos variados aqui da cidade, vendia desde roupas, tecidos e até artefatos domésticos. As mulheres faziam as compras em forma de “caixa”, negociavam com o próprio comerciante. As mulheres separavam os artigos de seu interesse, esse fazia uma trouxa que permanecia na loja e era entregue no final do pagamento. As mulheres recebiam o dinheiro e toda sexta-feira vinha pagar ao Sr. João Maria. Era uma espécie de consórcio.¹¹⁵

Os trabalhadores dos armazéns eram contratados temporariamente, isso justifica o fato das carteiras profissionais de trabalho serem assinadas em períodos muito curtos. A grande ‘precisão’ ou a necessidade de sustentar a família, além da falta de oportunidade de

¹¹² Adalberto Cerqueira Magalhães. Entrevista já citada.

¹¹³ Dado estatístico não oficial expresso pelos entrevistados. Com o fechamento dos armazéns e do sindicato os documentos e registros não foram encontrados, os quais poderiam ser utilizados como fontes.

¹¹⁴ Adalberto Cerqueira Magalhães. Entrevista já citada.

¹¹⁵ Maria da Conceição Caldas Barros, professora e comerciante, 48 anos, residente em Conceição do Almeida-BA. Entrevistada em 18 de janeiro de 2007, duração 30 minutos.

conseguir emprego em outras atividades, tornava o armazém de fumo uma das únicas atividades disponíveis, o que fazia com que muitos trabalhadores e trabalhadoras tivessem períodos curtos e alternados de direitos trabalhistas reconhecidos, motivando a dificuldade de crédito no comércio local.

Indiretamente, a atividade fumageira movimentava bancos, lojas e comércio local. Naquela época, a cidade apresentava um crescimento comercial e populacional significativo, havia várias lojas, cinema, clube, era uma cidade que “progredia,” apesar das desigualdades sociais que se perpetuavam. O declínio da atividade fumageira na região e na cidade de Conceição do Almeida, a partir dos finais da década de 1970, instalou dificuldades econômicas e sociais, o que afetou diretamente a mão-de-obra feminina que sobrevivia praticamente desse trabalho. A falta de trabalho abateu-se principalmente sobre as camadas mais jovens da população e criou uma crise comercial na cidade, inaugurando um período de enfraquecimento econômico, que se perpetua até os dias atuais.

Na maioria das cidades do Recôncavo Fumageiro, o fechamento dos armazéns se deu pela transferência para outras cidades do interior da Bahia e para outras regiões do Brasil, devido incentivos governamentais, isenção fiscal, mão-de-obra ainda mais barata, além da campanha antitabagista que se propagou nas últimas décadas. Com o fechamento dos armazéns, os trabalhadores passaram a exercer outras atividades como empregadas domésticas, lavadeiras, diaristas na zona rural, biscateiros, muitos se aposentaram ou tiveram que se deslocar para outras regiões em busca de trabalho.

Sobre as questões trabalhistas, alguns ex-trabalhadores apresentam problemas nos documentos previdenciários e não conseguiram se aposentar devido ao curto período de tempo de “carteira apontada,” em média de três a seis meses. Apesar da farta oportunidade de trabalho, algumas trabalhadoras não tiveram seus direitos reconhecidos. É o que aponta Dona Francisca do Carmo: “trabalhei tantos anos no armazém, e não consegui me aposentar, isso é uma dor em mim.”¹¹⁶

Muitas trabalhadoras não tinham a carteira profissional assinada mesmo sendo esse um direito determinado na Constituição; lei criada como CLT (Consolidação das Leis do Trabalho) que surgiu pelo Decreto-Lei nº. 5.452, de 1º de maio de 1943, sancionada pelo presidente Getúlio Vargas, unificando toda legislação trabalhista vigente no Brasil, o que permitiria futuramente o direito à aposentadoria. Essa lei regulamentou as relações trabalhistas, tanto do trabalho urbano quanto do rural.

¹¹⁶ Francisca do Carmo, ex-trabalhadora do armazém de fumo, 73 anos, residia em Conceição do Almeida-BA. Entrevistada em 26 de janeiro de 2006, duração: 60 minutos. (Em memória)

Ainda hoje, essa lei continua sendo o principal instrumento para regulamentar as relações de trabalho e proteger os trabalhadores. Seus principais aspectos são: “Registro do Trabalhador/Carteira de Trabalho, Jornada de Trabalho, Férias, Medicina do Trabalho, Categorias Especiais de Trabalhadores, Proteção do Trabalho da Mulher Organização Sindical, Justiça do Trabalho e Processo Trabalhista.”¹¹⁷

Os direitos trabalhistas eram reivindicados pelos trabalhadores e trabalhadoras por meio do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Fumageira - STIF – que era mantido com a contribuição desses trabalhadores, com um desconto anual no salário que era repassado ao sindicato. No entanto, nem sempre os direitos eram respeitados: “a gente pagava o sindicato, dizia eles que era pra ter os direitos, ainda tinha o “dia de governo,” que era um dinheiro que era descontado no salário, e ainda descontava o INPS¹¹⁸ (Instituto Nacional de Previdência Social), afirma Dona Mundinha. Esses descontos muitas vezes eram vistos com certa ressalva e desconfianças pelas trabalhadoras, já que as mulheres tinham acesso restrito aos sindicatos. Sobre esse aspecto salienta Paola Giuliani:

As relações entre sindicatos e as mulheres não foram das mais fáceis. Embora as mulheres tenham tido presença significativa no mercado de trabalho, desde o início do processo de industrialização (...), mas os sindicatos não as incorporaram a prática política.¹¹⁹

As relações mantidas entre as mulheres e o sindicato ocorriam de forma restrita e distante. Muito pouco nas entrevistas foi comentado dessa convivência, que era vista como algo de certa forma distante. A pouca participação da mulher na luta sindical se deu também pela dupla jornada de trabalho, já que elas viviam divididas entre o lar e o trabalho nos armazéns.

Os sindicatos foram reprimidos pelos governos militares a partir de 1964, o que fez enfraquecer a integração social dos trabalhadores, conseqüentemente reduzindo as suas ações. As organizações sindicais passaram a ser questionadas, ou melhor, pressionadas devido ao imobilismo instalado nessas organizações naquele período, sendo modificada nos finais da década de 1970. Com a mobilização de diversos setores da sociedade, que exigiam a redemocratização do país, surgiram novas formas de negociação trabalhista, movimentos populares que ganharam representatividade nacional, estabelecendo um novo modelo sindical.

¹¹⁷ LUZ, France. *O trabalho da mulher no direito brasileiro*. São Paulo: LTR, 1984. p.34.

¹¹⁸ Raimunda Ribeiro Cunha, ex-trabalhadora de armazém de fumo, aposentada, 73 anos, residente em Conceição do Almeida-BA. Entrevistada em 03 de dezembro de 2006, duração: 50 minutos.

¹¹⁹ GIULANI, Paola Cappelli. Os movimentos de trabalhadoras e a sociedade brasileira. In: DEL PRIORE. Mary (Org.) *História das Mulheres no Brasil*: São Paulo: Contexto, 2001. p.650.

Grupos de mulheres provocavam debates em relação à cultura masculinizante sindical, fizeram mobilizações, tanto nas cidades quanto no meio rural, lutaram contra a segregação sexual que se estabelecia tanto nos locais de trabalho quanto nos próprios lares.

Para Cecília Sardenberg, a memória sobre a participação feminina nos movimentos grevistas é camuflada e, por vezes, negada, porque não era apropriado falar desses fatos. Analisar os movimentos grevistas femininos no Brasil é repensar a história do sindicalismo brasileiro, que envolve no seu contexto a exclusão e participação das mulheres trabalhadoras, mesmo diante da escassez de dados e fontes documentais que é resultado das repressões que marcaram as lutas sindicais, a invisibilidade da presença feminina é reforçada pelas desigualdades sexuais. A autora ressalta: “por certo, não há de se negar que parte da invisibilidade feminina nos estudos sobre as organizações sindicais deve-se ao próprio caráter patriarcal dessas instituições.”¹²⁰

Por muito tempo, a mobilização das mulheres se deu a partir de pequenas ações, em pequenos grupos, nas comunidades, nas pastorais, nas igrejas, e não propriamente na prática sindical. Contudo, é relevante salientar que os ritmos dessas ações se diferem nas diversas regiões ou localidades em que as mulheres estejam inseridas. No caso específico de Conceição do Almeida, o Sindicato não existia para essas mulheres como uma instância de luta trabalhista, mas de manutenção e de acordos patronais. Neste sentido, Cecília Sardenberg enfatiza que:

As memórias não se revelam como uma única voz, por muitas vezes se desenvolvem de forma harmônica, porém diferenciadas. Mostram que para diferentes gerações de trabalhadores e trabalhadoras, são refletidas experiências distintas na forma de ver e conceber o trabalho e as vivências, principalmente nesta concepção, a memória feminina difere da memória masculina, mesmo tendo vivenciados cotidianos comuns.¹²¹

Michele Perrot ao comentar sobre a greve nos Tabacos de Toulouse, na França, nos finais do século XIX, conduzida pelas operárias do tabaco, afirma que as manufaturas de tabaco apresentam estrutura original: forte concentração de mão-de-obra essencialmente feminina, estabilizadas por relativas vantagens de carreira e aposentadoria. Nessa profissão o aprendizado dura diversos anos, conseqüentemente, uma demissão poderia provocar grave prejuízo àquelas que fossem demitidas. A admissão é concorrida e a administração favorece a esse respeito às filhas de antigas operárias, o que contribuiu para desenvolver o sindicalismo

¹²⁰ SARDENBERG, Cecília M. Bacellar. (Org.) *Mulheres e sindicatos: Presença Feminina no Sindtêxtil-Ba nos anos 50*. Fazenda Gênero Baiano. Salvador: NEIM/ UFBA, 2001. p.135.

¹²¹ Idem. p.137.

feminino neste setor, conforme Michele Perrot, “nas manufaturas de tabaco, em que se faz carreira, as velhas empregadas conduzem o jogo, instruem as jovens, como guardiãs dos ‘direitos’ e de uma tradição em formação.”¹²²

No final do século XIX as operárias do tabaco sustentaram nove conflitos grevistas, caracterizado pela vivacidade da negociação e do vigor da solidariedade. É ainda Perrot quem afirma que “as jovens aprendizes recusaram-se a fazer um trabalho rejeitado pelas mais velhas, em seguida estas últimas insurgem-se contra a demissão das mais novas.”¹²³ A forma de organização, as queixas contra as punições ocorriam numa relação direta com a direção das empresas, mil operárias se mobilizam em Marselha na França, durante quinze dias, para obter a demissão de um chefe de seção detestado, considerado um feitor, que reprimia e multava as trabalhadoras. Porém, essa situação é um caso de “exceção de um universo de derrotas e de submissão”¹²⁴ que marcaram, ao longo dos tempos, as lutas trabalhistas femininas.

O sentimento de vergonha instituído por uma moral que, por muito tempo, afastou as mulheres dos movimentos grevistas, pois corriam o risco de ter manchada sua honra de mulher honesta. Assim, as mulheres eram consideradas incapazes de ações, vítimas, sem iniciativas. Também desconfiavam da política, inclusive dos movimentos feministas, vendo-os como movimentos burgueses, distante dos interesses das classes populares.

A análise dos depoimentos de homens e de mulheres sobre o trabalho na atividade fumageira, levou-nos a formar essa abordagem inicial. Porém, não se trata apenas de um ponto de vista, mas de uma partilha de ideias que estabelecem problemas, necessidades, sujeições, limitações vinculadas às dificuldades do trabalho, histórias ofuscadas pelas sombras da labuta, pela necessidade de sobrevivência.

Desta forma, este primeiro capítulo dedicou-se à análise dos aspectos que marcaram a dinâmica da atividade fumageira, contextualizando-a em sua espacialidade regional e local, enfatizando a forma conceitual concebida a partir do entendimento de região através de um debate teórico que estabelece olhares diferenciados sobre essa temática.

Posteriormente, explicitou-se sobre as questões específicas do Recôncavo Baiano e suas particularidades e pluralidades, estabelecendo o recorte espacial denominado Recôncavo Fumageiro; nesse limiar, debateu-se sobre a relação intrínseca campo-cidade na atividade fumageira, as suas especificidades como o plantio, o cultivo e o beneficiamento do fumo que se apresenta com expressivo valor econômico e histórico na formação dessa região.

¹²² PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru: EDUSC, 2005. p.165.

¹²³ Idem. p.169.

¹²⁴ Idem. p.170.

Demonstrou-se, também, a dinâmica da atividade fumageira, a sua importância comercial, as relações trabalhistas e sindicais que marcaram esse cotidiano, construídas a partir das narrativas de sujeitos que fizeram parte daquele contexto.

3. O COTIDIANO NOS TRAPICHES

Tratar de cotidiano é expressar a possibilidade de entendimento de um processo de produção de significados e sentidos. Assim, neste segundo capítulo, a pretensão é contextualizar o cotidiano da atividade fumageira, as dimensões que marcaram o trabalho nos trapiches e sua dinâmica, a partir das narrativas de trabalhadores e trabalhadoras que vivenciaram essa prática.

Partindo da apreciação das condições de trabalho, das memórias e das narrativas orais, dedicando uma maior atenção às relações formadas no trabalho, as relações de poder, além das estratégias de resistência, considerando-se, também, a importância histórica do trabalho feminino, buscou-se traçar um perfil do cotidiano da atividade fumageira, no contexto social de Conceição do Almeida. A preocupação que permeia esta discussão envolve a divisão e hierarquização social e sexual do trabalho, em histórias de vidas marcadas pela prática na atividade fumageira.

Para tentar compreender essa dinâmica é importante pensar nos aspectos que formam o cotidiano e se relacionam aos costumes, valores, hábitos que integram o ambiente físico e social. Assim, torna-se indispensável discorrer sobre como pode ser constituída a visão de cotidianidade

A história do cotidiano se opõe à chamada “grande história”, aquela que celebra os grandes feitos políticos ou econômicos. A historicidade sobre o cotidiano apresentava-se como uma “história simples”, corriqueira, rotineira e na qual os sujeitos agiam de forma inconsciente, previsível e alienada, possuía características individuais, íntimas, privadas, seria uma espécie de história dos hábitos sociais. Segundo alguns estudos, a vida cotidiana estaria desprovida de uma categorização ou de um método racional, enquanto pensamento científico, por isso, durante muito tempo, foi relegada e silenciada, conforme assinalaram os autores Michel de Certeau, Mary Del Priore, Agnes Heller; entre outros.

A narração cotidiana ganhou ênfase com a História Social, que passou a analisar e a ampliar o universo histórico humano a partir de diversas nuances; o cotidiano passou a ser pensado não como uma ação meramente repetitiva, mecânica e inconsciente, mas fruto de investigações históricas que se tornaram relevantes. O estudo do cotidiano aponta situações contrapostas como a permanência e a mudança que ocorre nas temporalidades cotidianas, que perpassam por dimensões particularizadas e generalizadas, formadoras dos acontecimentos singulares e coletivos que dimensionam a esfera da vida através das ações humanas, por isso

os estudos dessa temática deverá atentar para essa diversificação. O cotidiano apresenta uma perspectiva englobada pelas atividades diárias no trabalho, na rua e na própria vida social. Os preceitos da vida diária devem ser considerados como adaptações pragmáticas e heterogêneas.

Para Michel de Certeau, o cotidiano é sempre reinventado, está repleto de táticas, subterfúgios, improvisos, de estratégias de sobrevivência, resistência e criatividade, não é uma ação meramente disciplinadora, mesmo diante da atual cultura de massa que tenta disseminar uma visão de homogeneização dos hábitos e das experiências vividas. De acordo com esse autor,

[...] O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha)... O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio caminho de nós mesmos, quase sempre retirados às vezes velados... É um mundo que amamos profundamente, memória olfativa, memória dos lugares da infância, memória do corpo, dos gestos, dos prazeres...¹²⁵

O cotidiano se constitui de todas as atividades humanas, além de apresentar um caráter que pode se tornar hierárquico, mas não se caracteriza de forma imutável, vai se modificando e desenvolvendo de modo peculiar de acordo com as funções e estruturas na qual se forma num determinado tempo histórico, num movimento contínuo, sucessivo e ininterrupto. A cotidianidade é o que possuímos de mais íntimo ou pessoal, é o que transforma os hábitos e costumes, sendo fator primordial na construção das lembranças. Para Agnes Heller,

[...] a vida cotidiana é, em grande medida, heterogênea, e isso sob vários aspectos, sobretudo no que se refere ao conteúdo e a significação ou importância de nossos tipos de atividade. São partes orgânicas da vida cotidiana as organizações do trabalho e da vida privada, dos lazeres e do descanso, a atividade social sistematizada, o intercâmbio e a purificação.¹²⁶

Conforme essa autora, o cotidiano é, portanto, constituído de escolha, espontaneidade, de probabilidades formadoras das relações sociais, e, conseqüentemente, de pontos de vista moralmente assimilados. A vida cotidiana é heterogênea, permeada de atitudes formadas por normas e hierarquias, que direcionam os indivíduos e seus grupos. Segundo Heller, o homem já nasce inserido em forma de cotidianidade, estabelecida a partir de motivações particulares, ritmos, repetições e probabilidades.

¹²⁵ CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1996, p.31.

¹²⁶ HELLER, Agnes. *O Cotidiano e História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. p.18.

Neste sentido, Mary Del Priore considera que a vida cotidiana remete à vida privada e familiar, às atividades, aos laços sociais, ao trabalho doméstico e às práticas de consumo, encaminhando um repertório de ações, portanto “somos, antes de tudo, uma seqüência de gestos laboriosamente apreendidos nas circunstâncias mais diversas.”¹²⁷

Mas, para Maria Odila Silva Dias, a historicidade é marcada pela multiplicidade de entendimento do cotidiano. O advento da modernidade assinalou rupturas nos costumes e nos valores vivenciados pelos sujeitos históricos. O conceito de cotidiano, “sob esse prisma específico, parece implicar contradições como o próprio termo que indica, de imediato, para muitos, uma ideia de rotina de lazer de fatos encadeados num plano de continuidade, campo da necessidade de repetição.”¹²⁸

No entanto, para José de Souza Martins, a vida cotidiana é significativamente importante e não pode ser reduzida apenas a “usos e costumes”. O lugar e o modo de vida cotidiano não podem ser vistos tão somente como algo rotineiro, repetitivo. O estudo da vida cotidiana e a vida privada são temas imprescindíveis na compreensão dos sistemas sociais e históricos; assim, o autor assinala: “o vivido é mais que isso; é fonte de contradições que invadem a cotidianidade de tempo em tempo nos momentos de criação.”¹²⁹

Nessa perspectiva, este capítulo propõe uma reflexão sobre o cotidiano vivenciado nos armazéns de fumo em Conceição do Almeida, discutindo como era o local de trabalho, as relações de poder firmadas nesta conjuntura a partir das relações que envolviam mestres e patrões, também as dificuldades relatadas que demonstram a exploração da mão-de-obra, que se configura na opressão e reação dos sujeitos, a partir dos contrapoderes que haviam nessa relação social, as dificuldades e superações, além do trabalho fumageiro, que ocorria fora dos armazéns, nos lares, denominado ‘tirar trouxa’, aspectos esses percebido nas narrativas dos sujeitos que compartilharam suas memórias na construção desta pesquisa.

¹²⁷ DEL PRIORE, Mary. História do Cotidiano e da Vida Privada. In: FLAMARION, Ciro e VAINFAS, Ronaldo. (Org.). *Domínios da História - Ensaios de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

¹²⁸ DIAS, M^a Odila Leite Silva. Hermenêutica do Quotidiano na Historiografia Contemporânea. Trabalho da Memória. *Projeto História*. São Paulo: EDUC-PUC, n. 17, nov/ 1998. p.226.

¹²⁹ MARTINS, José de Souza. *A sociabilidade do homem simples: Cotidiano e história na modernidade anômala*. São Paulo: Contexto, 2008. p.56.

3.1 O COTIDIANO DO TRABALHO FUMAGEIRO

Normalmente, o trabalho era feito no chão ou em bancadas, distribuídas em fileira, como forma de disciplina e organização. A lida rotineira ocorria sob precárias condições, além da má estrutura dos armazéns, que era, de certa forma, uma agressão constante aos trabalhadores e trabalhadoras.

O expediente de trabalho ocorria de segunda a sábado, das sete da manhã às dezessete horas; uma jornada de trabalho de mais de dez horas diárias, com intervalo de uma hora para o almoço, que acontecia geralmente de forma rápida. “A gente não tinha tempo nem pra comer,”¹³⁰ relata Dona Nair Bispo. As trabalhadoras que moravam na zona rural, ou até em outras cidades, costumavam a “carregar marmitta”. Como a maioria dos armazéns não possuía refeitório, muitas mulheres se alimentavam embaixo das árvores, nos jardins ou nas casas das companheiras de trabalho.

Nas entrevistas, a alimentação é um tema que está mais vinculado à fome e à forma de ludibriá-la e de saciá-la. A variedade e a quantidade de alimentos, principalmente em uma família numerosa, eram, muitas vezes, insuficientes, o que fazia com que muitas daquelas mulheres se alimentassem precariamente, para que a comida sobrasse para os filhos. Além do tempo que era escasso, “o difícil era a lei do horário, se chegasse atrasada, não entrava. Nós arrumava os filhos, quando dava o horário, botava a comida na lata e ia comendo pelo caminho.”¹³¹

O cotidiano está inculcado de trabalho. O que pode ser verificado tanto no corpo quanto na memória, é confundido com o próprio tempo, na percepção de mundo, na essência da vida dessas mulheres. O controle do corpo, de maneira que não lhe escape do domínio, que está vinculado ao controle tempo, que, diante desta fala “lei de do horário” pode ser entendida no contexto marxista que dimensiona uma forma de escravização do trabalhador, que perdura nas relações de quase todas as atividades trabalhistas atuais.

No âmbito fumageiro, percebe-se a exigência de rapidez para a eficácia da produção, “perder tempo é perder dinheiro” e isso pode ser identificado nas entrevistas, quando há referência ao período destinado para o almoço, que, é considerado insuficiente, e que o tempo maior seria para cumprir as funções no trabalho, sem atrasos. O desenvolvimento capitalista produziu, na vida cotidiana, a ideia de que o tempo valorizado é aquele empregado na

¹³⁰ Nair Bispo dos Santos, ex-trabalhadora do armazém de fumo, aposentada, 70 anos, residente em Conceição de Almeida-BA. Entrevistada em 23 de janeiro de 2006, duração: 90 minutos.

¹³¹ M^a Nilza de Jesus (Dona Nita), ex-trabalhadora dos armazéns de fumo, aposentada, 70 anos residente em Conceição do Almeida-BA. Entrevistada em 02 de dezembro de 2005, duração: 80 minutos.

produção e no trabalho. O tempo de cuidar da vida, das pessoas, não é levado em consideração na distribuição da temporalidade; o período dedicado ao descanso e ao lazer é o que “sobra” das atividades produtivas.

Mais recentemente, com a reestruturação produtiva e mesmo com as novas tecnologias, o tempo continua “escasso”. As pessoas são sobrecarregadas de tarefas, uma vez que o tempo de produzir se intercala ao tempo da própria existência, tornando-se uma sequência da própria vida. Nessa condição, a alienação passa a ser um elemento básico desse modelo hegemônico. É o que destaca E. P. Thompson ao afirmar que,

[...] as relações sociais e o trabalho são misturados [...]. O empregador deve usar o tempo de sua mão-de-obra e cuidar para que não seja desperdiçado: o que predomina não é a tarefa, mas o valor do tempo quando reduzido a dinheiro. O tempo agora é moeda: ninguém passa o tempo, e sim o gasta.¹³²

Nas circunstâncias atuais, em que o tempo passou a ser redefinido pelas tecnologias, criou-se uma revolução na duração dos acontecimentos, a instantaneidade, a pressa e a aceleração, tornaram-se problemas para a maioria dos trabalhadores e trabalhadoras, dimensionando os ritmos da própria vida e, conseqüentemente, na cotidianidade.

Outro aspecto refere-se à presença marcante da mão-de-obra feminina na atividade fumageira. O trabalho no armazém de fumo exigia habilidade manual e delicadeza no manuseio com as folhas de fumo. Esse é um dos argumentos para direcionar a mão-de-obra feminina nessa atividade, em que as mãos possuem uma grande importância, são os instrumentos de trabalho, porque a fragilidade das folhas exigia delicadeza, algo que é historicamente associado à mulher. Como observa uma reportagem do *Correio da Bahia*, ao citar o artigo “A arte que exige perfeição,” de Geraldo Meyer Suerdieck, sobre a confecção de charutos e o trabalho manual feminino:

Mestras da confecção manual eram mais cuidadosas e perfeccionistas no processo de produção. A arte que vai do enchimento da bucha ao capeamento do fumo exige perícia e atenção. (...) As mulheres eram mais cuidadosas, seletivas e perfeccionistas. Ao contrário dos homens, elas trabalhavam com mais amor e maior dedicação.¹³³

O discurso de Geraldo Meyer Suerdieck está permeado de intencionalidades que tenta direcionar a “importância” da mão-de-obra feminina no trabalho fumageiro, especificamente

¹³² THOMPSON, E. P. *Costumes em Comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 272.

¹³³ CÉSAR, Elieser. *Sombras do Passado*. Correio da Bahia, Salvador, 6 de ago. 2000. Edição Repórter, p. 06. Biblioteca Pública do Estado da Bahia (BPEB). Acervo: Jornais.

no fabrico de charutos, já que seriam as mulheres impecáveis conhecedoras do ponto perfeito para a combustão dos charutos, “donas de técnicas apuradas dominavam os segredos que influenciam na queima e no gosto,”¹³⁴ eram exímias conhecedoras dessa arte.

Paciência e rapidez são os ingredientes importantes para o trabalho manual fumageiro, se as mulheres não tivessem esses predicados poderiam depreciar o produto. Esse discurso institucionalizou a ideia de que a força de trabalho feminino seria predominante nessa atividade.

Em outra perspectiva, também nesses discursos pode-se ler traços da erotização do fumo, uma vez que era muito difundida as suas propriedades afrodisíacas, uma espécie de elixir sexual. Acredita-se que a fumaça espanta o estresse, os aborrecimentos e dá disposição para o amor, ainda mais sendo enroladas nas coxas das mulatas do Recôncavo, idealização disseminada na região.

“Uma lenda difundida no Recôncavo diz que os charutos fabricados na Bahia só eram bons por serem enrolados nas coxas das mulheres. Se a mulher era mais carnuda, mais jovem e mais bonita, o charuto então seria excelente.”¹³⁵ O simbolismo dessas construções nessas colocações desperta-nos o pensamento de como a mulher foi estereotipada nessa atividade, sendo considerada sensível, estigmatizada e sensualizada, ao invés de servir potencialmente a esse trabalho.

Porém, essa situação pode ser analisada por outro ângulo, nas diversas temporalidades. Na pesquisa iconográfica, percebemos que, anteriormente, no início do século XX, a mão-de-obra era basicamente masculina, até a década de 1940, o que contradiz a ideia de que o jeito ou sensibilidade para o trabalho fossem características estritamente femininas. Conforme Dona Lúcia Coni: “Teve uma época que só trabalhava os homens no armazém, e mesmo quando começou a contratar as mulheres tinha período que o trabalho era basicamente masculino.”¹³⁶ Situação essa que pode ser verificada nas imagens seguintes:

¹³⁴ Idem p. 07

¹³⁵ Idem p.03

¹³⁶ Lúcia Borges Coni, ex-administradora de armazéns de fumo, ex-prefeita da cidade de Conceição do Almeida-BA, aposentada, 80 anos, residente na mesma. Entrevistada em 19 de maio de 2010, duração: 60 minutos.



Figura 10: Beneficiamento masculino do fumo. Interior do armazém: C.C. Caldas Beneficiamento do fumo, 1947. Autoria desconhecida.¹³⁷



Figura 11: Enfardamento do fumo: mãos masculinas.¹³⁸ Autoria desconhecida.

As imagens, aqui expostas, demonstram que nem sempre na atividade fumageira a força de trabalho predominante era feminina, e esse discurso em torno da concepção de ‘sensibilidade e jeito’ para o serviço deve ser repensado e problematizado; embora não se

¹³⁷ Acervo do memorialista Geraldo Coni Caldas. Década de 1950. 1 fot., preto e branco, 10cm X 10cm. Coleção Particular.

¹³⁸ Arquivo Público do Estado da Bahia, Salvador-Bahia, Brasil. Maço 149 Cx. 2378, Doc. 557. Série: Fotografia sobre a cultura do fumo. Quantidade 18 fotos. Seção Republicana. Década de 1935 a 1942. PHOTO. 1. foto. preto e branco, papel fotográfico, 10cm X 15cm.

possa negar que esse discurso contribuiu para a inserção das mulheres nesse mercado de trabalho que, naquele momento, se predispunha ao trabalho, ganhando menores salários.

Há controvérsias historiográficas quando são debatidas as questões de gênero, classe e raça. Ao pesquisar a história das mulheres é visível como esses três conceitos são pertinentes de reflexão. Os conflitos de gênero marcam também a inserção da mulher no mercado de trabalho, gerando competição entre homens e mulheres, principalmente quando os empregos tornaram-se escassos. Como assinala Bridget Hill:

Então, a própria possibilidade dos empregadores pagarem menos às mulheres que aos homens, na suposição de que seu pagamento era apenas suplemento à remuneração de seus maridos, sempre foi potencialmente corrosiva das relações de gênero. Quando os empregadores tentaram subestimar o trabalho dos homens pela mão-de-obra barata das mulheres começou a haver tensões crescentes entre os sexos.¹³⁹

Os homens passaram, então, a considerar as mulheres como rivais perigosas, que estariam se afastando dos seus deveres maternos, arruinando também os valores monetários da mão-de-obra masculina, acirrando, ainda mais, esse conflito. A inserção feminina no mercado de trabalho contribuiu para o rompimento do discurso: “lugar de mulher é em casa.” Não se pode, no entanto, descartar o condicionamento cotidiano dos afazeres domésticos à maioria das mulheres, e nem se rejeitar uma relação de produção e reprodução ideológica culturalmente difundida na maioria das sociedades antigas e atuais.

Redimensionando a discussão para o contexto do trabalho fumageiro, percebe-se que outro fator influenciava na escolha feminina, uma espécie de “acomodação” das mulheres, que não reclamavam da remuneração, pois viam naquele “dinheirinho” uma forma de emancipação ou de “independência” propriamente dita.

A remuneração era mínima, mal dava para suprir as necessidades básicas, “mas era uma alegria quando a gente recebia o dinheiro e podia fazer nossa feirinha,”¹⁴⁰ rememora D. Raimunda. O trabalho nos armazéns ganhou outra significação que foi o do “salário”, ganhar dinheiro, poder comprar coisas, poder consumir, o que antes era quase impossível. Esse depoimento expressa uma visão do trabalho como uma forma de manter a “vida”, como atividade comprada e vendida. Porém, torna invisível o sentimento de exploração, do

¹³⁹ HILL, Bridget. Para onde vai a História da Mulher?: História da mulher e história social – juntas ou separadas? *Varia História*. Belo Horizonte, nº 14, set. 1995. p.11.

¹⁴⁰ Raimunda Ribeiro Cunha. Entrevista já citada.

recebimento de um salário injusto, o que pode ser percebido nos discursos da maioria das classes trabalhadoras. Para Elizabeth Silva,

[...] o ofuscamento da exploração do trabalho produz a violência invisível. A invisibilidade, ao repousar nos sentimentos de satisfação e prazer dessas mulheres durante o ato do trabalho lhes impede de reconhecer os pontos negativos...¹⁴¹

A baixa remuneração da mão-de-obra feminina marca a grande desigualdade socialmente concebida e vivenciada pelas mulheres. Segundo dados do IBGE,¹⁴² a mulher brasileira recebe bem menos que os homens, embora trabalhem nas mesmas atividades e, muitas vezes, com um maior grau de escolaridade.

Conseguir um trabalho no armazém não era tão fácil, geralmente a pessoa era indicada por uma companheira de trabalho que tinha conhecimento com o mestre ou administrador, e tinha que demonstrar “jeito para o serviço”. Esse pressuposto, como já foi afirmado anteriormente, tenta evidenciar porque a mão-de-obra feminina era tão expressiva nesse tipo de trabalho, entende-se que a aprendizagem do trabalho estava vinculada ao esforço de sobreviver, de se manter, além da busca por certa independência financeira.

Outro aspecto importante refere-se à forma de pagamento das trabalhadoras na atividade fumageira, geralmente o recebimento era semanal e ocorria no final das tardes das sextas-feiras. Algumas mulheres recebiam salários fixos, mas existiam as diaristas que recebiam pelo que produziam a cada dia.

O cotidiano da cidade de Conceição do Almeida era marcado pela dinâmica do trabalho na atividade fumageira. Um exemplo é a feira livre no Mercado Municipal. Aos sábados ocorria, e ainda ocorre, a feira. No passado, “as mulheres do fumo” lotavam a feira às cinco horas da manhã, normalmente frequentavam muito cedo, pois às sete horas deveriam estar nos armazéns, e, ao meio-dia, na saída do trabalho, a feira praticamente já havia terminado. Em decorrência desse fato, o hábito de se “fazer feira” muito cedo se perpetuou e se mantém até os dias atuais.

Sobre essa situação há uma consideração importante na entrevista de Dona Nita: “no sábado, tinha que ir cinco horas da manhã na feira pra sete horas tá na porta do armazém, a

¹⁴¹ SILVA, Maria Aparecida Moraes. *De Colona a Bóia-Fria*. DEL PRIORE. Mary (Org.). Op.cit. p.568.

¹⁴² BRASIL. Censos Demográficos de 1970, 1980, 2000 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

feira que a gente fazia ficava lá no armazém, meio-dia a gente botava a feira na cabeça e levava pra casa. Meio dia, na feira, não tinha mais nada.”¹⁴³

Outro ponto refere-se ao pagamento das trabalhadoras dos armazéns, que era feito por diárias, pois a persuasão se agravava, ainda mais para aqueles que não desfrutavam da segurança de permanência no trabalho. É o que nos afirma Dona Clemilda:

Era uma luta, eu recebia por diária, e fazia meu trabalho bem feito e ligeiro, um dia o mestre mordeu meu fumo. [Como mordeu? Perguntei] ela explicou: disse que não tava bom, e eu sei que tava bom, e ele só falou isso para me persegui, mesmo assim eu fiz o trabalho de novo. Acho que ele pensava que eu tava ganhando muito.¹⁴⁴

Percebe-se como o poder masculino e o medo faziam parte do cotidiano das mulheres nos armazéns de fumo. A entrevistada manifestou, na sua fala e no seu olhar nostálgico, uma memória doída, que marcou seu cotidiano na experiência de um trabalho minucioso, cuidadoso, mas que ocorria sob pressão e domínio. Como assinalou Foucault, “cada momento na história a dominação se fixa a um ritual, ela impõe obrigações e direitos, ela constitui cuidadosos procedimentos. Ela estabelece marcas, grava lembranças nas coisas e até no corpo”¹⁴⁵, o que possibilita um questionamento sobre as relações de poder que estão sedimentadas na sociedade que permeia os “pequenos mundos fragmentados”.

Na entrevista, Dona Eunice comenta sobre quando ela morava na zona rural e trabalhava na cidade, deixando transparecer outro problema, as dificuldades vivenciadas durante o percurso para o trabalho: “Eu andava mais de uma légua pra chegar no armazém. Um dia tava dando trovoada, eu tinha que passar pelo rio e tinha tanta água que me puxava, eu segurava no arame da cerca, quase eu morro.”¹⁴⁶ A entrevistada aponta as dificuldades vivenciadas por muitas trabalhadoras que moravam na zona rural e se deslocavam para a cidade.

Ao comentar o fato, Dona Eunice expressa, nos seus gestos, a ação e o desespero daquele momento. Assim, no exercício da memória, conforme ressaltou Foucault, “a linguagem de ação é o corpo que fala, e, contudo não é dada logo de início. O que a natureza permite é apenas que, nas diversas situações em que se encontra, o homem faça gestos, seu

¹⁴³ M^a Nilza de Jesus. (D. Nita). Entrevista já citada.

¹⁴⁴ Clemilda do Amor Divino. Entrevista já citada.

¹⁴⁵ FOUCAULT, Michel, *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979. p.20.

¹⁴⁶ Eunice Coelho Epifânio, ex-trabalhadora do armazém de fumo, aposentada, 65 anos, residia em Conceição do Almeida- BA. Entrevistada em 02 de março de 2007, duração: 80 minutos. (Em memória)

rosto agitado por movimentos; ele emite gritos inarticulados,¹⁴⁷ que traduzem um cotidiano de dificuldades.

Há uma dramaticidade nesse testemunho, em que uma mulher franzina e simples comentou sobre a forma como os elementos da natureza também impunham limites ao cotidiano das trabalhadoras, as chuvas, trovoadas, o sol escaldante, o longo percurso que trilhavam até o trabalho e a necessidade que as faziam enfrentar ferozmente as barreiras e os desafios.

Desta forma, analisar elementos do cotidiano remete para a historicidade das vidas dessas trabalhadoras, revelando os seus papéis nesse contexto, as mudanças que se dão no “ir e vir” das memórias, desvendando os espaços femininos que foram ocultados.

3.2 O LOCAL DE TRABALHO



Figura 12: Beneficiamento do fumo. A autoria: Manoel da Conceição Santos (Nezinho) ¹⁴⁸

O local de trabalho extrapola a cobertura das necessidades puramente físicas para atingir outros campos da construção humana, como o cultural e o psicológico. Representa referência, identidade, espaço para relacionamento e para construção da família e da cidadania.¹⁴⁹

¹⁴⁷ FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p.147

¹⁴⁸ Armazém de fumo C.C. Caldas em Conceição do Almeida-BA, década de 1970.1. foto. , preto e branco, papel fotográfico, 15cm X 20cm. Acervo Particular de Hugo Mascarenhas Filho.

¹⁴⁹ OLIVEIRA, Lucia Marisy Souza Ribeiro. *Dois Anos em Um: A realidade do Cotidiano Feminino*. Salvador: Secretaria do Trabalho e Ação Social, 1998. p.59.

Cada armazém de fumo tinha em média um contingente de cerca de 100 a 800 trabalhadores empregados, dependendo do período do ano, da safra e do tamanho do armazém, sendo a maioria composta por mulheres, que estavam divididas em categorias: *no chão* (sentadas no chão propriamente dito), *na ralaoa* (catadoras ou raloeiras das folhas de melhor qualidade) e *na escolha* (nas bancadas separando as folhas).

Havia ainda a figura do passador, geralmente ele fiscalizava toda produção, verificando a qualidade do fumo e levando-o à prensa. Esse trabalho era feito por homens, pois demandava o uso de grande força física. Sobre este aspecto, o memorialista Geraldo Coni Caldas afirma:

Os homens de peso carregavam fardos de fumo já curados no galpão, conduzindo volumes do tabaco bruto à devida manipulação – o beneficiamento. [...] Se dá início à escolha, surrando as manocas e logo procedem a catação e classificação das mesmas. Passadores operários mais experientes coletam as manocas escolhidas e já arrumadas em mãos pelos escolhedores. Conduzem aos seus caixilhos para expurgar as folhas defeituosas que escapam aos olhos dos últimos. O contra-mestre aguarda o serviço do passador e na taboa da grade faz o repasse final considerando “certo o trabalho”.¹⁵⁰

Um dos mais importantes cargos dentro do armazém era a figura do “mestre”, que determinava e observava o desenrolar de todo beneficiamento: a escolha, classificação, separação e o controle de produção, prestando contas ao chefe do escritório de todas as ocorrências. O chefe, por sua vez, cuidava da centralização do trabalho executado no beneficiamento.

À frente da administração estava o gerente ou agente da Casa Exportadora que, por sua vez, possuía um vínculo maior com os proprietários dos armazéns ou das safras, fazia as negociações com os “estrangeiros” que, periodicamente, visitavam os armazéns, observando o trabalho, colhendo informações sobre o processo de produção, a qualidade, o plantio, exportação e, principalmente, acerca das questões financeiras, como preços, despesas e lucros.

Os cargos de mestres, contramestres e passadores representavam funções importantes no processo de produção, principalmente por se inserirem numa relação de confiança e amizade entre patrão e empregado e, quase sempre, esses cargos eram ocupados por homens. As mulheres eram consideradas figuras subalternas, submetidas, quase todo tempo, às ordens masculinas. O depoimento de Dona Crispiniana Santos Maia (Dona Pina) aponta o medo das mulheres em relação à figura masculina (o mestre) no ambiente de trabalho. “Tinha mulé que

¹⁵⁰ CALDAS, Geraldo Coni, Op.cit. p.262

chorava pra danar quando o mestre olhava o fumo e dizia que tava ruim, trazia de novo o fumo, tinha que passar tudo de novo as companheiras é que ajudava.”¹⁵¹ Ainda sobre a divisão de funções, dona Luzia Lima lembra que,

A função do mestre era de coordenador do trabalho dos operários, da mão-de-obra, era ele quem dirigia. Fiscalizava o fumo até nos fins de semana, usava o termômetro até dia de domingo para medir a temperatura do fumo, porque se deixasse esquentar demais pegava fogo. Se esquentasse tinha que juntar os homens e revolver o fumo todo.¹⁵²

A fala de Dona Luzia (ex-secretaria de armazém de fumo) reforça o papel do mestre e sua grande responsabilidade no trabalho. Quando o fumo aquecia, poderia ocorrer uma espécie de combustão e, por isso, o mestre deveria estar atento, mesmo nos dias de folga. Se ele percebesse algum risco, os homens eram convocados ao armazém. É imprescindível perceber que nesse depoimento, está implícita a possibilidade de acidentes de trabalho, frente a situações de riscos, as quais os trabalhadores estavam permanentemente expostos.

Os homens tinham funções mais simples, faziam a parte mais “pesada” do trabalho, prensavam e encaixotavam o fumo, assim como carregavam e descarregavam os caminhões com fardos de fumo pesados, o que constituía numa rotina diária nos armazéns. Suportar inúmeras atividades dos armazéns exigia dos trabalhadores agilidade, paciência, assim como resistência física e mental. “Era um trabalho cansativo, se as costas doesse tinha que trabalhar assim mesmo, eu tinha uma dor nas costas que não passava. Só a grade de botar o fumo tinha 40 quilo, quando enchia de fumo ia pra mais de 120 quilo,”¹⁵³ afirma o Sr. Manoel da Paixão, ex-trabalhador do peso e mestre nos armazéns de fumo durante mais de 40 anos.

O movimento constante de abaixar e levantar, carregar peso, representava a mecânica rotina do trabalho, o que causava muitas dores; mas, aos poucos, “o corpo ia acostumando”.¹⁵⁴ O corpo tornava-se obediente, um objeto de conquista e de permanência no trabalho. Discussões sobre condições de trabalho como essas remetem às observações de Karl Marx, em sua obra ‘*O capital*’:

A lamentável rotina de um trabalho sem fim, onde o mesmo processo mecânico renova-se sem cessar, o peso do trabalho cai sempre sobre o operário esgotado. [...] A subordinação técnica do operário ao andamento

¹⁵¹ Crispiniana Santos Maia, ex-trabalhadora do armazém de fumo, aposentada, 77 anos, residente em Conceição do Almeida-BA. Entrevistada em 14 de dezembro de 2005, duração: 60 minutos.

¹⁵² Luzia Lima Caldas. Entrevista já citada.

¹⁵³ Manoel da Paixão de Jesus. (Macarrão), ex-trabalhador dos armazéns de fumo, aposentado, 65 anos, residente em Conceição do Almeida-BA. Entrevistado em 20 de agosto de 2006, duração: 40 minutos.

¹⁵⁴ Idem.

uniforme do meio de trabalho e a composição particular do corpo de trabalho – criam uma disciplina militar.¹⁵⁵

Essas concepções podem desmistificar certa visão unilateral em torno do mestre e dos homens que trabalhavam nos armazéns de fumo, que eram vistos, por muitos, como alguém incompreensível e, até, desumano. Percebe-se que eram indivíduos com poderes, mas, também, com dificuldades e sofrimentos, enfrentando problemas no trabalho, trazendo elementos que sinalizam as tensões e contradições inerentes àquele ambiente.

Os armazéns apresentavam, na maioria das vezes, péssimas condições. No geral eram galpões sem ventilação, onde os trabalhadores estavam sujeitos a grande inalação do odor do fumo, ocasionando problemas respiratórios aos que ali trabalhavam como comenta Dona Crispiniana: “até se acostumar com o cheiro do fumo, muita gente vomitava e até desmaiava, eles davam leite aos operários.”¹⁵⁶ Estudos sobre a indústria fumageira confirmam essa situação, além de problemas respiratórios, vinculados também a determinados agrotóxicos que eram adicionados ao fumo durante o plantio, assim como ocorriam acidentes de trabalho, depressão e manifestações de problemas mentais; são as chamadas, segundo estudos médicos, “doenças ocupacionais”.

As doenças ocupacionais causam alterações na saúde do trabalhador, provocadas por vários fatores relacionados como o ambiente de trabalho, podem originar doenças respiratórias, de pele e problemas ósseos, lesões, amputações, traumatismos do músculo e tendão, LER (Lesão por Esforço Repetitivo), entre outros problemas. Normalmente são adquiridas quando o trabalhador é exposto a um esforço e trabalho acima do limite permitido por lei, utilizando agentes químicos, físicos, biológicos ou radioativos, sem a devida proteção.

Essa questão é discutida em estudos sobre as condições de trabalho, e suas patologias estão relacionadas a outras variáveis, tais como a organização do trabalho que se refletem nos valores e regras da sociedade. Fica, portanto, difícil falar de um mundo do trabalho e um mundo fora do trabalho. O mundo é um só e os trabalhadores existem no mundo, transformando-o e por ele sendo transformados, com um modo de viver construído historicamente e definido socialmente.

Durante muito tempo, em decorrência da maneira fragmentada de ver o mundo do trabalho, a sociedade capitalista procurou atribuir ao trabalhador a responsabilidade pela

¹⁵⁵ MARX, Karl. *O Capital: edição resumida*. Rio de Janeiro: Guanabara. 1980. p.113-114.

¹⁵⁶ Crispiniana Santos Maia. Entrevista já citada.

saúde ou pela sua doença, já que as doenças não eram vinculadas ao esforço do trabalho. A desmistificação dessa concepção exigiu uma grande luta dos trabalhadores e as trabalhadoras.

Nesta pesquisa, nenhuma entrevistada falou explicitamente sobre acidente de trabalho ou doenças relacionadas ao trabalho com o fumo, mesmo sendo essa uma questão pertinente. São os “silenciamentos da história”. Creio que, nas lembranças dessas mulheres, o fato de “passar mal” era um problema passageiro, e a maioria das doenças não eram vinculados ao trabalho na atividade fumageira, ou simplesmente não quiseram afirmar tal fato, mesmo porque não possuíam conhecimentos que pudessem comprovar o vínculo dessas patologias, naquele período, ao cotidiano do trabalho. Portanto, é necessário que se leia nas entrelinhas dos depoimentos. É o que se pode observar na narrativa de Dona Maria Nilza de Jesus (Dona Nita):

O povo na minha época não era muito doentio não, quando passava mal no armazém levava para o escritório e tomava um cafezinho, se piorasse ia pro médico e pronto. Eu acho que as doença não é do fumo não, mas sim do que nós come.¹⁵⁷

Os danos causados pelos inseticidas e produtos químicos acrescidos ao fumo só são percebidos no organismo a longo prazo. Para a Organização Mundial da Saúde (OMS), o mapeamento e as diretrizes de enfrentamento da epidemia do fumo são desafiadores e fazem parte das doenças ocupacionais. Os problemas relacionados à saúde dos trabalhadores são descritos em diversos estudos sobre a indústria do tabaco que, ao analisar as diversas doenças dos trabalhadores, direta ou indiretamente, se relacionam ao trabalho na atividade fumageira.

O contato com a folha do fumo verde pode causar uma enfermidade conhecida como *doença da folha verde*, que produz uma série de sintomas: tontura, tremedeira, fraqueza, ânsias de vômito. Ainda há casos de pessoas que adquiriram problemas oftalmológicos. O contato com a nicotina das folhas de fumo e com os agrotóxicos a ele acrescidos tem um efeito danoso para a saúde dos agricultores e trabalhadores, causando um efeito cumulativo no organismo que proporciona, muitas vezes, distúrbios, inclusive do sistema nervoso.

Os problemas de saúde relacionados ao trabalho se tornaram foco de diversas pesquisas, principalmente em relação à mulher. Eleonora Oliveira destaca que “as mulheres, tal como os homens, estavam expostos aos riscos do trabalho. No entanto, elas não eram consideradas produtivas e tampouco suas atividades eram consideradas de risco para a saúde.”¹⁵⁸

¹⁵⁷ M^a Nilza de Jesus (Dona Nita). Entrevista já citada.

¹⁵⁸ OLIVEIRA, Eleonora Menicucci. *A mulher, a sexualidade e o trabalho*. São Paulo: Hucitec; CUT, 1999. p.61.

No decorrer das entrevistas, as mulheres costumam comparar situações, comportamentos e valores da vida de antes e de agora. Tomam o passado pelo presente, chamam atenção para o que consideram pior ou melhor. A comparação do passado e do presente ‘do lá e do cá’, quanto ao consumo de alimentos, demonstra a consciência das culturas diferenciadas, do modo de vida e dos hábitos alimentares antigos. As mulheres encontram diferenças fundamentais entre os alimentos de ‘sua época’ e os atuais. Considerando que antes os alimentos eram mais naturais, plantados na região ou nos quintais, alimentos saudáveis, sem agrotóxicos, sem “veneno.”

Neste sentido, o exercício da análise da memória, das lembranças do trabalho, é vinculado a uma produção material produzida, aos hábitos, às vivências e se tornam uma espécie de matéria recordada. Como afirma Ecléa Bosi, “não esqueçamos que a memória parte do presente, de um presente ávido pelo passado.”¹⁵⁹

3.3 AS RELAÇÕES DE PODER FIRMADAS NO TRABALHO



Figura 13: As mulheres: trabalho no interior de armazém de fumo.
Autoria de Manoel da Conceição Santos (Nezinho)¹⁶⁰

¹⁵⁹ BOSI, Ecléa. *O Tempo Vivo da Memória. Ensaios de Psicologia Social*, p. p.20.

¹⁶⁰ Armazém de fumo C.C. Caldas em Conceição do Almeida-Ba. Década de 1970.1. foto. , preto e branco, papel fotográfico, 15cm X 20cm. Acervo Particular.

Todas as relações tomam forma da dependência, da tutela, da concessão, da autoridade e do favor, fazendo da violência simbólica a regra da vida social e cultural.¹⁶¹

Observa-se na imagem a forma como o fumo era empilhado e enfardado após a escolha, que era uma atividade anterior à demonstrada na fotografia. Verificam-se, também, as vestimentas das mulheres, descalças ou com chinelos, com trajés simples, não havia um uniforme. O lenço na cabeça é uma marca peculiar nas vestimentas das mulheres, uma forma de proteção contra a poeira e o cheiro forte do fumo que se impregnava no corpo. A estrutura física do armazém fotografado ilustra a variação de tamanho e demonstra as condições precárias de trabalho.

Vê-se, também, em outro plano na fotografia, o mestre de armazém que se põe de forma erguida, imponente, observando o trabalho, traduzindo o poder, enquanto as mulheres, em sua maioria, cabisbaixas cumpriam as funções. Etimologicamente, a palavra mestre significa professor de grande saber, aquele que é perito ou versado em qualquer ciência ou arte, um oficial graduado de qualquer profissão: mestre pedreiro, mestre carpinteiro entre outros, aquele que tem conhecimento superior aos discípulos, levando-os tudo aquilo que serve de ensino ou do qual se pode tirar alguma lição.

No âmbito fumageiro, o mestre é um indivíduo que se encontra intercalado entre o trabalhador e o patrão, é alguém que fiscaliza e intervém; é encarregado e responsável pelo bom andamento do trabalho; tem conhecimentos técnicos sobre o beneficiamento do fumo. É uma figura curiosa na consciência das trabalhadoras. De acordo com Marilena Chauí, “inúmeras falas se referem a ele como trabalhador que pensa que é patrão e que, por não sê-lo é pior que o patrão, (...) presta serviço voluntário ao patrão, funciona como dedo-duro e é, por isso, odiado.”¹⁶²

Como nos relata Dona Clemilda, “tinha mestre que era o diabo em pessoa, não valia nada, mas, tinha outros que era gente boa.”¹⁶³ Tem-se aqui, um discurso permeado por diversos sentimentos, às vezes contraditórios. Por outro lado, o mestre era visto por muitas trabalhadoras como alguém que cumpre com obrigações e que era mandado pelo patrão para cumprir aquela função e, por isso mesmo, deveria exercer as suas funções. Para Dona Nita, “o mestre era empregado como a gente e tinha que prestar conta do trabalho”¹⁶⁴. Essas falas

¹⁶¹ CHAUI, Marilena. *Conformismo e Resistência: Aspectos da Cultura Popular no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1986. p.54.

¹⁶² Idem p.139.

¹⁶³ Clemilda do Amor Divino. Entrevista já citada

¹⁶⁴ M^a Nilza de Jesus (Dona Nita). Entrevista já citada.

trazem certa ambigüidade, pois, ao mesmo tempo em que o mestre é considerado alguém “ruim,” é visto, ainda, como alguém que representava uma hierarquia perante os outros trabalhadores, mas que era, também, dominado e cobrado por seu serviço. Havia mestres que eram considerados justos e coerentes, outros eram vistos como verdadeiros “carrascos.”

A obediência ao mestre era algo estabelecido à qual as trabalhadoras eram submetidas. Mas, esse poder não era visto pelas mulheres sempre como arbitrário, porém, condicionado e determinado por imposição da própria realidade social, um direito instituído e que, de certo modo, deveria ser obedecido por todos, não por ser justo, mas como forma de garantir a permanência no trabalho, um jogo de poder que não pode ser visto apenas pelo ângulo de quem domina.

Como já foi referido, nos armazéns de fumo a presença feminina quase sempre era subordinada ao mestre e ao administrador. É necessário ressaltar, entretanto, que em algumas entrevistas, foi especificada formas femininas de comando, como algumas esposas dos donos de armazém que, na ausência deles, assumiam o cargo de supervisão as chamadas trapicheiras, algumas contramestras que organizavam o trabalho, além das secretárias que faziam os trabalhos burocráticos e os pagamentos. Como salienta Dona Marinalva:

Tinha mulheres que organizavam o trabalho e repassava o fumo eram contramestras. Aqui tinha uma mulher chamada ‘Senhora’ do Comércio de Jaguaripe [Distrito rural] que organizava o trabalho no armazém de Seu Benedito Ribeiro, trabalhou muitos anos. Tinha também dona Lucinha Coni que administrava o armazém, foi trapicheira por muitos anos.¹⁶⁵

O dono do armazém ou o “patrão” também se apresenta como uma figura instigante. Para algumas mulheres, ele era um “homem bom,” alguém que estava oferecendo a elas uma oportunidade de trabalho, que às vezes adiantava o pagamento quando necessitava e compartilhava o trabalho no fumo com elas. Eis o que nos diz Dona Nita: “Seu Jonga [proprietário de armazém] era quase um pai pra gente, conversava, brincava e até comia a nossa farofa. Mas tinha outros que passava e nem olhava, mal dava bom dia.”¹⁶⁶ Essa fala reflete a visão que as trabalhadoras tinham dos chefes ou patrões, que utilizavam de estratégias de convivências, algumas vezes de entrosamento e outros de distanciamento, frieza e indiferença.

¹⁶⁵ Marinalva dos Santos, ex-trabalhadora da atividade fumageira, aposentada, 64 anos, residente em Conceição do Almeida-BA. Entrevistada em 16 de março de 2010, duração: 60 minutos.

¹⁶⁶ M^a Nilza de Jesus (Dona Nita). Entrevista já citada.

Fatos esses rememorados também por Dona Nice: “teve uma vez, que não tinha fumo pra trabalhar, foi um ano muito seco, Seu Juca Almeida [proprietário de armazém] trouxe café pra gente catar no lugar do fumo, pra gente não perder a carteira.”¹⁶⁷ A entrevistada reforça a ideia do chefe que age para ajudar a manter o trabalho diante das condições climáticas adversas daquele ano.

O que chama atenção no depoimento, é que os ‘bons patrões’ sempre “ajudavam”, era como se essas mulheres não percebessem ou não admitissem que elas estivessem cumprindo funções e recebendo pelo trabalho prestado; portanto, os chefes não lhes faziam favor algum, estavam lucrando com esse trabalho. Essas lembranças estão condicionadas às estratégias de resistências e permanência no trabalho, ao vínculo de amizade e de gratidão e de compadrio criado nessas relações, mesmo que as trabalhadoras estivessem cientes de que ocorriam formas de exploração da mão-de-obra, além de interesses políticos eleitoreiros, já que muitos donos de armazéns tornavam-se representantes políticos da cidade.



Figura 14: Trabalhadores e trabalhadoras no interior de armazém de fumo¹⁶⁸.
Autoria de Bartolomeu dos Santos.

Para melhor explicitar a visão em torno do dono do armazém, a imagem acima se torna pertinente. A análise da fotografia demonstra que as pessoas pousaram para esse registro, diante das posturas adotadas, em meio ao cotidiano do trabalho, com seus trajés

¹⁶⁷ Eunice Coelho Epifânio. Entrevista já citada.

¹⁶⁸ Armazém de fumo da Família Coni em Conceição do Almeida-BA. Década de 1960. fot. preto e branco, 10cm X 15cm. Acervo Pessoal da Organizadora.

simples, “homens do peso” sem camisas, cercados do fumo, a matéria-prima que marcava suas atividades. Porém, é salutar identificar alguns fatores: o número de homens e mulheres é praticamente igual; há ausência de crianças na imagem, mesmo sabendo-se que, por muito tempo, elas fizeram parte desta atividade; e a composição étnica majoritariamente mestiça e negra. O homem de pele clara no centro da imagem é o senhor Luciano Coni, proprietário do armazém.

Nas entrelinhas da análise fotográfica, essa pode ter sido utilizada como uma forma de registro, para fins de recordação ou de demonstração do trabalho, e expressar o “entrosamento” entre patrão e empregado. Essa imagem foi doada por uma ex-trabalhadora. A fotografia está um pouco danificada pela dinâmica do próprio tempo e a forma de arquivamento a que estava exposta, além de apresentar rabiscos de caneta, que, não se sabe ao certo se partiu de uma peripécia infantil ou uma forma de esconder e camuflar detalhes da imagem.

A análise do registro fotográfico forma uma elaboração que dá margem a apreciação de fatores locais, demonstrando quase sempre “o espaço do outro”, direcionando objetos centrais, a hierarquização dos lugares, além da intencionalidade do registro. No entanto, devem-se levar em conta a composição estrutural da imagem e intencionalidade na expressão de elementos significativos presentes. Como destacou Ana Maia Mauad:

Entre o sujeito que olha e a imagem que elabora, existe muito mais do que os olhos podem vê. Intervalo que é ocupado por uma rede de significados que remete tanto às problemáticas contemporâneas ao evento registrado, como código, dominante de representação.¹⁶⁹

A observação da imagem instiga para uma ação interpretativa também da vivência entre patrão e empregado marcada pelo jogo de interesses seja por parte do empregado, que quer receber pelo trabalho prestado, ou do empregador que tem interesse no lucro, esses fatores são inegavelmente moderadores nessa relação.

As classes subalternas tendem a ter um discurso conflituoso, principalmente nas relações trabalhistas estão quase sempre em constante oposição, na defensiva ou no ataque, dependendo da posição em que se encontre. Essa convivência, muitas vezes, foi marcada por problemas trabalhistas, em que direitos não eram respeitados. Em relação às mulheres, apresentam-se outros problemas, a exemplo do assédio moral ou sexual, uma violência

¹⁶⁹ MAUAD, Ana Maria. O olho da história: análise da imagem fotográfica na construção de uma memória sobre o conflito de Canudos. *Revista do Arquivo Nacional*. Rio de Janeiro, Vol. 6, n. 1 jan./dez. 1993. p. 58-59.

simbólica que permeia o sistema trabalhista, que foi, de certo modo revisto a partir da criação da CLT - Consolidação das Leis do Trabalho e das novas leis de segurança no trabalho, como o artigo que caracteriza o assédio moral como crime contra o trabalhador.

No Brasil, não havia uma lei específica para assédio moral, mas esse crime podia ser enquadrado e julgado por condutas previstas no artigo 483, da CLT. Contudo, a primeira lei brasileira sobre esse problema é bem recente, datada do ano 2000 e considera crime o assédio moral no ambiente de trabalho e a exposição dos trabalhadores e trabalhadoras a situações humilhantes e constrangedoras, repetitivas e prolongadas durante a jornada de trabalho e no exercício de suas funções.

Segundo a CLT, esse tipo de assédio é mais comum em relações hierárquicas autoritárias e desiguais, em que predominam condutas negativas, relações desumanas e antiéticas de longa duração, de um ou mais chefes dirigidas a um ou mais subordinados, desestabilizando a vítima em relação ao ambiente de trabalho. As relações sociais no trabalho geralmente criam atritos entre os chefes e os seus subordinados.

O assédio moral faz parte de um conjunto de comportamentos abusivos que envolvem gestos, palavras e atitudes que, por vezes, ocasionam danos à integridade física e psíquica do indivíduo. Esse assédio pode se estabelecer de maneira diferenciada por pressupor uma relação de autoridade, com o predomínio do desmando, da competitividade, instaurando o medo e a subordinação; também pode ocorrer com pessoas que compartilham o mesmo grau de hierarquia, e se reflete em forma de humilhação, pressão, disputa e ofensa. Essas características estão presentes nas relações cotidianas do trabalho, mediante a sobrecarga de tarefas, a sonegação de informações, sendo associadas à punição, repressão, configurada pela intolerância, por constrangimentos e agressões.

As mulheres trabalhadoras dos armazéns de fumo eram submetidas a um trabalho difícil, sem privilégios, assumindo papéis socialmente estabelecidos e hierarquizados, intimamente ligados à submissão em relação ao homem. O ritmo do trabalho era acelerado obedecendo ao sistema capitalista. Para vencer essas barreiras, contavam com o auxílio das companheiras de trabalho, criando, muitas vezes, uma rede de solidariedade interna. É o que revela a fala de Dona Eunice: “no armazém, uma companheira ajudava a outra, era tudo amiga. A amizade era maravilhosa, aquela que não levava merenda, as colegas dava e se não tivesse acabado o trabalho a outra ajudava.”¹⁷⁰

¹⁷⁰ Eunice Coelho Epifânio. Entrevista já citada.

Elizabete Silva, em sua pesquisa sobre as charuteiras, reafirma essa condição: “Vencer as dificuldades era como vencer a si mesmo, era solucionar os problemas sempre para não ter que desistir. Assim, a solidariedade das companheiras de trabalho funcionava como um instrumento de apoio para resistir aos obstáculos e poder permanecer no trabalho.”¹⁷¹

Ao relatarem fatos cotidianos vivenciados nos armazéns de fumo, as mulheres costumam usar o pronome “nós” ou “a gente”, evidenciando um convívio e uma rede social da qual faziam parte. “Naquele tempo, a amizade era maravilhosa, a gente sempre tinha ajuda das companheira, nós ajudava a outra que não tinha acabado o trabalho, hoje é tudo diferente”¹⁷² afirmou Dona Augusta S. Barros.

A amizade é a soma por meio da qual o outro pode compartilhar afeto, coleguismo, fidelidade, companheirismo. Situação que na visão de muitas entrevistadas, atualmente, não se procede sem uma espécie de temor. Desta forma, a história dessas mulheres é estabelecida por relações de amizades que se multiplicaram no cotidiano, tramaram um tecido afetivo num modo de vida comum, quase sempre partilhado.

Outro fator relevante, ao se discutir o cotidiano das trabalhadoras na atividade fumageira, refere-se à questão da temporalidade. Elas utilizam nas falas considerações como ‘naquele tempo ou no tempo antigo’, o que revela uma concepção de que há tempos sociais diversos, uma forma cronológica que traduz proximidade e afastamentos temporais. Essa discussão remete às reflexões de Alistair Thomson sobre a dinâmica das memórias nos depoimentos orais:

O processo de recordar é uma das principais formas de nos identificarmos o quando narramos uma história. Ao narrar uma história, identificamos o que pensamos que éramos no passado, quem pensamos que somos no presente, e o que gostaríamos de ser. As histórias que relembramos não são representações exatas de nosso passado, mas trazem aspectos desse passado e os moldam para que se ajustem às nossas identidades e aspirações atuais.¹⁷³

O tempo vivido é marcado por referências de acontecimentos que percorrem direções, intervalos e repertórios, formando o tempo da memória inerente às experiências vividas. Para Paul Ricoeur, “no que concerne particularmente o tempo da memória, o ‘outrora’ do passado rememorado inscreve-se doravante no interior do ‘antes que’ do passado datado,

¹⁷¹ SILVA, Elizabete Rodrigues de. Op. Cit. p. 90

¹⁷² Augusta dos Santos Barros, ex-trabalhadora do armazém de fumo, aposentada, 77 anos, residente Conceição do Almeida-BA. Entrevistada em 02 de dezembro de 2005, duração: 50 minutos.

¹⁷³ THOMSON, Alistair. Reconstituo a Memória: Questão sobre a relação da entre História Oral e as Memórias. Ética e História Oral. *Projeto História*, n.15, PUC/SP. São Paulo, abril de 1997. p.57.

simetricamente, o ‘mais tarde’ da espera torna-se o no ‘momento em que’, marcando a coincidência de um acontecimento esperado com a grade das datas por vir.”¹⁷⁴

Para o autor, a ordem do tempo é repleta de acontecimentos, repetições, épocas e ciclos que estruturam certa cronologia, que possuem significações coletivas e singulares, e podem ser referenciados pelo narrador de forma cíclica ou descontínua. Há uma multiplicidade de tempos históricos que se diferenciam do tempo absoluto, matemático, linear, marcado por uma temporalização assimétrica, que ocorre no exercício da narrativa, constituída por tempos sociais diversos.

Lembranças do ontem e do hoje se revelam nas múltiplas temporalidades. Passado, presente e futuro se entrelaçam e revelam a cumplicidade daquele ambiente vivido. O historiador trabalha com a multiplicidade de tempos plurais imbricados numa relação com o tempo subjetivo. O exercício da pesquisa se dá no ato de relacionar e “recuperar” algumas memórias, na tentativa de apreender os instantes de tempos vividos, por vezes, sem delimitação, ocorrendo de forma aleatória aparando-se em referências.

Durante as conversas, as mulheres trabalhadoras comparavam situações que foram vivenciadas, trazendo, muitas vezes, um relato que revela uma ideia saudosista sobre as diferenças que havia entre os relacionamentos sociais “do tempo antigo”. Ali, a amizade tem um valor expressivo, na qual o mecanismo de ajuda e de troca era constante, o sentimento de companheirismo reforçava laços de solidariedade e de amizade, propriamente dita, alegrias, dificuldades e tristezas que eram compartilhadas.

Mesmo com todas essas dificuldades, as mulheres recordavam com nostalgia o trabalho nos armazéns, além de idealizarem esse passado como um período difícil e, ao mesmo tempo, bom. O trabalho era lembrado como um fator importante, que continua presente na identidade, nas lembranças dessas antigas trabalhadoras. As memórias dos sacrifícios são aplacadas pelo aspecto lúdico, pelo prazer de ter feito algo concreto, útil, no sentimento de gratidão, mesmo se constatando as dificuldades, os salários injustos; mas, embora conscientes desta condição de exploração à qual estavam submetidas, afirmam que “foi bom!”.

As memórias possuem os tons e a conotação de quem recorda; as lembranças do trabalho são permeadas de sentimentos também prazerosos, de uma vida “até boa”. Em sua maioria, as mulheres resguardam compensações, incorporam sensibilidades, carregadas de significados no ato de lembrar, um sentimento nostálgico justificado pela necessidade e

¹⁷⁴ RICOUER, Paul. op.cit. p.164.

importância do trabalho. Há uma espécie de evocação das lembranças como forma de ensinamento, de transmissão daquele saber quase esquecido, o prazer de compartilhar o que se conheceu bem e que sustenta uma existência.

3.4 TIRAR TROUPA: O FUMO FORA DOS ARMAZÉNS

*Como se fora brincadeira de roda, memória.
Jogo do trabalho na dança das mãos, macias.
O suor dos corpos na canção da vida, história
O suor da vida no calor de irmãos, magia.*¹⁷⁵

A atividade fumageira não estava restrita apenas aos armazéns. Muitos trabalhadores e trabalhadoras, ao ficarem desempregadas ou doentes, apelavam para as únicas formas de se manterem, que era trabalhar em domicílio com o fumo: era o ato de “tirar trouxa”. O beneficiamento do fumo era feito em casa, reunia-se toda a família para a atividade. “O trabalho era duro, a gente passava o dia todo destalando o fumo e proseando, os meninos vinham também para ajudar, o dinheiro que recebia era pouco, mas já ajudava,”¹⁷⁶ recorda Dona Edna da Silva, trabalhadora domiciliar com o fumo. Sobre esse aspecto, Elizabete Silva destaca que:

Mulheres e crianças executam esta tarefa muitas vezes na própria casa, sem vínculo empregatício com as empresas fornecedoras. Este trabalho era denominado “trouxa de enrola” por ser o fumo transportado dos armazéns para as residências em trouxas de panos de aniagem na cabeça de mulheres e crianças que, juntamente com as charuteiras no seu trajeto de vai-e-vem, iam formando o cenário urbano e social da zona fumageira.¹⁷⁷

A entrega da produção caseira passava por uma fiscalização muito rigorosa, os mestres dos armazéns pesavam todo o fumo destalado, os talos e todas as sobras, certificando-se de que o peso do fumo correspondia ao peso do fardo bruto. Como lembrou Sr. Democles:

Eu observava o trabalho porque o gringo chegava e reparava se o fumo tava bom. Quando o povo molhava demais o fumo, o fumo não prestava. [Porque molhavam? Perguntei] Eles molhava pra ficar mais pesado e as sobras as mulhê fazia charuto pra vender em casa pra ganhar um dinheirinho, eu tinha

¹⁷⁵ GONZAGA JUNIOR, Luiz (Gonzaguinha). REGINA, Elis. *Redescobrir*. São Paulo: EMI, 1980. 1 disco 45 minutos, digital, estéreo.

¹⁷⁶ Edna Nunes da Silva, ex-trabalhadora rural da atividade fumageira, 63 anos, aposentada, residente em Conceição do Almeida-BA. Entrevistada em 16 de dezembro de 2005, duração: 40 minutos.

¹⁷⁷ SILVA, Elizabete Rodrigues de. *Fazer charutos uma atividade feminina*. Op. Cit. p. 52

pena, mais o peso do fumo tinha que tá certo, senão o preço da trouxa diminuí. ¹⁷⁸

Esse depoimento é de um ex-mestre de armazém de fumo, o Sr. Democles de Jesus, 83 anos, justificando a ação coercitiva diante dos trabalhadores indiretos. O ato de molhar o fumo tornava-o mais pesado e, assim, perdia a qualidade. Mas, a necessidade justificava a estratégia de se ganhar mais um pouco. Como assinalou Foucault, “sutis mecanismos de resistência dos quais lançam mão...”¹⁷⁹

O trabalho fumageiro no lar envolvia uma rede de relações familiares e comerciais, essa dinâmica pode ser percebida nas diversas narrativas que entrelaçaram as dificuldades e problemas enfrentados nesse cotidiano, como narrou Andréa Pereira:

Eu tinha nove anos, e lá em casa todo mundo tirava trouxa. Trabalhava com candeeiro, não tinha luz, e um dia a trouxa pegou fogo, foi um sufoco pra apagar. No dia de entregar o mestre achou que era mentira e que a gente tinha feito charuto com parte do fumo, foi uma vergonha, eu chorei igual a uma condenada, ele queria que pagasse o fumo que faltava. Outro dia, minha mãe tava destalando o fumo e cabelo dela pegou fogo no lampião, e minha mãe apagou com um pedaço de carne de sertão, eu rir, mas hoje eu sei o quanto foi trágico. ¹⁸⁰

A questão do trabalho familiar é outro aspecto importante no trabalho fumageiro que ocorria fora dos armazéns, como explicitou Dona Margarida, ex-trabalhadora de armazém:

A gente juntava a família de noite, e era bom, era hora de manocar o fumo e contar caso e rir muito, de conversar. Eu fazia sabatina com os meninos, perguntava tabuada, ia ensinando, pois de dia eu tava no armazém e não tinha tempo, e o dinheirinho da trouxa já dava pra ajudar. ¹⁸¹

Percebe-se nesses depoimentos a importância da família reunida, principalmente para compensar ou justificar a ausência da mãe durante o dia, quando se encontrava trabalhando. Nota-se a preocupação com o estudo dos filhos, um fator comum em diversos depoimentos das mulheres entrevistadas. Saberes eram transmitidos durante o tempo do trabalho, além da valorização do riso e da alegria, do lúdico (contos, adivinhações e brincadeiras), que eram formas de compensar o desgaste físico vivenciado no trabalho, como lembrou Andréa Pereira:

¹⁷⁸ Democles de Jesus, ex-mestre de armazéns de fumo, aposentado, 83 anos, residente em Conceição do Almeida-BA. Entrevistado em 18 de janeiro de 2006, duração: 70 minutos.

¹⁷⁹ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Op.cit. p.21.

¹⁸⁰ Andréa Pereira Ribeiro, professora, 38 anos, residente em Conceição do Almeida-BA. Entrevistada em 10 de março de 2010, duração: 50 minutos.

¹⁸¹ Maria Margarida Nunes Santos, ex-trabalhadora dos armazéns de fumo, aposentada, 74 anos, residente em Conceição do Almeida-BA. Entrevistada em 16 de dezembro de 2005, duração: 50 minutos.

“a gente brincava do jogo do mais ligeiro, pra ver quem venciam, todo mundo tinha sua tarefa de fumo, só podia dormir quando acabasse. Tenho saudade da união, das conversas e brincadeiras.”¹⁸² Além disso, o trabalho noturno era uma renda extra para completar o baixo salário recebido nos armazéns.

A gente era necessitado, mas tinha gente pior do que a gente tinha pessoas que chorava e até brigava quando não achava trouxa pra manocar. Era uma disputa, quando o caminhão aparecia na ladeira já saia todo mundo correndo. Quando acabava a época do trabalho da trouxa era uma tristeza, pois era o sustento de muita gente. Tinha gente que agradecia a Deus quando achava uma trouxa de fumo, principalmente quando ficava sem trabalho. Esse trabalho matava a fome de muita gente, principalmente na roça onde tudo era de época.¹⁸³

“O trabalho era de época.” Essa é uma afirmação constata nas entrevistas. O fato de conseguir trabalho temporário, mesmo sem vínculo ou direitos empregatícios, era importante na manutenção das famílias carentes, como comenta Dona Marinalva Santos: “com o dinheirinho da trouxa, dava pra compra umas coisinhas, tinha sábado que a gente fazia feira com o dinheiro da trouxa. A trouxa ajudou muita gente. Tenho essas lembranças que era um tempo em que todo mundo era unido, todo mundo partilhava”¹⁸⁴.

O trabalho realizado nas casas criava uma melhor relação familiar, como um ponto de encontro de conversas e de ensinamentos, mas, também, um paradoxo: se olharmos pela perspectiva do trabalho, veremos mais uma forma de exploração; mas, por outro lado, além de fonte de renda trazia a proximidade da família, os vizinhos e os amigos que vinham ajudar. Mais uma vez, formavam-se teias de solidariedade.

A família incluía parentes, amigos e compadres, mesmo que não tenham laços consanguíneos. Imagens comuns, personagens que formam histórias compartilhadas, fundamentam esse tipo de sociabilidade. Conforme Marilena Chauí,

O mundo da casa é o mundo pessoal, onde cada um possui identidades reconhecidas, regidas por valores de lealdade e amizade, e de respeito e fidelidade aos parentes, compadres, amigos e vizinho, tecidos por relações de favor e onde se transmitem experiências e informações.¹⁸⁵

As lembranças trazem uma memória, muitas vezes, saudosista de um tempo passado sofrido, mas cheio de esperança, marcado pelo convívio com os amigos, do ambiente da família, lembranças dos espaços vividos, sinalizando ideias negativas e positivas das relações

¹⁸² Andréa Pereira Ribeiro. Entrevista já citada.

¹⁸³ Idem

¹⁸⁴ Marinalva dos Santos. Entrevista já citada.

¹⁸⁵ CHAUI, Marilena. Op. Cit., p. 134.

firmadas naquele tempo. Outra reflexão remete ao envolvimento das crianças e dos jovens no trabalho fumageiro.

Minha mãe repassava o fumo depois pra não eu passar vergonha na hora de entregar a trouxa. Quando eu fiquei maior tinha uma vergonha danada de passar na rua com aquela trouxa de fumo, tinha vergonha dos colegas, ainda na escola era um problema a unha cheia de cerol, a roupa e o cabelo só cheirava a fumo, ficava impregnado, dava piolho.¹⁸⁶

Esse comentário traduz a dimensão da vergonha explícita nas entrevistas. Pressupõe o entendimento do preconceito e do constrangimento que as crianças passavam, no qual o trabalho manual nem sempre era sinônimo de orgulho, como rememorou Andréa Pereira:

A gente ia buscar as trouxas vinha na cabeça ou no carro de mão, um dia eu consegui pegar oito trouxas e foi um trabalho pra os meninos ir pegar, eles tinham vergonha de passar na rua, era uma briga pra não levar o fumo. Um dia Mariângela foi levar uma trouxa e encontrou no caminho a professora dela, e sabe, ela se jogou no chão e se escondeu embaixo da trouxa, a professora passou acho que fingiu que não viu. (...) Aqui quase ninguém tinha televisão e o trabalho era até uma distração, uma ocupação, tinha gente que fazia por precisão, mais tinha outro que gostavam.¹⁸⁷

Ao falar do trabalho com o fumo no lar, um elemento constante presentes nas entrevistadas refere-se ao odor do produto como algo marcante: “O fumo ficava dentro de casa, tinha que armazenar, o cheiro exalava a casa toda, a gente ficava com vergonha se chegasse uma visita e o fumo tivesse dentro de casa”.

Outro trabalho exercido fora dos armazéns era a fabricação caseira de charuto. Apesar de não haver fábricas de charutos no município, já que a maior parte dos armazéns beneficiava o fumo em folha e enviava o produto para outros municípios ou para a Europa, onde eram transformados em cigarrilhas e charutos. Mas, havia um pequeno comércio interno, no qual algumas mulheres fabricavam o charuto de forma artesanal, em suas próprias casas, para vender ao pequeno grupo consumidor da cidade, como afirmou Dona Lúcia Coni:

Eu tinha uma charuteira que vinha fabricar o charuto na minha casa, era especialista, sabia fazer o charuto com perfeição, era um trabalho artesanal, demorado. Eu fazia algumas caixas de charuto pra vender e para presentear os amigos, às vezes esses charutos ia pra bem longe, lá para Europa.¹⁸⁸

¹⁸⁶ Andréa Pereira Ribeiro. Entrevista já citada.

¹⁸⁷ Marina dos Santos, ex-trabalhadora da atividade fumageira, aposentada, 63 anos, residente em Conceição do Almeida-Ba. Entrevistada em 16 de março de 2010, duração: 60 minutos.

¹⁸⁸ Lúcia Borges Coni. 80 anos. Entrevista já citada.

No armazém, faziam-se algumas caixas de charuto para que o europeu pudesse experimentá-lo, muitas vezes sendo presenteado pelos proprietários dos armazéns. “O alemão chegava e pedia logo um charuto para experimentar o fumo, ver a qualidade.”¹⁸⁹

O trabalho domiciliar também criava uma barreira à aposentadoria, já que os trabalhadores eram excluídos dos benefícios sociais, não recolhiam contribuições previdenciárias. Mulheres, crianças e velhos formavam um contingente de trabalhadores marginalizados e, por vezes, explorados pela *indústria* fumageira durante muitas décadas. A produção que se inseria no cotidiano familiar, nos modos informais e instáveis envolvia muitas pessoas, não assalariados, que trabalhavam sem reconhecimento social e com muitas dificuldades para atingir os direitos previdenciários, criados desde 1932 no Brasil.

Dessa forma, este capítulo assinalou que a vivência e o trabalho nos armazéns de fumo e fora deles resultaram em um processo dinâmico de uma realidade sócio-econômica, disseminada geralmente por ações de grupos que legitimaram seu poder, criando, nesse espaço, uma relação de exploradores e explorados, marcada pela submissão de homens, mulheres e crianças que viveram e sobreviveram às custas do trabalho árduo na produção fumageira.

¹⁸⁹ Eunice Coelho Epifânio. Entrevista já citada.

4. A MULHER TRABALHADORA E SEUS CAPRICHOS

*“Não me venha falar na malícia de toda mulher
Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é...”*

*Você sabe explicar
Você sabe entender tudo bem
Você está
Você é
Você faz
Você quer
Você tem...”¹⁹⁰*



Figura 15: Dinâmica do trabalho nos armazéns de fumo, com suas mulheres negras, simples e lutadoras. Autoria: Manoel da Conceição Santos (Nezinho).¹⁹¹

As mulheres constantemente necessitaram lutar para fazer valer os seus direitos, porque a participação feminina era vista de forma secundária, marcada por grandes desigualdades nas condições de trabalho entre homens e mulheres, principalmente no que se refere à valorização profissional. Isso remete a Simone de Beauvoir ao considerar que “economicamente, homens e mulheres constituem como duas castas, em igualdade de condições, os primeiros têm situações mais vantajosas, salários mais altos e melhores

¹⁹⁰ VELOSO. Caetano. *Dom de iludir*. São Paulo: Polygram, 1986. 1 disco, 45 minutos, digital, estéreo.

¹⁹¹ Armazém de fumo C.C. Caldas em Conceição do Almeida-Ba. Década de 1970.1. foto. preto e branco, papel fotográfico, 15cm X 20cm. Acervo Particular.

possibilidades de êxito.”¹⁹² Essa concepção é percebida também nos trabalhos nos armazéns de fumo. Algumas entrevistadas afirmavam: “os homens sempre ganhava mais do que nós e sempre eram eles que mandavam.”¹⁹³

Nesse sentido, Margareth Rago lembra que “em geral, na divisão do trabalho, as mulheres ficavam com as tarefas menos especializadas e mal remuneradas, os cargos de direção e de concepção como os de mestre, contra mestre e assistente, cabiam aos homens.”¹⁹⁴ Essa diferenciação de ocupações, a partir da divisão de gênero, também seria uma forma de aplacar as competições entre sexos no setor de trabalho, com a criação de ocupações consideradas femininas, aquelas que não ameaçassem o ego e as condições de trabalho masculino. A segregação sexual no trabalho é marcada pelos ditames do Estado, dos empregadores, da família e pelos interesses sociais de cada época, distinguido de forma rigorosa os trabalhos próprios de mulheres e de homens.

O trabalho oferece condições materiais de sobrevivência, nem sempre satisfatórias, mas configura um sentido subjetivo de autonomia, além da satisfação em suprir necessidades monetárias pessoais e familiares. A análise do lugar do trabalho perpassa pela importância constituída na percepção do próprio sujeito, como fonte de realização imprescindível à vida humana, perante a sociedade na qual ele está inserido.

Nesse sentido, esse capítulo propõe uma discussão sobre a constituição do trabalho feminino na atividade fumageira, considerando o processo de dominação e exploração que marcaram as relações cotidianas entre homens e mulheres, bem como as relações de poder que dimensionaram essa vivência, observando o contexto familiar, os laços de solidariedade, o tempo para o lazer que é substituído pelo tempo do trabalho doméstico, passando a ser o tempo de cuidar do outro, a ideia de tempo livre ou tempo pessoal que é reduzido drasticamente, além de dimensionar as estratégias de resistência dos chamados “micro poderes”, contextualizando o trabalho feminino não meramente como forma de exploração, mas também como meio de superação na história das mulheres.

¹⁹² BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1949. p. 14.

¹⁹³ M^a Nilza de Jesus (D. Nita). Entrevista já citada.

¹⁹⁴ RAGO, Margareth. Trabalho Feminino e Sexualidade. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2001. p.584.

4.1 O TRABALHO E SEUS SIGNIFICADOS

E vida é trabalho... (Gonzaguinha)

O trabalho é uma atividade humana que visa transformar o meio em que se vive segundo as necessidades. A palavra trabalho vem do latim *tripalium*, que significa instrumento utilizado para manter animais como bois e cavalos presos, sendo possível ferrá-los. Vulgarmente, denota servidão do homem à natureza, esforço para sobrevivência, enfim, reveste-se de múltiplos significados. Na língua portuguesa, trabalho significa “a aplicação das forças físicas e das faculdades mentais na execução de alguma obra.”¹⁹⁵

Muitas definições permearam o conceito de trabalho, em diferentes épocas. Os filósofos gregos e romanos consideravam o trabalho manual como uma atividade destinada aos escravos, a utilização das mãos era considerada falta de criatividade, desprezando este tipo de ofício. Os filósofos da Idade Média viam o trabalho manual como uma forma de suprir as necessidades humanas, cabendo, no entanto, essa função aos ignorantes, desprovidos de inteligência e aos mais pobres. O trabalho intelectual era separado do trabalho manual, esse último inferiorizado, considerado menor e desqualificado, concepção que ainda se perpetua nos dias atuais.

O trabalho braçal quase sempre foi associado à escravidão, à incapacidade de desenvolver habilidades intelectuais. Essa ideia explicita os privilégios sociais pelos quais os dominantes justificavam o seu poder. As experiências dos agentes sociais se estabelecem muitas vezes através das relações difundidas pelos interesses das classes dominantes, que fazem questão de preservar seus valores, direcionando uma totalidade cultural, desvalorizando os movimentos sociais e as lutas dos grupos menos favorecidos, como assinalou E. P. Thompson, ao escrever contra “o peso das ortoxias dominantes, em que apenas os vitoriosos são lembrados.”¹⁹⁶

A expansão da economia capitalista, no século XX, e o crescimento das cidades brasileiras estimularam a criação de um novo modelo econômico e de produção, o surgimento das fábricas, à mercantilização de matérias-primas e de mão-de-obra, exigiu a adaptação de homens e mulheres a um novo ritmo de trabalho passando ao compasso da alta produtividade. A mão-de-obra passou a ser assalariada, ocorrendo, também, diversos movimentos

¹⁹⁵ XIMENES, Sérgio. *Minidicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: Ediouro, 2000. p.917.

¹⁹⁶ THOMPSON, E. P. *A Formação da Classe Operária: A Árvore da Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p.12-13.

reivindicatórios e de reconhecimento dos direitos dos trabalhadores, lutas por melhores condições de trabalho e por salários mais justos, situação que marcou também o cotidiano e as relações trabalhistas no setor fumageiro no Recôncavo Baiano.

No Brasil, a partir de 1930, ocorreu a expansão dos direitos trabalhistas, com a criação do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, com o decreto lei n.19.433, que instituiu a Carteira Profissional e determinou a duração da jornada de trabalho. Nesse período surgiram os sindicatos únicos, que contribuíram para a regularização das convenções trabalhistas, estabelecendo o direito às férias, à estabilidade no trabalho, à licença maternidade, entre outros direitos. Em 1º de maio de 1940, o Decreto-Lei nº. 2162 instituiu o primeiro salário mínimo que deveria suprir as necessidades básicas do trabalhador. Sobre essa lei há críticas constantes no que tange às relações econômicas do trabalho.

No que se referem ao trabalho feminino, enfrentam-se condições ainda mais precárias. As mulheres das camadas sociais mais pobres não eram alheias ao trabalho, ao contrário, em todas as épocas trabalharam, contribuíram sensivelmente para a manutenção do lar; o problema é que esse trabalho domiciliar não era conhecido como forma de “trabalho” e, muito menos, reconhecido.

Desde os tempos mais remotos, a prática de trabalho das mulheres ocorria na agricultura, nas oficinas artesanais e nas tarefas domésticas, enquanto aos homens cabia a função de caçar, guerrear e garantir a subsistência da família; as mulheres desenvolviam tarefas específicas, assim como os homens, porém, segundo estudos antropológicos, a mulher vivenciava uma sociedade mais igualitária.

O estabelecimento da sociedade patriarcal legitimou o poder masculino, excluindo a mulher de várias funções, estipulando o que lhe era permitido, como o espaço privado do lar, a criação dos filhos, afastando-lhe dos espaços públicos e políticos em quase todas as sociedades.

A partir do século XIX as mulheres começaram a reivindicar uma maior participação nos meios sociais, o que possibilitou a análise de ideias que determinam a condição feminina. Nessa perspectiva, pode-se pensar de que forma a cultura de cada povo influencia na formulação do pensamento sobre a construção do “ser mulher” e do “ser homem”, diante das condições socialmente construídas, pensamento difundida por Simone de Beauvoir,¹⁹⁷ que considera que fatores biológicos e o controle sexual são mecanismos que criam e estereotipam modelos de comportamentos.

¹⁹⁷ BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo sexo*. Op. Cit. p.23.

A maioria das mulheres trabalhadoras no Brasil, até meados do século XX, exerciam as chamadas ocupações femininas: costurar, cozinhar, cuidar das crianças e do lar. Os espaços de trabalhos abertos às mulheres fora do lar geralmente eram o magistério (educação infantil), a enfermagem e os serviços domésticos (empregada doméstica e a diarista), atividade essas realizadas também para complemento da renda familiar.

Os campos abertos à mão-de-obra feminina envolviam os serviços domésticos, produção artesanal e a prestação de serviços, trabalhos que proporcionaram oportunidade de inserção feminina em diversos campos, apesar de terem enfrentado vários obstáculos em outras profissões consideradas masculinizadas e impróprias para as mulheres. O ingresso das mulheres no mercado de trabalho alterou os padrões de domesticidade e das práticas tradicionais de divisão sexual do trabalho na família; no entanto, as relações de gênero não se tornaram igualitárias.

A história das mulheres, no contexto produtivo fumageiro, exigiu ainda uma luta maior: primeiro, como trabalhadoras e, segundo, como “mulheres”, em sua maioria, negras e pobres. Essa luta foi demarcada pelos conflitos de gênero, classe e raça, historicamente construídos e perpetuados.

O trabalho propiciou uma forma de emancipação para muitas mulheres, apesar de toda desigualdade estabelecida entre os sexos. Mas, foi através do trabalho assalariado que elas repensaram sua condição de mulher, redefinindo seus papéis no cotidiano fumageiro. Fato esse que pode ser comprovado na maioria das entrevistas, a exemplo de Dona Maria Margarida Nunes que fala sobre as dificuldades vivenciadas ao decidir trabalhar fora do lar, principalmente em relação ao marido:

Meu marido não queria que eu trabalhasse, dizia que eu não sabia fazer nada, mas fui trabalhar e aprendi com as companheiras, comecei a ganhar meu dinheirinho e a ter o que é meu, comprar coisa pra dentro de casa e pra meus filhos. Trabalhar é uma honra.¹⁹⁸

No entanto, há mulheres que afirmaram o inverso, que os seus maridos não as impediam de trabalhar, como confirma Dona Crispiniana: “meu marido nunca me empatou de trabalhar, nunca se importou, a gente era pobre, um ajudava o outro.”¹⁹⁹ Percebe-se, assim, que a memória é um processo individual, ocorrendo em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados.

¹⁹⁸Maria Margarida Nunes Santos. Entrevista já citada.

¹⁹⁹Crispiniana Santos Maia. Entrevista já citada.

O pesquisador da história oral deve atentar para as formas diferenciadas de representações plurais da sociedade, respeitando a individualidade nas experiências dos sujeitos, o que enriquece os estudos históricos, como discorre Alessandro Portelli:

Em vista disso, as recordações podem ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas porem, em hipótese alguma duas pessoas são assim como impressão digitais, ou bem da verdade, como vozes exatamente iguais. (...) Cada pessoa reúne fragmentos de muitas recordações sociais diferentes em um todo inconfundivelmente pessoal.²⁰⁰

Voltando à entrevistada, ela comentou que o companheirismo e a ajuda mútua também faziam parte do cotidiano fumageiro, o sofrimento e as dificuldades eram também compartilhados. Sobre o consentimento masculino, não se sabe se ocorria por sentimento de igualdade ou uma forma de dividir despesas.

O trabalho não significava apenas o recebimento do salário. Era uma conquista, supria as necessidades materiais, e oferecia às trabalhadoras certa ascensão econômica. As mulheres passavam a se sentir ‘sujeitos do seu próprio destino.’ O trabalho proporcionou a essas mulheres certo domínio próprio. Sobreviver às custas do marido era algo que deveria ser superado. Nesse sentido, trabalhar significava conquistar a própria dignidade e conferia um sentimento de realização.

O significado de autonomia para as mulheres pode ter significado de independência em relação ao marido ou ao pai, podendo, assim, também se sentir consumidora. Porém, a imagem da mulher trabalhadora produtiva implicou também na desconstrução da imagem do homem como único provedor. Mas, nem sempre eram as mulheres as administradoras dos recursos financeiros que recebiam e o fato de dividirem esses recursos não garantia necessariamente maior igualdade nas relações de gênero.

A elevação da participação econômica das mulheres, mesmo que em ocupações de postos de trabalhos de “menor qualificação,” é responsável pela mudança na vida de muitas delas. “Meu marido não queria que eu trabalhasse, aí eu perguntei a ele, se ele tinha condição de me dá uma casa. A gente morava de favor no fundo das casas dos outros, aí eu fui trabalhar, fui ganhar o ‘meu’ dinheiro,” desabafa Dona Clemilda.²⁰¹ Sobre essa afirmação, Saffioti enfatizou que:

Para a mulher ter um emprego significa embora isto nem sempre se eleve em nível de consciência muito mais do que receber um salário. Ter um emprego

²⁰⁰ PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre ética e história oral. *Ética e História Oral. Projeto História*. São Paulo: EDUSC PUC/SP. n. 15, abr. 1997. p.16.

²⁰¹ Clemilda do Amor Divino. Entrevista já citada.

significa participar de uma vida comum, ser capaz de construí-la. Sentir-se menos insegura na vida.²⁰²

Trabalhar significava uma afirmação de liberdade, de “independência”, ter sua própria casa, possibilitar uma vida melhor para os filhos e para si mesma, o que permitiu a essas mulheres o sentimento de serem úteis, produtivas, em condições de prover o próprio sustento, vencendo o medo, a dominação masculina, além da discriminação que se perpetuou, o trabalho proporcionou uma forma de superação, de “independência”.

A compra da casa própria representava um esforço extraordinário para essas mulheres. A posse de uma casa ganhava um significado maior, como símbolo de vitória. Por mais simples que a casa seja, ela forma uma rede de relações e sentidos que se entrelaçam, há um sentimento na propriedade de ‘ter seu próprio canto’, remete à ideia de ter ‘seu lugar no mundo’, um lugar que envolve a imagem de proteção, de intimidade. A casa é um abrigo de significados, de repouso e de história, como enfatizou Dona Maria Nilza: “meu sonho era trabalhar para ter uma casa, ter onde botar a cabeça sem pagar aluguel.”²⁰³ Assim, a casa não é só um lugar de repouso, é um pouso, é o “meu lugar” está ligado ao sentimento de pertencimento.

Ao se introduzirem no mercado de trabalho, essas mulheres acumularam funções: eram mães, esposas, donas-de-casa e trabalhadoras dos armazéns. Essa situação impôs um novo ritmo ao cotidiano das mulheres, como assinalou Marilena Chauí: “sair para trabalhar fora é vivenciado como algo ambíguo, pois se é também uma ampliação da sociabilidade, não deixa de ser experimentado como uma perda em comparação com a situação vivenciada em casa.”²⁰⁴

Mudaram-se as relações produtivas, mas as mulheres continuaram presas ao lar, às funções domésticas. No modelo patriarcal de família, cabia ao homem-marido ou pai, a posição de chefe da família, sendo responsável pelo seu sustento e considerado uma autoridade. A mulher-esposa e mãe era a responsável pelas atividades domésticas além da educação dos filhos, sendo subordinada na maioria das vezes ao homem (marido ou pai). Esse modelo de convivência se sustentava mesmo depois que a mulher se inseriu no mercado de trabalho, porque o fato de “trabalhar fora” não as dispensa de suas atividades domésticas.

Alguns estudos, realizados no início do século XX, afirmavam que a saída da mulher para o trabalho fora do âmbito familiar poderia causar sérios problemas à formação da família

²⁰² SAFFIOTI, Helleieth Iara Bongiovani. *A Mulher na Sociedade de Classe. Mito e Realidade*. São Paulo. Quatro Artes, 1969. p. 63.

²⁰³ M^a Nilza de Jesus (Dona Nita). Entrevista já citada.

²⁰⁴ CHAUI, Marilena. Op.cit. p.148.

e ao país, já que elas eram consideradas como a figura central e importante na formação dos “filhos da pátria,” sendo a provedora ou culpada da formação do caráter dos jovens, por isso eram denominadas “mães cívicas”, aquelas que preparavam moralmente e intelectualmente o futuro cidadãos para servir à pátria, engrandecendo a nação. Nesse sentido, Margareth Rago comentou que,

[...] para muitos médicos e higienistas o trabalho fora do lar levaria à desagregação da família. De que modo às mulheres que passavam a trabalhar durante o dia, ou mesmo parcialmente, poderiam se preocupar com o marido, cuidar da casa e educar os filhos? O que seria de nossas crianças, futuros cidadãos da pátria, abandonados nos anos mais importantes de formação do seu caráter? Tais observações levavam, portanto, à delimitação de rígidos códigos de moralidade para mulheres de toda classe social.²⁰⁵

Nessa perspectiva, considera-se que o trabalho feminino fora do lar provocou o declínio da natalidade, a desarmonia da família, ameaçando o progresso da nação. Assim, o trabalho, nessas concepções, além de por em risco a feminilidade e criar uma incompatibilidade à maternidade, tornava as mulheres masculinizadas. As mulheres que não se enquadrassem nos padrões estabelecidos de “mulher-mãe” eram acusadas de transgredir a lei natural e divina, caminho esse que as conduziria à perdição.

As mulheres casadas só deveriam trabalhar fora do lar no caso de extrema necessidade familiar. Assim, prescrevia-se no Código Civil de 1916, que as mulheres casadas fossem proibidas de aceitar emprego assalariado sem a permissão dos maridos. As solteiras deveriam sair dos empregos ao constituírem matrimônio. As ambições pessoais de manter-se empregadas ou independentes seria algo impensável, além do mais os ditames sociais afirmavam que, para a mulher, o fato de conseguir um marido era como alcançar a verdadeira realização e a maternidade constituía como algo essencial à felicidade das mulheres.

Portanto, o casamento se configurava num peso institucional, tinha um significado de aceitação social, a garantia de certo *status*, estabelecido por valores morais e religiosos, fazia parte também da construção do ideal de felicidade e realização. Como afirma uma entrevistada, “a mulher que não tinha um marido tava perdida, era vista com maus olhos, quase ninguém dava valor, uma mulher sem um homem sofre muito.”²⁰⁶

Para Michele Perrot,²⁰⁷ por muito tempo o trabalho feminino fora do lar foi visto como algo que poderia levar a mulher a perder a candura, tornando-a desonrada, pois poderia ser

²⁰⁵ RAGO, Margareth. Trabalho Feminino e Sexualidade. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2001. p.582.

²⁰⁶ Nair Bispo dos Santos. Entrevista já citada.

²⁰⁷ PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru: EDUSC, 2005. p.186-188.

ludibriada por mestres, contramestres e patrões. Essa era uma preocupação também moral, já que se considerava que as mulheres desavergonhadas poderiam exterminar com os valores familiares. Esse ponto de vista congrega uma forma de educação ameaçadora disseminada às mulheres, perpetuando valores na própria família contra a emancipação feminina.

A Igreja Católica também instituiu regras, disciplina e deveres afastando as mulheres da militância política, perpetuando o ideal de mulher obediente, subordinada e resignada ao homem: “o homem como a cabeça do lar, o seu senhor.” A mulher laboriosa, virtuosa, rainha do lar, esposa exemplar, dona de casa prendada, mãe de família, guardiã dos céus e das nações, tendo como exemplo de vida Maria Santíssima.

O moralismo dominante apresentado foi vivenciado com maior força pelas mulheres de décadas anteriores ao período deste estudo, mas se reflete na análise das trabalhadoras da atividade fumageira, na qual eram estigmatizadas e “associadas à imagem da perdição moral, de degradação e até de prostituição”, porque tinham uma profissão.

Todavia, a participação social das mulheres foi sendo modificada; elas passaram a ter uma participação mais direta nos espaços sociais, políticos e culturais, “as relações entre homens e mulheres deveriam ser, portanto, radicalmente transformadas em todos os espaços de sociabilidade [...]. A condição feminina, o trabalho da mulher fora do lar, o casamento, a família e a educação seriam pensados e praticados de outra maneira.”²⁰⁸

Para muitas mulheres, havia um conflito entre os diversos papéis que lhes foram tradicionalmente atribuídos, não sendo fácil conviver com essas mudanças e diferenças, pois faziam parte de um conjunto de valores, padrões e regras estabelecidas historicamente que foram internalizados na sua formação, “as mulheres tem sido levadas, nos últimos anos, a buscar um novo entendimento do seu papel.”²⁰⁹

Mesmo diante de algumas mudanças no ritmo de trabalho das mulheres, suas responsabilidades não diminuíram. Elas passaram a vivenciar um enorme desgaste físico e emocional, na medida em que assumiam efetivamente uma dupla ou tripla jornada de trabalho. Trabalhar durante o dia no armazém e a noite em casa, cuidar de todos os afazeres domésticos, educar os filhos, não ter folga nem nos finais de semana era a rotina de muitas delas. “No domingo ia lavar roupa na fonte, trançar os cabelos das meninas, arrumar tudo pra segunda-feira, não tinha tempo pra nada.”²¹⁰ Aqui Dona Laura reforçou a ideia do trabalho

²⁰⁸ RAGO, Margareth. Op.cit. p.579.

²⁰⁹ COUTINHO, Maria Lúcia Rocha. *Tecendo por trás dos panos: A mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p.62.

²¹⁰ Laura Pereira de Jesus, ex-trabalhadora dos armazéns de fumo, aposentada, 66 anos, residente em Conceição do Almeida-BA. Entrevistada em 20 de agosto de 2006, duração: 40 minutos.

contínuo, discurso esse que se repete nos diversos depoimentos das trabalhadoras dos armazéns, a exemplo de Dona Raimunda:

O trabalho era todo dia, começava no armazém e continuava em casa. No domingo a gente ia arrumar a casa, cuidar dos meninos, adiantar as coisas... A vida era difícil eu cozinhava de carvão, puxava água na cisterna, antes de ir trabalhar. Deus é quem sabe do meu sofrimento e da minha luta. Se trabalho matasse eu já tinha morrido!²¹¹

As tarefas dessas mulheres não tinha fim; quando não estavam nos armazéns, trabalhavam nos lares, as responsabilidades domésticas lhes pertenciam, ficando os homens eximidos desses deveres. Elas trabalhavam nos armazéns e tinham o dever de cuidar dos filhos e da casa, cozinhando, limpando e ainda ‘cuidando bem do marido’, um trabalho sem fim. Os homens geralmente chegavam em casa para descansar; quando realizavam algum trabalho, esse era visto como uma “mera ajuda” e não uma obrigação a ser compartilhada; já com as mulheres ocorria o inverso.

Essa situação tem suas raízes nos aspectos culturais que naturalizam os deveres perante as diferenças biológicas, construindo, assim, uma desigualdade social que afeta principalmente as mulheres, consolidando comportamentos no seu cotidiano, estipulando os “trabalhos próprios de mulheres”, que são afirmados e reafirmados pela educação em diversas instâncias sociais.

O acesso das mulheres ao mercado de trabalho permanece condicionado pela domesticidade de suas relações, um campo para além das suas obrigações. No que diz respeito ao homem, naturalizou-se como uma conquista pessoal. O trabalho no espaço domiciliar faz parte de uma produção simbólica da vida cotidiana. Assim, o trabalho doméstico não é considerado produtivo, a entrada das mulheres na esfera pública do trabalho não alterou substancialmente as divisões sexuais do trabalho, o envolvimento masculino ainda é muito pequeno, cabendo à mulher diversas obrigações.

O trabalho feminino exigia um ritmo cotidiano acelerado. O cuidado com os filhos foi tradicionalmente associado às mulheres e a participação masculina era quase inexpressiva. Assim, houve uma sobrecarga emocional diante das responsabilidades e obrigações fora e dentro dos lares, o uso do tempo doméstico equivale ao tempo conferido ao trabalho fora. Assim, as mulheres desenvolveram uma capacidade em distribuir o tempo entre as diferentes esferas da vida, pois a escassez de tempo, para elas, pode gerar estresse e insatisfação.

²¹¹ Raimunda Ribeiro Cunha. Entrevista já citada.

Outro ponto pertinente é o fato do direito ao lazer e ao descanso ser quase imperceptível nas falas das mulheres na atividade fumageira. O lazer é um direito assegurado constitucionalmente a todo trabalhador e trabalhadora como uma forma de repor energias, já que o trabalho ininterrupto poderá desenvolver uma estafa física e mental. “O corpo está às vezes esgotado, à saída da fábrica, mas o pensamento está sempre esgotado, mais ainda do que o corpo.”²¹²

A dupla jornada de trabalho impõe limitação de tempo e legitima uma forma de exploração que exclui o lazer, o direito ao descanso, e explicita a exploração duplamente da mulher, como foi expresso em diversas entrevistas com as mulheres da atividade fumageira. Essas mulheres trabalhadoras vivenciaram uma exploração ofuscada por uma violência invisível. Essa invisibilidade repousa no sentimento de satisfação que ao se confrontar com as experiências vividas lhes ofusca os pontos negativos desta convivência. Como lembra Agnes Heller, “sentir-se satisfeito numa sociedade insatisfeita... a exaltação ao trabalho é tão forte que, para muitos, o ócio e o lazer vem sempre acompanhados de um sentimento de culpa”.²¹³ Marilena Chauí destacou que,

Realisticamente, as mulheres que se tornam assalariadas consideram “sair de casa para trabalhar fora” uma carga, (A dupla jornada de trabalho, o longo tempo gasto no percurso, a preocupação com os filhos deixados em casa) e uma servidão, pois acrescenta-se á submissão ao pai ou ao marido (Submissão reconhecida) a subordinação a feitores, contra-mestre, fiscais, gerentes e patrões (subordinação indesejada) ²¹⁴

A autora explica que nesse processo histórico as mulheres foram se libertando das diversas instâncias de poder exercidos pelo pai, marido e patrão; mesmo se sujeitando às leis de dominação de mestres e fiscais, construíram estratégias de resistência e superação, desmistificaram o imaginário criado em torno das mulheres, no qual eram vistas de forma vitimizadas, passivas, coitadas e sem expressão. Sobre as dificuldades do trabalho, há uma observação bastante pertinente no depoimento da Dona Nair Bispo dos Santos:

O trabalho era cansativo, forçado, sofria muito mesmo, trabalhando de manhã até de tarde, chegava em casa era aquele bucado de filho. Eu tive dez filhos, tinha que trabalhar, e os filhos maiores eram que cuidava dos menores. Tinha dia que não dava tempo nem pra comer. Ficava tudo na mão de Deus, era Deus que cuidava deles pra gente, a vida era tão difícil. Mas

²¹² WEIL, Simone. *A condição operária e outros estudos sobre opressão*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. p.61.

²¹³ HELLER, Agnes. *Para mudar a vida*. São Paulo: Brasiliense, 1982. p.162.

²¹⁴ CHAUÍ, Marilena. Op.cit. p. 148.

hoje eu me sinto bem e por ter passado por isto me ensinou a me valorizar. Hoje me sinto uma vitoriosa.²¹⁵

Nesse depoimento, verificam-se significativas lembranças que marcaram o período de trabalho vivenciado nos armazéns de fumo. Sinalizando as dificuldades em relação à dupla jornada de trabalho, a preocupação com a criação dos filhos e o tempo escasso para as necessidades básicas como a alimentação.

As dificuldades enfrentadas e a dominação são observadas no início do diálogo quando a entrevistada fala do sofrimento, do cansaço, a experiência vivida que denuncia as condições precárias de trabalho, na qual a necessidade de sobrevivência era maior, e revela a ideia de um trabalho “forçado,” “quase escravo”, sem uma remuneração justa. As palavras da entrevistada são marcadas por uma forte expressão de emoção ao falar dos filhos, buscando uma evocação religiosa e de fé, como uma espécie de força sobrenatural que protegeria os filhos na sua ausência. Essa narrativa entrelaça diversas lembranças e várias dimensões da memória que estão presas a recordações que são pedaços de um cotidiano, no qual se estabeleceram relações concretas com o trabalho, com os filhos e com as crenças.

O relato de Dona Nair remete a um cotidiano que não pode ser visto particularmente, mas uma realidade comum a muitas mulheres. No seu depoimento, a sua expressão e os seus gestos mostravam marcas de um cotidiano difícil, sofrido, mas, também, visto como um esforço recompensado quando afirma “ser vitoriosa”, apesar de toda difícil experiência vivenciada.

Mesmo diante das desigualdades, das posições menos privilegiadas, dos encargos domésticos, os cuidados familiares, havia um sentimento de satisfação. As pessoas se sentiam satisfeitas na maioria das vezes, relacionando uma espécie de gratidão, pela oportunidade de se sentirem cidadãs e não desocupadas, no grupo social do qual fazem parte; trata-se de um orgulho pessoal de serem reconhecidas naquilo que trabalhavam e que construíram, é uma espécie de reconhecimento pela experiência de vida e de trabalho.

Sobre a ênfase dos gestos e o que esses têm a nos dizer, Edinélia M^a Oliveira Souza considerou relevante a explicação detalhada dos gestos e das expressões, porque são recursos que possibilitam entender o cotidiano que compõe a memória:

Fala e corpos são elementos indissociáveis das narrativas de memória dos trabalhadores (...). Por vezes, a valorização das experiências vividas é reforçada por gestos e sinais da corporalidade que se integram ao discurso

²¹⁵ Nair Bispo dos Santos. Entrevista já citada.

emitido surgindo dimensões de linguagem que compõem uma cultura, uma maneira de viver e de ser.²¹⁶

Os gestos, os silêncios, o brilho no olhar, as pausas dizem muito, expressam idéias que, muitas vezes, não foram explicitadas nas falas, devendo o historiador estar atento a esses detalhes.

4.2 A MULHER E A FAMÍLIA

É na família que se constitui um destino comum, que se elabora um saber sobre o espaço, o tempo, a memória, a transmissão de conhecimentos e de informações, que se compensa a pouca escolarização com os outros aprendizados transmitidos oralmente e por contato direto.²¹⁷

Em Conceição do Almeida, muitas trabalhadoras da atividade fumageira casavam-se cedo, geralmente entre os 15 e 20 anos. Os cuidados com a casa, a educação dos filhos e o marido, constituíam o destino reservado às mulheres. A gravidez era uma sina, não ter filho era uma questão de sorte, estavam elas, assim, presas às questões biológicas. As mulheres tinham geralmente muitos filhos. O desconhecimento dos métodos anticoncepcionais, a desinformação e o não acesso aos métodos anticonceptivos, adicionado à falta de dinheiro, faziam com que as mulheres engravidassem periodicamente, visto que os benefícios da pílula anticoncepcional só começam a ser popularizada no Brasil no final da década de 1960 e para muitas mulheres das classes sociais menos favorecidas esse método chegou mais tardiamente.

Segundo censo demográfico de 1960²¹⁸ nessa década as mulheres tinham, em média, seis filhos ou mais. Além da alta taxa de fecundidade, há porcentagens representativas de mortalidade infantil, devido às condições precárias de saúde e alimentação, além da falta de acompanhamento médico durante a gestação, tornando comum a muitas mulheres terem filhos natimortos ou que morriam ainda nos primeiros anos da infância. “Deus quis assim, se fosse pra criar, criava” afirmavam, definindo a ideia do destino, a sina, que oscilava entre o natural e o sobrenatural, como é perceptível na fala de Dona Augusta:

Eu tive 18 filhos criei 15, e sofri muito pra criar esses menino. Um dia eu tava trabalhando com a barrigona, perto de parir, ai minha filha mais velha chegou no armazém com os outro meninos correno, o mestre disse pra eu

²¹⁶ SOUZA, Edinéia M^a. Cruzando Memórias e espaços de culturas. Dom Macedo Costa-Bahia (1930-1960). *Projeto História*. São Paulo: PUC. n.18. maio/1999. p. 372-373.

²¹⁷ HELLER, Agnes. *Para mudar a vida*. Op.cit. p. 144.

²¹⁸ CELADE: Boletim Demográfico, ano 25, n.51.

não tomar susto não, mais eu teve um susto danado, vieram me chamar, pois o quarto tinha pegado fogo, mais os vizinho tinha ajudado a apagar, senão eu tinha perdido tudo, e meus menino foi aquela mão santíssima maravilhosa é que ajudou.” [Emocionou-se ao falar]²¹⁹

O depoimento de Dona Augusta traz a dimensão da dificuldade enfrentada por muitas mulheres em cuidar dos filhos, deixando a cargo dos filhos mais velhos, geralmente adolescentes, a responsabilidade de tomar conta dos mais novos e da própria casa. Muitas vezes eram expostos aos perigos domésticos, mas contando com apoio de pessoas amigas e familiares que se prontificavam a ajudar nas horas difíceis, formando redes de solidariedades que se expressam nos sentimentos e apoios diversos. As mulheres se organizavam em redes de relações de gratuidade que envolviam afetividade, amizade e cumplicidade.

Nas entrelinhas dessa entrevista, percebe-se a ausência da figura masculina, na responsabilidade e nos cuidados com os filhos. Os maridos, geralmente, estavam envolvidos em outras profissões, e quase sempre os cuidados com a família ficavam sobre a responsabilidade das mães e das mulheres, caindo sobre elas o peso da culpa da educação e até das falhas na criação dos filhos. Muitas trabalhadoras assumiam sozinhas os lares; se fossem separadas, eram consideradas “largadas.” Esse pensamento permeia o sentido de que os homens é que lhes abandonavam, pois a mulher não teria cumprido o ideal de satisfação e deveres para o bem-estar masculino, por essa razão estavam sozinhas.

Na narrativa, Dona Augusta se referiu à existência de uma força superior feminina, a “imagem de Maria Imaculada,” como mãe protetora, demonstrando como a fé está extremamente presente na vida dessas mulheres. Uma emoção tomou conta da entrevistada, ao se referir a esse poder maior, a essa Santa Mulher Maria como a Mãe e a protetora, guardiã dos céus, vista por muitas mulheres como a maior referência feminina religiosa, pois “a fé e a confiança desempenham na vida cotidiana um papel muito mais importante que as demais esferas da vida (...) a fé religiosa costuma ser mais intensa e mais incondicional na cotidianidade,”²²⁰ afirma Agnes Heller.

O fato de trabalhar fora constitui também uma preocupação extrema em relação aos filhos, designa o sentimento de tê-los de certa forma “abandonados”, o que traz uma situação dicotômica para muitas mulheres, um dilema entre saciar as carências financeiras familiares com o trabalho nos armazéns ou ficar em casa para cuidar dos filhos, educá-los e resguardá-los. O trabalho pode tornar-se uma forma de vitória, porém carrega uma dose de culpa em

²¹⁹ Augusta dos Santos Barros, 77 anos, ex-trabalhadora do armazém de fumo, Conceição do Almeida-BA. Entrevistada em 02 de dezembro de 2005, duração: 50 minutos.

²²⁰ HELLER, Agnes. *O Cotidiano e História*. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1985. p.33.

relação à ausência diante também dos perigos a que os filhos estavam expostos. Assim, como afirmou Mary Del Priore, “a história das mulheres não é só delas, é também aquela da família, da criança, do trabalho, da mídia, da literatura. É a história do seu corpo, (...) dos seus sentimentos.”²²¹

Saciar outras “fomes”, essa assimilação decorreu também a partir do processo de modernização vivenciada pelas mulheres; concepções essas, também, estimuladas pelas lutas feministas, que vinculavam uma ruptura de valores, concebendo uma nova forma de viver diferente das formas que foram condicionadas, proporcionando uma vida melhor, mais ‘fácil’ aos filhos, como relatou Dona Edna: “no meu tempo tudo era mais difícil, a gente não tinha nem roupa pra vestir direito.”²²² A condição pobreza expressava-se na quase ausência de artigos básicos como as roupas, móveis, o que demonstrava a que classe social pertencia aquele indivíduo.

O capitalismo gerou a necessidade de consumo, estimulou também a necessidade de ascensão social, de mudança e da busca por bens materiais, e a ideia do ‘ter’ como forma de mudança e de melhoramento da própria vida. Nos finais da década de 1970, ocorreu no Brasil o aumento de possibilidades profissionais e educacionais, o fortalecimento de concepções como democracia e participação e maior acesso a informações, ao lazer e ao consumo.

O trabalho relaciona-se a cotidianidade das trabalhadoras e das famílias, constituindo as relações humanas que se formam dentro e fora do local de trabalho. A família constitui o “destino afetivo,” cria-se uma trama de contatos, de dependência, apesar da maior parte do tempo muitas mulheres se encontrarem trabalhando fora dos lares. Dramas e tramas se desenvolveram, e a cada dia são vivificados na memória dessas mulheres, como narrou Andréa Pereira:

Lembro que minha mãe saía para o armazém, me deixava em casa com os irmãos menores com a porta trancada, deixava um cacho de banana debaixo da cama, que era pra gente não ficar com fome. Só sinto muito, quando eu lembro minha mãe já doente, com as pernas inchadas, mas indo trabalhar no agro. Ela não demorou muito e morreu, essa são minhas maiores lembranças. [Silêncio e emoção ao falar]²²³

A saída da mulher do lar e sua inserção no mercado de trabalho transformaram as relações familiares, já que as crianças assumiam deveres cabíveis a um adulto. Para as mulheres da atividade fumageira, o fato de ter que “deixar os filhos” e sair para trabalhar

²²¹ PRIORE, Mary Del. Op.cit. p. 07.

²²² Edna Nunes da Silva. Entrevista já citada.

²²³ Andréa Pereira Ribeiro. Entrevista já citada.

significava uma grande angústia e, por outro lado, significava a possibilidade de proporcionar aos filhos uma vida melhor como a oportunidade de estudar. Dona Augusta Barros afirmou: “Quando minha primeira filha fez oito anos, eu fui para o armazém trabalhar, pois minha maior vergonha é a de não saber ler, e eu não queria que meus filhos passasse por isso. Comecei a trabalhar pra botar meus filhos na escola.”²²⁴ O brilho dos olhos de Dona Augusta ao falar dos filhos ilumina seu rosto, demonstra as lições de quem aprendeu sem cartilha, mas através das lições diárias de quem quer um destino diferente para os filhos.

As questões de sobrevivência e de superação sempre remetem ao passado. A dedicação e obstinação ao trabalho estavam vinculadas à oportunidade de mudança de vida para filhos, era a busca de um futuro diferente, um vir-a-ser melhor e próspero, a esperança de dias melhores se entrelaça com a oportunidade que a educação poderia proporcionar.

Outro dado comum à maioria das entrevistadas era o fato de serem analfabetas, ou terem estudado apenas o curso primário. Como afirma Dona Maria Nilza, “não sei nada de estudo, só sei trabalhar.”²²⁵ A educação das mulheres se encaminhou quase sempre em torno do trabalho, presa à labuta diária pela sobrevivência. A educação que receberam na infância, normalmente, era aquela que garantia a subsistência, vinculadas aos trabalhos domésticos, artesanais ou braçais. Geralmente, os pais dessas mulheres eram analfabetos e não viabilizavam os estudos das filhas, como rememorou Dona Augusta: “meu pai não queria que eu estudasse dizia, que as mulheres aprendia a ler pra escrever carta pra namorado, e por isso eu quase não estudei.”²²⁶ Assim, o acesso a escrita era considerado uma forma de afrontamento e de ousadia, não necessariamente de aprendizagem.

Mesmo tendo uma formação rústica, as trabalhadoras acreditavam que o estudo poderia transformar a vida das pessoas, que a escolaridade permitiria aos filhos aprendizado de valores essenciais para um trabalho menos “pesado.” Assim, ver os filhos “formados,” concluindo ensino médio, era uma grande honra. Ter uma filha professora era uma felicidade imensurável. “Queria que meus filhos estudassem para que não dessem o duro que eu tive que dar na vida,”²²⁷ afirmou Dona Clemilda.

As dificuldades em relação aos estudos, nas décadas de 1950 a 1970, principalmente nas cidades pequenas, como Conceição do Almeida, e na zona rural, eram imensas. Geralmente, nas sedes dos municípios, existiam poucas escolas públicas que ofereciam o ensino das séries iniciais à quarta série do ensino fundamental ou primário. Para seguir os

²²⁴ Augusta dos Santos Barros. Entrevista já citada.

²²⁵ M^a Nilza de Jesus (D. Nita). Entrevista já citada.

²²⁶ Augusta dos Santos Barros. Entrevista já citada.

²²⁷ Clemilda do Amor Divino. Entrevista já citada.

estudos, a criança deveria fazer uma prova de admissão em uma escola particular, o que dificilmente uma família menos abastada teria condição de arcar, ou se deslocar para estudar em uma cidade maior como Cruz das Almas ou Salvador, assim descreveu Dona Marina:

Eu parei de estudar cedo, mais todo mundo dizia, “volta menina.” Aí eu estudei até o quinto ano primário, fiz admissão e passei, fui estudar de noite, de dia ia para o armazém pra pagar a escola. Assim eu fiz o magistério, me formei professora. Pedi muito a São Cosme e São Damião que me ajudasse a arrumar um emprego, eles me ajudaram. Aí teve uns contratos para professores aqui no Almeida e seu Alcides me deu, foi uma alegria. Hoje se eu estou aposentada graças a esse trabalho.²²⁸

Estudar era considerado privilégio e o conhecimento visto como algo que poderia tornar melhor a vida dessas mulheres. Assim, estudar era uma das poucas oportunidades de crescimento, de conquistar respeito, o que pressupõe a máxima “conhecimento é poder”. O estudo significava, também, proporcionar uma melhor qualidade de vida, que permitiria exercer, no futuro, uma atividade mais valorizada, a realização de um sonho, como enfatizou Andréa Pereira:

Ter uma meta, ter um sonho, correr atrás de algo, sempre sonhei em me formar, nunca fui acomodada, trabalhei muito na roça e em casa de família. Queria ser professora. E, pra mim, sonhar é querer, ‘o sonho é alimento da alma’, assim eu me tornei professora e fiz faculdade de História como minha mãe sonhava.²²⁹

O estudo tem uma grande importância para as trabalhadoras, é a realização de um sonho, que se concretiza no ato da conquista de um diploma, que poderá encaminhá-las para o mercado de trabalho, mas que também possibilitará novas concepções sobre o mundo, novas interpretações da sociedade. Para elas, o “conhecimento é a única coisa que nunca se perde.”

Outro fator que suscita discussão nesta pesquisa é a gravidez que ocorria quando as mulheres ainda estavam contratadas no trabalho dos armazéns. Geralmente não se admitiam mulheres grávidas no trabalho. Para muitas mulheres, era necessário exame médico, comprovando que não estavam grávidas e, assim, consideradas aptas para o trabalho. Mas, caso a gravidez ocorresse no período de contrato a funcionária cumpria funções normais até a data do parto. É o que recordou Dona Augusta: “um dia o mestre reclamou comigo, eu com a

²²⁸ Marina dos Santos. Entrevista já citada.

²²⁹ Andréa Pereira Ribeiro. Entrevista já citada.

barriga desse tamanho [fez o gesto referindo ao período de gestação]. Deixou meu fumo todo para refazer e eu quase morro.”²³⁰

Para as mulheres grávidas não havia privilégios, nem muitos dos seus direitos reconhecidos dentro do trabalho nos armazéns. Dona Augusta ainda relembrou que: “quando paria, ficava em casa até dezoito dias de parida em casa e aí voltava logo pra não perder a carteira.”²³¹ Apesar das leis trabalhistas, em 1970, já garantirem o direito à licença maternidade, esse direito não era reconhecido. A grande necessidade de permanecer no trabalho fazia com que as mulheres abdicassem dos direitos de mãe como o tempo do “resguardo” e de amamentação, em função do trabalho.

A proteção à maternidade tem sido um ponto de discussão histórica na vida das mulheres. Desde o século XIX, tem-se procurado estabelecer normas trabalhistas que garantam à mulher a proteção necessária durante a gestação, parto e amamentação. Esse tema é recorrente nas leis que designam os direitos das trabalhadoras, tanto que a Organização Internacional do Trabalho (OIT) destaca as seguintes normas: licença antes e depois do parto, com atestado médico, que comprove a gravidez e a possível data do parto; garantia do emprego neste período; pagamento do salário ou assistência maternidade pago pelos órgãos de previdências do país; e direito à amamentação. Esses direitos constam também na CLT (Consolidação das Leis do Trabalho):

Art. 392. A trabalhadora grávida é interdita do trabalho no período de 4 semanas antes e 8 semanas depois do parto. O início do afastamento será determinado por atestado médico. Podendo se necessário mudar de função.
 §4º Este dispositivo tem como objetivo defender a saúde da mulher e a do seu filho [...] Art. 395. Garante a mulher o direito ao descanso para amamentação do filho, além do direito a creche, mantida pela empresa caso possua mais de 30 empregadas maiores de 16 anos.²³²

Essas leis não eram aplicadas às mulheres trabalhadoras dos armazéns. Em diversos comentários, elas afirmaram que não gozavam a licença maternidade, um direito garantido pela lei. Assim, amamentar era quase impossível, já que tinham de retornar ao trabalho logo depois do parto, como relata Dona Nair: “a mama, dava quando saia, e, meio dia, lavava o peito correndo e dava para o menino, isto pra vê se ele não deixava de mamar.”²³³ Esse

²³⁰ Augusta dos Santos Barros. Entrevista já citada.

²³¹ Idem.

²³² LUZ, France. *O trabalho da mulher no direito brasileiro*. São Paulo: LTR. 1984. p.47.

²³³ Nair Bispo dos Santos. Entrevista já citada.

depoimento ressalta a dificuldade vivenciada por muitas mulheres, em ter que abrir mão do direito de amamentar seus filhos.

A necessidade de sobreviver fazia com que elas se sujeitassem a um trabalho que lhes negava esse direito. O significado maior do ato de amamentar conforme Mello, não é “apenas o modo de satisfazer uma necessidade animal, ela adquire significado afetivo desde o nascimento: o leite materno não só alimenta como dá segurança, transmite o calor e o afeto do outro ser humano que se mistura ao sabor.”²³⁴ O distanciamento provocado pela ausência é ruim tanto para a mãe quanto para a criança.

Atualmente, não mais se discute a importância e o valor do leite materno para o desenvolvimento saudável da criança. No entanto, na infância, a maioria dos filhos dessas trabalhadoras quase não foram amamentados, eram inseridos outros tipos de alimentos aos recém-nascidos, o que também contribuía para o desmame muito cedo. Sobre essas condições, Elizabete Rodrigues da Silva lembra que:

Ser trabalhadora, na realidade brasileira representa o desafio de vencer os obstáculos de cada conjuntura política e econômica que não tiveram como propósito reconhecer as mulheres como sujeitos economicamente ativos, ora mantendo-as excluídas do processo produtivo, reduzindo sua contribuição social apenas ao papel de mantenedoras do equilíbrio doméstico, ora explorando a sua força de trabalho, como reserva de mão-de-obra, à sombra do homem, além das péssimas condições de trabalho, não havendo uma substantiva valorização social da trabalhadora.²³⁵

A trabalhadora brasileira vivencia uma realidade marcada por dificuldades que estão inseridas nos âmbitos profissionais e familiares, nos quais a sua contribuição social é minimizada e desvalorizada, porque as distinções entre os papéis femininos e masculinos continuam nítidas; a moral sexual diferenciada permanece forte e o trabalho da mulher ainda é cercado de preconceitos.

²³⁴ MELLO, Sylvia Leser de. *Trabalho e Sobrevivência. Mulheres da Periferia de São Paulo*. São Paulo: Ática, 1988. p.101.

²³⁵ SILVA, Elizabete Rodrigues da. *Op.cit.* p.74.

4.3 OS PODERES E OS CAPRICHOS... FEMININOS

“Olha...
Será que ela é moça?
Será que ela é triste?
Será que é o contrário?”²³⁶

“As mulheres não são passivas nem submissas. A miséria, a opressão, a dominação, por reais que sejam, não bastam para contar a sua história,” ²³⁷ afirma Michelle Perrot sobre as condições historicamente construídas em torno da mulher. Para melhor discutir essa afirmação, o estudo sobre as ex-trabalhadoras dos armazéns de fumo requer uma visão mais ampla das teorias que buscam compreender o papel da mulher na sociedade, no trabalho e na família. O que desperta interesse sobre as discussões relacionadas aos gêneros, que foram de suma importância na luta contra as desigualdades sociais e sexuais. Assim, faz-se necessário uma compreensão entre as relações sociais e as formas de resistência e de luta que foram vivenciadas por mulheres negras e pobres do Recôncavo Baiano. Nesse sentido, Elizabete Silva ressalta:

Ser mulher revela os variados significados de uma cultura masculinizante e de uma história de lutas, sejam estas abertas ou camufladas, pela conquista de sua autonomia no campo das relações sociais, na construção de sua cidadania. Ser trabalhadora na realidade brasileira representa o desafio de vencer os obstáculos de cada conjuntura política e econômica que quer reconhecer as mulheres como sujeitos economicamente ativos.²³⁸

Nessa perspectiva, pensar a luta das trabalhadoras brasileiras e, especificamente, das trabalhadoras da atividade fumageira em Conceição do Almeida requer ampliar o leque de discussões sobre a própria História das Mulheres e das concepções de gênero nas diversas sociedades e em diversos períodos.

A partir do final do século XIX, com o advento da indústria, deram-se início os movimentos feministas na Europa que lutavam contra o ideal de domesticidade que restringia a presença feminina nos espaços públicos e privados, além de se iniciar uma nova ideia que modificasse as concepções tradicionais de inferioridade feminina e que negava às mulheres muitos direitos. Segundo Michele Perrot,

²³⁶ HOLANDA, Chico Buarque de. *Beatriz*. Álbum Por Eles. Rio de Janeiro: Som Livre, 2009. 1 disco digital, estéreo.

²³⁷ PERROT, Michelle. *Os excluídos da História: Operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p.212.

²³⁸ SILVA, Elizabete Rodrigues da. Op. cit. p.74.

a vontade de superar o discurso miserabilista da opressão, de submeter o ponto de vista da dominação, procurando mostrar a presença, a ação das mulheres na plenitude de seus papéis, e mesmo a coerência de sua “cultura” e a existência dos seus poderes. Caminho que é preciso reencontrar. Uma história outra. Uma outra história.²³⁹

A inserção da mulher no mercado de trabalho, começando a reivindicar uma maior participação social, leva-nos, hoje, a analisar o que determinava a condição feminina, também dentro do contexto fumageiro. Nessa perspectiva, questiona-se de que forma cada cultura influencia nas construções do feminino e do masculino? Destacou M^a Lúcia Rocha Coutinho que “ser homem e ser mulher são categorias socialmente construídas e por tanto, o ser mulher, da mesma forma que o ser homem, é resultado de uma intrínseca rede de significações sociais.”²⁴⁰

A consciência do masculino e do feminino decorre não apenas do processo de socialização primária, ou seja, da família, mas é construída também por modelos morais e comportamentais dos pais, das instituições de ensino, das religiões, onde se concretizam e se interiorizam comportamentos sociais. Essa situação possui suas raízes em aspectos históricos e culturais que tentam neutralizar os comportamentos através do poder, consolidando no cotidiano a condição de desigualdade vivenciada pelas mulheres. Essas construções lhes conferem certos atributos e qualidades que designam aos sujeitos cumprir papéis sociais e específicos considerados como “coisas de mulher”, condição essa que é reproduzida tanto na educação formal quanto na educação informal.

Na família, o processo de construção do feminino forma-se pelas normas de convivência relativa a valores como a virgindade, a fidelidade, repressão ao desejo sexual, que quase sempre foram impostos às mulheres, diferentemente da educação masculina que, na maioria das vezes, era pautada na liberdade.

A mulher era vista como o “outro”, dependente e subordinada aos mandos masculinos. Essa é uma discussão presente na obra de Simone de Beauvoir, quando ela argumenta que a mulher, ao viver a função do “outro”, não tem vida própria, é simplesmente apêndice do homem:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade: é o conjunto de civilizações que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino (...) A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem e não este em

²³⁹ PERROT, Michelle. *Os excluídos da História: Operários, mulheres e prisioneiros*. Op.cit. p.169-170.

²⁴⁰ COUTINHO, Maria Lúcia Rocha. Op.cit. p.17.

relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro.²⁴¹

Esse pensamento traz à tona as concepções que estabelecem as diferenças entre os sexos “macho e fêmea” e não, necessariamente, entre “homem e mulher,” já que essa diferenciação não se resume simplesmente a características biológicas, mas direciona os papéis sociais de cada um, consiste em uma construção social que dispõe de relações cotidianas, que envolvem crenças e valores que são “simbolizados, assimilados e reproduzidos em determinadas culturas, em uma determinada sociedade, num determinado tempo,”²⁴² conforme a mesma autora.

As mulheres trabalhadoras quase sempre são vistas por um ângulo estereotipado como figuras totalmente passivas e indefesas, temerosas, mulheres que são dóceis, humildes e que choram fácil. Essa visão está associada, direta ou indiretamente, à vontade de direcionar a mulher à esfera da submissão, do conformismo e do silêncio.

As práticas de poder e de resistência nas histórias femininas demonstram o contrário. No contexto fumageiro, as trabalhadoras afirmavam: “a gente dava sempre um jeitinho”, “temos nossas armas,” “o mestre tinha as suas protegidas”. As falas sugerem uma ordem de uma promiscuidade suspeita. Nesse quadro de palavras não ditas, mas subentendidas, compreende-se o quanto as mulheres lutaram, resistiram e superaram uma condição historicamente construída.

Elas usavam de artimanhas, sabendo que não havia a possibilidade de um diálogo aberto; ao invés da franqueza e do enfrentamento, utilizavam-se de um comportamento paciente, prudente e até obscuro. Assim, a mulher desenvolveu a intuição, tornou-se mais perceptiva que o homem, observava sempre e partiu para a luta, muitas vezes, fingindo uma aceitação. Portanto, pode-se afirmar que as mulheres não eram submissas, pois, em qualquer relação de dominação, há sempre manifestação dos contrapoderes, da recusa por parte dos dominados. Na atividade fumageira, as mulheres se rebelaram contra maridos, companheiros, mestres e fiscais, resistindo às formas de dominação e humilhação, sutilmente.

As mulheres burlavam as imposições, negociavam, enfrentavam, conforme os exemplos citados anteriormente – o fumo era molhado para pesar mais, a companheira ajudava a outra para terminar o serviço e ganhar a diária, as relações amigáveis com o mestre e o proprietário e, também, as relações de compadrio e de tutela.

²⁴¹ BEAUVOIR, Simone de. Op.Cit. p. 9-10.

²⁴² FAGUNDES, Tereza Cristina Carvalho. *Ensaio sobre identidade e gênero*. Salvador: Helvécia, 2003. p.18.

Foucault afirmou que o poder não é somente uma força negativa, mas também produtiva; o poder está sempre presente; onde há poder há resistência, e a resistência não é nunca uma posição de exterioridade em relação ao poder. A resistência é um elemento das relações estratégicas nas quais se constitui o poder. No entanto, ainda conforme o mesmo autor, o poder não se localiza em uma única instância, mas se expressa de várias formas - os micro-poderes - enquanto práticas sociais, no do próprio cotidiano.

O surgimento dos saberes sobre a doença, a sexualidade, por exemplo, enquanto mecanismos de poderes disciplinadores, afirmam-se como estratégias normalizadoras do discurso da sociedade. O poder precisa de ideias que o justifiquem que lhe deem legitimidade, ao contrário ele deixa de existir:

Se o poder só tivesse a função de reprimir, se agisse apenas por meio da censura, da exclusão, do impedimento, recalcamento, se apenas se exercesse de um modo negativo, ele seria muito frágil. Se ele é forte, é porque produz efeitos positivos a nível do desejo - como se começa a conhecer - e também a nível do saber.²⁴³

Para Foucault, na história humana e em todas as sociedades ocorre redes de resistências e estratégias para escaparem dos domínios. As pessoas não são totalmente passivas, nem submissas todo tempo. Os operários utilizavam micro-poderes para escaparem das formas de domínio e exploração: contra-poderes, contra-ataques, mecanismos de luta. No entanto, o conceito de “luta” deve ser analisado como um vocábulo que não pode estar sempre no centro das relações de poder.

Muitas mulheres trabalhadoras têm plena consciência da situação que vivenciaram, lamentando-se sobre os piores serviços, sobre os salários que eram menores que o dos homens. Sabem da inferiorização que emana do ponto de visto ideológico, condicionado ao fato de que a mulher é submissa, coitada e fraca. As mulheres vivenciam essa situação, interpretam-na, mas, às vezes, “se sujeitam porque não tinha jeito” – como assinalaram várias das entrevistadas.

Nesse contexto, as mulheres que assumiam sozinhas a família eram consideradas o “homem da casa”. A própria expressão confere a importância masculina no lar, como o provedor das necessidades, o que não ocorria efetivamente com muitas trabalhadoras dos

²⁴³ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Op.cit. p.148.

armazéns. “Os homens só fazia os filhos e deixava aí, eu é que tinha que me virar e criar,”²⁴⁴ recordou dona Nair Bispo.

Essa afirmação dá margem para perceber as dificuldades que as mulheres enfrentavam, criando os filhos sozinhas, em uma sociedade que discriminava as mães solteiras, responsabilizando-as pela preservação do que seria a moral dos “bons costumes”. Possivelmente, as mães solteiras eram vista como “mulheres da vida” ou “raparigas”, (amásia ou amante), a mulher de homens casados, que mantinha relação extraconjugal clandestina, destruidoras dos lares. Assim lembrou Dona Marina:

Meu pai casou com minha mãe, mas não registrou a gente, largou a minha mãe e foi viver com uma dona em Cruz das Almas. Essa mulher nunca veio aqui no Almeida, respeitava muito a minha mãe. Mãe criou a gente com muito sacrifício e tornou a gente pessoas direitas.²⁴⁵

Uma mulher com filhos, que não fosse casada era ‘mal vista, mal falada’, excluída dos meios sociais. Tais concepções remetem à ideia da preservação de uma moral rígida da honra, que estava vinculada à defesa dos “bons costumes” da virgindade, do casamento, preconceitos firmados tradicionalmente por longos tempos, como comenta Dona Luzia Caldas:

Aqui era assim, se uma mulher tivesse um filho e não casasse não era aceita. O filho de uma mãe solteira não entrava nos lugares. Os filhos dessas mulheres muitas vezes eram dos homens da alta sociedade, eles não assumiam a paternidade.²⁴⁶

Muitas vezes, essas mulheres trabalhadoras dos armazéns de fumo se envolviam e tinham filhos com homens de um maior poder aquisitivo, donos de armazéns, mestres e políticos, que, apesar de não reconhecerem oficialmente a paternidade, contribuía com algum dinheiro para as despesas do lar. Essa também era uma estratégia de sobrevivência, de conquista material e uma forma de conseguir proteção no trabalho. Por outro lado, sofriam uma forma de exclusão, que acabava se refletindo na instância familiar.

Parafraseando Michele Perrot, as estratégias estavam também no uso do corpo sexualmente, para as mulheres da classe popular, por vezes, o sexo era encarado de forma mais simples, com menos rigor, há mulheres que faziam do corpo objeto de desejo e de investimento.

²⁴⁴ Nair Bispo dos Santos. Entrevista já citada.

²⁴⁵ Marina dos Santos. Entrevista já citada.

²⁴⁶ Luzia Lima Caldas. Entrevista já citada.

Vencer as dificuldades da dura rotina exigia criatividade. O sexo era uma válvula de escape, um momento em que a alegria e o prazer se misturavam ao sofrimento do cotidiano. As relações estratégicas entre poder e sexualidade, processo esse que Foucault descreveu como o uso do prazer e da aprendizagem das artes da subjetividade com todas suas conotações políticas e simbólicas, afirmam que o corpo é também um lugar de poder.²⁴⁷

O “uso do prazer” feminino e seus efeitos sobre a dinâmica social continuam sendo matéria de diversas pesquisas, sendo marcada, por vezes, por uma ausência histórica. Percebe-se, assim, que toda a história da sexualidade feminina foi constituída pelo viés masculino. A forma discursiva sobre sexo, temática tratada por Foucault, veio acompanhada de uma ideia sobre o chamado sexo autorizado, como de uma definição de onde e de quando podia se falar sobre sexo. Assim, criam-se as “regiões de silêncio,” uma discricção estabelecida em diversas instâncias sociais.

Na organização do cotidiano, condicionam-se as bases do poder, o papel do corpo, da aparência, da beleza que são formas de poder sexual. Os poderes femininos estão também constituídos dos contrapoderes de enganar, fingir, recusar-se sexualmente, surrupiar o dinheiro masculino, situações de astúcias, são mulheres protagonistas utilizando de estratégias minuciosas de resistência. As mulheres se afirmavam também pelas palavras, derrotando racionalmente. Nas palavras de M^a Lúcia Rocha Coutinho:

Assim em várias circunstâncias, a autoridade masculina foi reduzida ou minimizada pelo fato das mulheres terem encontrado meios informais - através de mexericos, controle de informações e recusa a fornecer serviços de alimentação e sexo, entre outras maneiras de influenciar e exercer controle sobre os homens.²⁴⁸

Em consonância com esse pensamento, Michele Perrot afirma que “as mulheres do povo tem outros saberes e poderes, principalmente, médicos, religiosos e culturais.”²⁴⁹ Por muito tempo, as mulheres resistiram às práticas médicas, pois conheciam os remédios naturais, capazes de aliviar as dores, a exemplo de rezadeiras e curandeiras que conheciam maneiras de aliviar doenças, e eram, portanto, respeitadas nas sociedades.

As estratégias de resistência estão principalmente na linguagem, muitos homens afirmam terem medo da ‘língua feminina’. Dona Marina Santos comentou que “tinha muito fuxico, o povo até dizia que fulano tava tendo caso com sicrana e aí cantava ‘vai trabalhar na

²⁴⁷ FOUCAULT, Michel. *O uso dos Prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1984. p.13.

²⁴⁸ COUTINHO, Maria Lúcia Rocha. *Op.cit.* p.19.

²⁴⁹ PERROT, Michelle. *Os excluídos da História: Operários, mulheres e prisioneiros*. *Op.cit.* p.181.

raloa do bagaço’, que diz que lá era o lugar onde mais acontecia fofoca. Mas, o mestre dizia aqui no armazém eu não quero quer fale de ninguém.”²⁵⁰

Para as trabalhadoras os truques das falas criavam embates frente às diversas formas de exploração, o exercício do poder se expressava mais na ordem da esfera pública do que nas transgressões dos contra poderes. Assim, “as práticas de resistência femininas envolvem a palavra, a tagarelice, o conto, a derrisão.”²⁵¹ Portanto, pensar as instâncias dos poderes é entender que o poder, para existir, tem que se legitimar e pode ser extensivo a quem vigia e a quem é vigiado, podendo ocorrer de forma inversa. Sobre esse contexto da fiscalização que ocorria como forma de coerção e, por vezes, causava constrangimento aos trabalhadores, Dona Marina Santos observou,

[...] alguém, dizia que fulano tava carregando manoca de fumo [trouxinha de fumo selecionado], carregando a capa de fumo [folha de melhor qualidade], aí eles começaram a fiscalizar até as sacolas. Um dia o mestre foi olhar a sacola de uma mulher e achou um pano sujo de menstruação, foi uma vergonha. Bem feito, ele pensou que era fumo. Às vezes o povo até levava uma folhinha de fumo, era errado, mas estes homens ganharam tanto dinheiro com o fumo.²⁵²

Esse depoimento expõe a forma como as estratégias e as coações ocorriam no trabalho dos armazéns da atividade fumageira, a vigilância, a desconfiança, a ação repressiva do mestre que constrange, mas que também é constrangido, o entendimento de que surrupiar folhas de fumo na era correto, mas a exploração daqueles que lucravam excessivamente com esse trabalho e não valorizavam dignamente essa mão-de-obra era pior.

Essas ideias também se referem à função do poder do olhar, de como o ato de vigiar as pessoas criou a ilusão de que “olhar é punir,”²⁵³ de que as pessoas se tornariam mais virtuosas por serem vigiadas. Porém, não levava em consideração a formação de opinião que pode advir dos meios de informações, já que o poder não se constitui naturalmente, simplesmente. O poder pode ser imobilizador, utilizando de meios disciplinadores e reguladores, muitas vezes sutis. As sociedades industriais e capitalistas são exemplos desses tipos de estratégias, em que diante do desenvolvimento econômico se domina e se escraviza.

O poder feminino, por vezes, é oculto, secreto, encoberto pela astúcia, é um poder ligado aos costumes, à natureza, à imagem do ser que pode promover a vida, procriar espécie humano. A força das mães e seu poder que, segundo estudos, formou sociedades matiarcais

²⁵⁰ Marina dos Santos. Entrevista já citada.

²⁵¹ PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru: EDUSC, 2005. p.249.

²⁵² Marina dos Santos. Entrevista já citada.

²⁵³ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Op.cit.

ou matrialineaes, concepção essa discutida em estudos atropológicos que, nessa perspectiva, questiona em que ponto da história humana as mulheres ‘perderam’ o poder? Quando e porque os homens se estabeleceram como mais fortes e dominadores? Possivelmente se ‘prenderam’ e dominaram as mulheres era porque essas representavam ameaças ao poder masculino.

A teoria do matriarcado foi rejeitada por muitos estudos históricos sobre as mulheres. Segundo Pierre Bourdieu, se o pensamento foi radicalmente dominado pelos homens, então as mulheres não podem nem mesmo pensar sua própria opressão e escrever a sua história, diante da construção do que o autor denomina poder simbólico:

O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto mundo, poder quase mágico que permite o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário.²⁵⁴

A inferiorização feminina ocorreu também na ordem do discurso que tentou silenciar e camuflar esses poderes. Divergências de interpretações que dividem as opiniões no campo de estudo feminino. As leis patriarcais condicionaram ainda mais as distinções sexuais. Mas, sabe-se que foi necessário limitar os poderes femininos, conter seu poder de influência, porém outras formas de poder se estabeleceram.

Excluiu-se o exercício do poder doméstico feminino que ocorre entre os subordinados, os filhos repreendidos, as relações com as empregadas domésticas, “mulheres dominadas por mulheres”, a autoridade das sogras, construindo hierarquias no cotidiano feminino. As mulheres não podem ser vistas simplesmente como sujeitos passivos ou vítimas, elas elaboram os contrapoderes, como donas de casa ou burguesas autoritárias foram oprimidas, mas também oprimiram. Situação essa que também pode ser notada no âmbito da atividade fumageira.

Segundo Michele Perrot,²⁵⁵ a mulher possuía multiplicidades de funções e aprendeu a lidar com diversas instâncias sociais. A dona de casa economizava, reservava dinheiro para momentos de crise, conhecia os recantos da cidade, era portadora de uma visão periférica. Observam as mercadorias em busca de um preço justo, pechincham, negociam, protestam, boicotam e eram prodigas na arte de ganhar tempo.

²⁵⁴ BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 14.

²⁵⁵ PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Op.cit. p.263-265.

As mulheres possuem uma espécie de comunicação que escapa aos ouvidos da lei. Os olhos, os gestos também falam, criam sistemas de comunicação próprios com os sentidos. As mulheres são cobertas de mitos; como a devastadora de família, a louca, a histérica, a santa e a pecadora, mas, também, fonte de vida, instintiva, misteriosa, características essas que servem de inspiração para poetas e escritores.

Nas lutas trabalhistas, o sindicalismo foi marcado por truculências e desorganizações. Porém, muitas mulheres defendiam o seu direito ao trabalho e também ao trabalho dos maridos. As mulheres não consideravam apenas os homens como concorrentes, mas também as companheiras de trabalho há relações e conflitos também de classe, não só de gênero.

Assim, pensar o poder é perceber que em quase todas as sociedades há um sistema de dominação reservado ao masculino, porém esse poder não deve ser visto como algo imutável, imobilizado, ele pode e deve ser repensado, considerando que homens e mulheres são diferentes, mas não são desiguais. Essa desigualdade estabelecida deve ser repensada. Como ressaltou Michele Perrot:

A relações de poder perpassam pelas mediações, pela sedução, pela persuasão e também pelo consentimento. O poder “consiste ainda na produção do pensamento, dos seres e das coisas, por todo um conjunto de estratégias e de táticas em que a educação, a disciplina, as formas de representação revestem-se de uma importância maior. O poder é uma maquinária cuja fontes de energia, cujo motores e as engrenagens variam ao longo do tempo.²⁵⁶

Outra temática diz respeito ao acesso das mulheres ao poder público, que foi sempre dificultado pelo modelo de democracia pautado nos ideais de “liberdade, igualdade e fraternidade para os homens”, esse ideal por vários séculos excluía as mulheres das práticas políticas. A palavra pública foi por muito tempo distanciada e limitada para mulheres, mas elas utilizam do campo da filantropia numa espécie de “maternidade social.”

Na atividade fumageira, especificamente em Conceição do Almeida, raros foram os casos de mulheres que se envolveram nas instâncias do poder público, em meio a entrevistas foi citado o nome de uma mulher que foi administradora de armazém de fumo (Trapicheira) e, também, representante política no município, Dona Lúcia Borges Coni, que ao ser entrevistada descreveu a sua atuação como mulher trabalhadora e prefeita.

²⁵⁶ Ibidem p. 263.

No contexto fumageiro era necessário manejo nas negociações, principalmente com os estrangeiros, lavradores e com os trabalhadores. A entrevistada comenta como eram suas estratégias de negociação no período em que foi trapicheira:

Minha função era administrar ou gerenciar o armazém. Eu procurava tratar bem, negociar com o lavrador, pois aqui tinha muita concorrência pra comprar o fumo. Eu dirigia uma Rural e ia nas casas, conversava, às vezes o lavrador dizia que já tinha vendido a safra, aí eu dizia: “me arruma um pouco, umas dez arrobas pelo menos”. E sempre eu conseguia. Procurava agradar pra ver se conseguia uma coisinha a mais, quando o lavrador me vendia, no dia certo o dinheiro do negocio tava lá, eu mandava entregar o adubo, eu mandava buscar a safra, tratava corretamente.²⁵⁷

A atividade fumageira estava ligada às praticas comerciais. Os interesses na compra da safra e o apoio para a produção envolviam uma dinâmica de diversos setores da sociedade, agricultores, comerciantes e trabalhadores rurais. As relações comerciais com os estrangeiros perpassavam pelas relações pessoais de amizade, ao dialogar com esses sujeitos era necessário “jeito” e, também, pensar a dinâmica fumageira não como mera relação trabalhista, comercial, mas também como meio que pudesse viabilizar melhorias na sociedade, como relata Dona Lúcia Coni:

Na Mombaça [Distrito rural] eu consegui montar uma sala de aula para os filhos dos operários. Um dia em que o Dono da firma, um alemão, Sr. Ermo, veio fiscalizar o trabalho, eu disse que queria falar, ele disse: “o que se quer Lúcia? Eu quero montar uma sala de aula aqui para os alunos dos operário, pois aqui no vilarejo não tem escola.” E ele permitiu que utilizasse uma sala do armazém como sala de aula e ainda a firma pagava a professora. Sr Ermo era muito humano, dava todo apoio a gente, tinha muito respeito, era uma homem bom. [...] Ele era meu compadre e quando vinha eu fazia de tudo pra agradar. Depois eu consegui uma televisão, aqui na cidade quase ninguém tinha, eu disse a ele que quase não tinha distração na cidade para os jovens e ele mandou vir de longe a televisão. Aí o povo assistia numa sala à noite, no horário que não tinha trabalho no armazém, mas tinha horário certo pra acabar.²⁵⁸

A ação solidária da entrevistada, como alguém que viabilizou estudo e lazer para a comunidade, demonstrava sua preocupação social, o que possivelmente deve ter aberto possibilidades de sua inserção política.

A dinâmica para administrar um armazém “não era fácil”, comenta a entrevistada, principalmente para uma mulher. Estar no comando, por vezes, faz com que as mulheres

²⁵⁷ Lúcia Borges Coni. 80 anos. Ex-administradora de armazéns de fumo. Entrevista já citada.

²⁵⁸ Ibidem.

tenham que tomar decisões com posturas ditas masculinas, com autoridade, o que necessariamente não as torna menos mulheres. As escolhas, as decisões devem ser pensadas racionalmente nas relações capitalistas, porém, não deverá permitir perder a sensibilidade, a dimensão ética e a importância de valores como amizade e o respeito. Assim, Dona Lúcia Coni afirmou:

Fiz muitos amigos, tenho muitos afilhados, têm tantos que eu nem conheço mais. Todo mundo me respeitava, eu tinha apoio dentro do armazém, dos mestres e dos funcionários. Eu também respeitava todo mundo, pagava certo, reconhecia os direitos, sempre gostei de ser correta. Mas, mesmo assim, as mulheres eram mais fáceis de lidar, elas entendem mais a outra.²⁵⁹

A entrevistada, além de trapicheira, exerceu os mandatos de vereadora e de prefeita da cidade, por duas vezes. Ela comentou sobre a dificuldade de administrar um município pobre com muitos problemas sociais, como o desemprego, principalmente com o fechamento dos armazéns de fumo e dos agroexportadores. Demonstrou preocupação com o futuro dos jovens, da importância das mulheres aprenderem a defender os direitos e tomarem o poder, principalmente o poder público e modificar a realidade. Assim, posicionou-se da seguinte forma:

Administrar o armazém era bom, difícil foi administrar o Almeida [município]. Você sabe que eu fui prefeita duas vezes, entrei na política com apoio dos amigos e do meu marido, fui vereadora e acabei enveredando pela política. Eu vejo que a cidade tem muitos problemas, eu ando muito preocupada com a juventude. Tá na hora das mulheres se manifestarem, tomar o poder, as mulheres são mais honestas, mais éticas, tem de deixar de ser tão acomodadas, botar esse município pra frente.²⁶⁰

As reflexões de Dona Lúcia Coni demonstram a preocupação com o futuro político do município, dimensiona a necessidade de um posicionamento feminino na política, e evidencia que as mulheres precisam intervir politicamente e construir um futuro mais promissor.

Assim, os aspectos dessas vivências apontam para um passado entrelaçado de significados que traz o lugar da experiência de mulheres que dominaram e foram dominadas, que reagiram ou se acomodaram, que gritaram ou se calaram, que fizeram das estratégias de resistências meios de sobrevivência, que trazem no corpo as marcas da luta, e através das redes de solidariedades construíram suas vidas e a vida dos seus filhos.

Este estudo aponta um cotidiano tenso e conflituoso, que se manifesta de várias maneiras, quando em alguns momentos as trabalhadoras aceitavam as regras impostas, num

²⁵⁹ Ibidem.

²⁶⁰ Ibidem.

processo de “conformismo” que pode significar uma tática de permanência no trabalho e até de sobrevivência, já que o desemprego era uma situação pior. Em outros momentos, conseguiram criar brechas de resistências, provocando embates diretos: “quando eu tinha minha razão ninguém tirava, eu sou da paz, mas não venha me fazer de besta, não!”²⁶¹ com forte entonação, pronunciou Dona Raimunda.

Havia o poder moderador das relações, daquelas que lutavam mesmo que silenciosamente. Assim, as mulheres não são desprovidas de poder, uma vez que ele também existe na capacidade de resistir, de se libertar mesmo que lentamente, com os “caprichos” da vida. A fragilidade ganha força e coragem, as queixas e dificuldades são superadas com a autovalorização, com o sentimento de ter vencido mesmo diante das adversidades.

²⁶¹ Raimunda Ribeiro Cunha. Entrevista já citada.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo acerca das memórias dos antigos trabalhadores e das trabalhadoras da atividade fumageira em Conceição do Almeida traduz o pensamento de que, dentro do cotidiano do trabalho e da produção, se definiram valores, se formaram conflitos e ações que desenharam a história de uma região, de uma cidade e, conseqüentemente, dos sujeitos ali inseridos.

Esta pesquisa resultou de um processo de investigação fundamentada a partir das experiências de vida e trabalho dos sujeitos que vivenciaram a atividade fumageira em Conceição do Almeida, os quais foram negligenciados por diversos estudos acadêmicos. Portanto, o enfoque pesquisado privilegiou os fragmentos das memórias desses trabalhadores, constituindo as imagens desse cotidiano através das recordações do trabalho na roça, nos armazéns de fumo e nos lares, seguindo o fio das diversas interpretações delineadas por esses sujeitos.

As entrevistas descortinaram histórias de vida marcadas por interesse diversos, permeadas por um campo simbólico de conflitos e de resistências, que estabeleciam olhares sobre a dinâmica do trabalho, elaborada a partir de uma cultura de sobrevivência material, que envolve relações capitalistas, divisões rígidas de gênero e classe.

As narrações do passado que, por vezes, desenhavam uma mitificação de um ideal de prosperidade, nas lembranças sobre ‘outro tempo’, delinearam um cotidiano, seus costumes e valores, direcionando as práticas e os modos de vida.

Assim, a partir deste trabalho, há de se dispensar uma atenção especial à história dos antigos trabalhadores e das trabalhadoras da atividade fumageira, tanto nos armazéns como na zona rural, que construíram suas vidas e de sua família, sendo necessário percebê-los como os principais agentes da sua própria história.

Ao fazer uma análise sobre as relações formadas na atividade fumageira, é perceptível que os trabalhadores e, principalmente, as mulheres vivenciavam conflitos, situações de submissões e dificuldades. Estavam divididas entre o trabalho no lar e o trabalho nos armazéns de fumo, possuíam uma enorme carga de trabalho e obrigações domésticas que lhes eram pertinentes, além da falta de tempo para o descanso e para o lazer.

Falar dos sujeitos, principalmente das mulheres, foi essencial nesta pesquisa. Primeiro, por se constituírem como mão-de-obra expressiva nesta atividade, excelentes narradoras, em sua maioria analfabetas, mas com grande sabedoria, lutando para proporcionarem uma vida

melhor para os filhos, proporcionando-lhes oportunidade de estudar e de transformar o destino. Os filhos constituíram a ligação profunda com o mundo, tornando-se a razão do enfrentamento das dificuldades.

A intensa utilização da força de trabalho feminina também reflete a exploração da mulher na atividade fumageira, na qual acentuam processos históricos vivenciados pelas mulheres, que condicionam os conceitos historicamente construídos, de que essas são submissas e conformadas, frágeis e coitadas.

Em meio a essas concepções procurei demonstrar as controvérsias desse cotidiano, percebendo o trabalho não como mera forma de exploração, mas, também, de superação, revelando como essas mulheres se rebelaram contra as situações a que foram expostas quando se utilizaram de estratégias e de ‘micro-poderes’, das malícias, reagindo contra as pressões masculinas dos maridos, dos mestres e dos patrões e até da própria sociedade.

Na luta contra os preconceitos e na busca de uma “emancipação”, o trabalho feminino foi fundamental por ser uma forma de autovalorização e de conquista. Possuir a casa própria, ter seu próprio dinheiro significou para essas mulheres a conquista da liberdade, da dignidade, proporcionou um sentimento de ‘estar no mundo’, substituindo as queixas pelo sentimento de “vitória”.

Busquei fazer um texto que não fosse meramente uma afirmativa, mas que trouxesse possibilidades de interpretações, para que as observações aqui feitas refletissem o significado das memórias, da história oral. No decorrer do exercício interpretativo das falas e das imagens, percebi as permanências e as mudanças, os silêncios, as singularidades e as pluralidades, bem como os pontos críticos e as ambigüidades, estabelecendo um olhar sobre o outro e, conseqüentemente, sobre mim mesma.

Pesquisar me permitiu observar essas experiências individuais e coletivas. Nessa perspectiva, o passado se apresentou afirmando certos atributos que conjugam imagens de um cotidiano que posso também rememorar. Essas imagens estão impregnadas da prática do trabalho, do plantio do fumo, dos interesses e estratégias, dando um significado maior que pode ser percebido nesse contexto, sendo necessárias, ainda, ampliações e novas discussões.

Este estudo traz alguns elementos da memória, da oralidade, da interpretação das condições de trabalho, das dificuldades, poderes, resistências, experiências de um passado que envolve o presente de maneira intensa nos modos de vida e de lutas. Histórias que se mantêm vivas nas lembranças de muitas mulheres: Marias, Margarida, Nair, Nita, Nice e outras, que dentro das minhas limitações e do meu olhar de Geógrafa tentei contar.

A pretensão deste texto foi estabelecer possibilidades de uma leitura em torno dos estudos aqui discutidos, estando aberto a críticas e reformulações, além de ampliações para desvendar o que ficou obscuro, pois constituí, aqui, um pouco do que a pesquisa histórica pode nos oferecer.

As entrevistas com essas mulheres simples e lutadoras fizeram emergir memórias preservadas, nas quais são reveladas as lembranças dos filhos, do trabalho pesado, das amizades, dos laços de solidariedades formados nessa vivência. Remetem, também, a sentimentos ambíguos como a força e a fraqueza, o medo e a coragem, o amor e o ódio, a submissão e a revolta, a derrota e a vitória, condicionados por seus caprichos. Assim, “compreendi que não sei quase nada, mas desconfio de muita coisa.” Por ora, encerro com um poema de minha autoria que creio resumir um pouco do que tentei expressar:

*Era uma vez matas, café, fumo e capim...
Índios, negros, brancos e senhores,
Assim se delineava essa paisagem.
Histórias, trajetórias, verdades e lendas
Homens de coragem e de peso
Mulheres de força, fé e sensibilidade
Um dia uma índia aqui chegou
Com braços firmes e sofridos
Arrancou a mata e fez-se a roça.
Um dia uma negra forra pra aqui foi trazida
A fogo e a ferro.
Plantou e colheu o café e a cana pra adoçar o amargo da vida.
Um dia nestas terras, uma mulata nasceu e cresceu
Plantou, colheu e beneficiou o fumo.
Era a lida, era a necessidade, era a vida
Labuta, malícia, dificuldades e carícias.
Ensinou o ofício as filhas
E as filhas ensinaram as outras filhas
Mas outros saberes se fizeram
E agora os instrumentos são outros
Ao invés da enxada - a caneta
Da folha de fumo - a folha do livro
Para que a vida fosse outra, menos sofrida, menos doída
E essa história fosse contada pra que nunca fosse esquecida.*

6. FONTES

ORAIS

Entrevistas com trabalhadores e trabalhadoras da atividade fumageira, moradores do município e agricultores:

Adalberto Cerqueira Magalhães, administrador de armazém de fumo, 62 anos, residente em Conceição do Almeida-BA. Entrevistado em 20 de dezembro de 2005, duração 80 minutos.

Andréa Pereira Ribeiro, professora, 38 anos, residente em Conceição do Almeida-BA. Entrevistada em 10 de março de 2010, duração: 50 minutos.

Arlindo Soares, trabalhador rural da atividade fumageira, 85 anos, residente na Fazenda Bom Jardim, Conceição do Almeida-BA. Entrevistado em 07 de julho de 2007, duração: 60 minutos.

Augusta dos Santos Barros, ex-trabalhadora do armazém de fumo, aposentada, 77 anos residente em Conceição do Almeida-BA. Entrevistada em 02 de dezembro de 2005, duração: 50 minutos.

Clemilda do Amor Divino, ex-trabalhadora do armazém de fumo, aposentada, 65 anos residente em Conceição do Almeida-BA. Entrevistada em 14 de dezembro de 2006, duração: 70 minutos.

Crispiniana Santos Maia, ex-trabalhadora do armazém de fumo, aposentada, 77 anos, residente em Conceição do Almeida-BA. Entrevistada em 14 de dezembro de 2005, duração: 60 minutos.

Democles de Jesus, ex-mestre de armazéns de fumo, aposentado, 83 anos, residente em Conceição do Almeida-BA. Entrevistado em 18 de janeiro de 2006, duração: 70 minutos.

Edna Nunes da Silva, ex-trabalhadora rural da atividade fumageira, 63 anos, aposentada, residente em Conceição do Almeida-BA. Entrevistada em 16 de dezembro de 2005, duração: 40 minutos.

Eunice Coelho Epifânio, ex-trabalhadora da atividade fumageira, aposentada, 65 anos, residia em Conceição do Almeida- BA. Entrevistada em 02 de março de 2007, duração 80 minutos. (Em memória)

Francisca do Carmo, ex-trabalhadora do armazém de fumo, 73 anos, residia em Conceição do Almeida-BA. Entrevistada em 26 de janeiro de 2006, duração: 60 minutos. (Em memória)

Isabel Fonseca Santos, ex-trabalhadora do armazém de fumo, aposentada, 75 anos, residente em Conceição do Almeida- BA. Entrevistada em 03 de agosto de 2006, duração: 60 minutos.

Laura Pereira de Jesus, ex-trabalhadora de armazéns de fumo, aposentada, 66 anos, residente em Conceição do Almeida-BA. Entrevistada em 20 de agosto de 2006, duração: 40 minutos.

Lúcia Borges Coni, ex-administradora de armazéns de fumo, ex-prefeita da cidade de Conceição do Almeida-BA, aposentada, 80 anos, residente na mesma. Entrevistada em 19 de maio de 2010, duração: 60 minutos.

Luzia Lima Caldas, ex-secretária de armazém de fumo, aposentada, 67 anos, residente em Conceição do Almeida- BA. Entrevistada em 25 de março de 2007, duração: 60 minutos.

Maria da Conceição Caldas Barros, professora e comerciante, 48 anos, residente em Conceição do Almeida-BA. Entrevistada em 18 de janeiro de 2007, duração 30 minutos.

Mariana Pinto da Silva, ex-trabalhadora rural da atividade fumageira, aposentada, 102 anos, residia em Conceição do Almeida-BA. Entrevistada em 20 de dezembro de 2005, duração: 60 minutos. (Em memória)

Marinalva dos Santos, ex-trabalhadora da atividade fumageira, professora, aposentada, 64 anos, residente em Conceição do Almeida-BA. Entrevistada em 16 de março de 2010, duração: 60 minutos.

Marina dos Santos, ex-trabalhadora da atividade fumageira, aposentada, 63 anos, residente em Conceição do Almeida-BA. Entrevistada em 16 de março de 2010, duração: 60 minutos.

Maria Margarida Nunes Santos, ex-trabalhadora da atividade fumageira, aposentada, 74 anos, residente em Conceição do Almeida-BA. Entrevistada em 16 de dezembro de 2005, duração: 50 minutos.

M^a Nilza de Jesus. (Dona Nita), ex-trabalhadora de armazéns de fumo, aposentada, 70 anos, residente em Conceição do Almeida-BA. Entrevistada em 02 de dezembro de 2005, duração: 80 minutos.

Manoel da Paixão de Jesus. (Macarrão), ex-trabalhador dos armazéns de fumo, aposentado, 65 anos, residente em Conceição do Almeida-BA. Entrevistado em 20 de agosto de 2006, duração: 40 minutos.

Nair Bispo dos Santos, ex-trabalhadora de armazém de fumo, aposentada, 70 anos, residente em Conceição de Almeida-BA. Entrevistada em 23 de janeiro de 2006, duração: 90 minutos.

Raimunda Ribeiro Cunha, ex-trabalhadora do armazém de fumo, aposentada, 73 anos, residente em Conceição do Almeida-BA. Entrevistada em 03 de dezembro de 2006, duração: 50 minutos.

FONTES IMPRESSAS

Anuário Estatístico da Bahia – Salvador: SEI 1960 a 2000.
 Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, XX Volume. Rio de Janeiro. 1958.
 CLT (Consolidação das Leis do Trabalho)

Periódicos:

Jornais que circulavam nas últimas décadas na região
 Jornal Correio da Bahia, 06 de agot.2000. Edição Repórter

INSTITUIÇÕES:

BPEB: Biblioteca Pública do Estado da Bahia. Salvador-BA:
 Jornal Correio da Bahia, 06 de agost.2000. Edição Repórter. p. 06. Acervo de Jornais da Biblioteca Central, Salvador-BA.

Arquivo Público de Cachoeira-BA

APEBA: Arquivo Público do Estado da Bahia:
Anexos e Regulamentos do Instituto Bahiano do Fumo e outros. Arquivo Público do Estado da Bahia, Salvador-Bahia, Brasil. Maço 149. Cx. 2378, Doc. 557, Série Decretos, Seção: Republicana.
Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, XX Volume. 1958. Arquivo Público do Estado da Bahia, Salvador-BA, Brasil. Acervo Biblioteca do Arquivo.

Arquivo pessoal do memorialista Geraldo Coni Caldas, no qual há documentação sobre a História do município.

SENPLANTEC, CONDER.

Censos Demográficos de 1970, 1980, 2000 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

SEAGRI. Secretaria da Agricultura, Irrigação e Reforma Agrária.
 Estudos sobre: Análise Global da Economia Baiana: Diagnóstico.
 Federação das Indústrias do Estado da Bahia

Prefeitura Municipal de Conceição do Almeida-BA

Sindicatos:

Atas e fichas de registro do sindicato dos trabalhadores rurais do município de Conceição do Almeida e região.

Armazéns de fumo ainda existentes na cidade

Agro-exportadoras que existem na Região

SINDIFUMO: Sindicato do Fumo

ICONOGRAFIAS:

SANTOS, Bartolomeu dos. Década de 1960. Armazém de fumo C.C. Caldas em Conceição do Almeida-BA.

MAIA, Sora. Jornal Correio da Bahia, 06/08/2000. Edição Repórter p. 06. Acervo de Jornais da Biblioteca Pública do Estado da Bahia. Salvador-BA.

SANTOS, Manoel da Conceição. Década de 1970. Armazém de fumo C.C. Caldas em Conceição do Almeida-BA.

TUPINAMBÁ, Kleber Caldas. Acervo particular. Conceição do Almeida-BA.

Arquivos fotográficos:

- Arquivo Público do Estado da Bahia, Salvador-Bahia, Brasil. Maço 149 Cx. 2378, Doc. 557. Série: Fotografia sobre a cultura do fumo. Quantidade 18 fotos. Seção Republicana. Década de 1935 a 1942.

- Acervo Particular de Hugo Mascarenhas Filho. Localização das fontes: Conceição do Almeida-BA.

- Acervo Particular de Geraldo Coni Filho. Localização das fontes: Conceição do Almeida-BA.

- Acervo particular de Manoel da Conceição Santos. Localização das fontes: Conceição do Almeida-BA.

- Imagens cedidas por entrevistadas, arquivos pessoais. Localização das fontes: Conceição do Almeida-BA.

7. REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. História dentro da História. In: PINSKY. Carla Bassanizi, *Fontes Históricas*. (Org.). São Paulo: Contexto, 2006.
- ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. *A Invenção do Nordeste e Outras Artes*. São Paulo: Cortez, 1999.
- ALVES, Branca Moreira. *O que é feminismo*. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- BAHIA. *Os “novos mundos rurais” baianos*. Salvador: SEI, 1999.
- BARICKMAN, B. J. *Um Contraponto Baiano: açúcar, fumo, mandioca e escravidão no Recôncavo: 1788-1860*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BARROS. José D’ Assunção. *Cidade e História*. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- _____. História e Memória - Uma relação na confluência entre tempo e espaço. *Mouseio*. Vol.3, jan-jul/2009. Disponível em: <<http://www.unilasalle.edu.br/museu/mouseion/historia>>. Acesso: em mar. de 2010.
- BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1949.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BORGES, Vavy Pacheco. *O que é história*. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças dos Velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- _____. *O Tempo Vivo da Memória. Ensaios de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- BRANDÃO, M^a de Azevedo. (Org.) *Recôncavo da Bahia. Sociedade e economia em transição*. Salvador: Casa de Jorge Amado/ Academia de Letras da Bahia/ UFBA, 1998.
- BRUCHINI, Cristina. *O trabalho da mulher no Brasil: tendências recentes*. In Anais do III Encontro de Estudos do trabalho. São Paulo: ABET, 1994. Vol.1
- BURKE, Peter. *História como memória social*. In: *Variedades de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- CALDAS, Alberto Lins. *Oralidade texto e História. Para ler a história oral*. São Paulo: Loyola, 1999.

CALDAS, Geraldo Coni. *Conceição do Almeida; Minha Terra, Minha Gente – Memórias*. Salvador: Mensageiros da Fé – 1974.

CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARDOSO, Ciro Flamarion e Vainfas Ronaldo (Org.). *Ensaio de Teoria e Metodologia Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campos, 1997.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1996.

CHAUÍ, Marilena. *Conformismo e Resistência: Aspectos da Cultura Popular no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CHAVEAU, Agnes e TÉTARD, Philippe (Orgs). *Questões Para Uma História do Presente*. São Paulo: EDUSC, 1999.

CORRÊA, Roberto Lobato. *Região e Organização Espacial*. São Paulo: Ática, 1995.

COUTINHO, M^a Lúcia Rocha. *Tecendo por trás dos panos: A mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Rocco. 1994.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. História Oral e Narrativa: Tempo, memória e Identidades. *Projeto História*, PUC. São Paulo: EDUSC, n. 06. 2003.

DEL PRIORE, Mary. *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto. 2001.

_____. *História das Mulheres: as vozes do silêncio*. São Paulo: Contexto. 1988.

DIAS, M^a Odila Leite Silva. *Quotidiano e Poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Brasiliense. 1995.

_____. Hermenêutica do Quotidiano na Historiografia Contemporânea. Trabalho da Memória. Revista *Projeto História*. n. 17. São Paulo: EDUC-PUC, novembro de 1998.

DOSSE, François. *A oposição História/Memória*. In: _____. *História e Ciências Sociais*. Bauru: EDUSC, 2004.

ESTRELA, Ely Souza. *Os Sampauleiros: Cotidiano e representações*. São Paulo: Humanistas FFLCH/ USP: Educ. 2003.

FAGUNDES, Tereza Cristina Carvalho. *Ensaio sobre identidade e gênero*. Salvador: Helvécia, 2003.

FLAMARION, Ciro e VAINFAS, Ronaldo (Org.). *Domínios da História - Ensaio de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

- _____. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- _____. *História da Sexualidade 2: O uso dos Prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- GONÇAVES, Andréa Lisly. *História & Gênero*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.
- HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- HAESBAERT, Rogério C. *Morte e vida da região: antigos paradigmas e novas perspectivas da Geografia Regional*. In: _____SPOSITO, Eliseu S. (org.). *Produção do Espaço e Redefinição Regionais: Construção de uma temática*. Presidente Prudente: UNESP/GASPERR, 2005.
- HELLER, Agnes. *O Cotidiano e História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- _____. *Para mudar a vida*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- HILL, Bridget. Para onde vai a História da Mulher? História da mulher e história social – juntas ou separadas? In: *Varia História*. Belo Horizonte, nº 14, set/1995.
- HOBSBAWM, Eric J. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- _____. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. São Paulo: Ateliê, 2001.
- LACOSTE, Yves. *Geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*. Campinas: Papirus, 1988.
- LE GOFF, Jaques. *A História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- _____. *História e memória*. Campinas: Editora Unicamp, 2003.
- LUZ, France. *O trabalho da mulher no direito brasileiro*. São Paulo: LTR, 1984.
- MARTINS, José de Souza. *A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala*. São Paulo: Contexto, 2008.
- MARX, Karl. *O Capital*: edição resumida por Juliane Borchardt. Rio de Janeiro: Guanabara, 1980.
- MAUAD, Ana Maria. O olho da história: análise da imagem fotográfica na construção de uma memória sobre o conflito de Canudos. *Revista do Arquivo Nacional*. Acervo Rio de Janeiro, Vol. 6, n. 1 jan./dez. 1993.

MELLO, Sylvia Leser de. *Trabalho e Sobrevivência: Mulheres do campo e da periferia de São Paulo*. São Paulo: Ática, 1988.

MEIRELES, Cecília. *Poesia Completa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

MONTENEGRO, Antônio Torres. *História Oral, memória e cultura popular revisitada*. São Paulo: Contexto, 1992.

NARDI, Jean Baptiste. *O Fumo do Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Brasiliense 1987.

NEVES, Erivaldo Fagundes. *História Regional e Local: Fragmentação da história na crise da modernidade*. Feira de Santana: UEFS, Salvador: Arcádia, 2002.

NEVES, Lucilia de Almeida. *Jardim do Tempo*. Belo Horizonte: Del Rey, 1999.

NORA, Pierre. Os Lugares da Memória. História e Cultura. *Projeto História*. São Paulo: EDUSC. n.10, PUC, 1994.

_____. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, n.10, PUC/SP, 1993.

OLIVEIRA, Ana M^a Carvalho dos Santos, *Recôncavo Sul, Terra homens economia e poder no século XIX*. Salvador: Editora da UNEB, 2002.

OLIVEIRA, Lucia Marisy Souza Ribeiro. *Dois Anos em Um: A realidade do Cotidiano Feminino*. Salvador: Secretaria do Trabalho e Ação Social. 1983.

OLIVEIRA, Eleonora Menicucci. *A mulher, a sexualidade e o trabalho*. São Paulo: Hucitec/CUT, 1999.

PAVIANI, Aldo. *Dinâmica regional e os desafios para a regionalização*. Boletim de Geografia Teórica. Rio Claro, v. 22, n 43/44, 1992.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da História: Operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. *Minha História das Mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru-SP: EDUSC, 2005

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: Visões literárias do urbano - Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 2002.

PIMENTEL FILHO, Júlio. Os muitos tempos da memória. *Projeto História*, n.17, PUC. São Paulo: Educ, 1998.

PINSKY, Carla Bassanizi. *Fontes Históricas*. (Org.). São Paulo: Contexto, 2006.

POLLAK, Michael. Memória, Silêncio, Esquecimento. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, n.03, 1989.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre ética e história oral. *Ética e História Oral. Projeto História*. São Paulo: EDUSC PUC/SP, nº. 15. abri/ 1997.

_____. A Filosofia e os Fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. In: *Tempo 2*. Rio de Janeiro: Relume- Dumará, dez/ 1996.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Relatos orais: do 'indizível ao dizível*. In:____ SIMSON, Olga Moraes Von (org.). *Experimentos com histórias de vida*. São Paulo: Vértice: Revista dos Tribunais, 1988.

QUEIROZ, Fernando Pinto de. *A Capela do Padre Mateus*. Feira de Santana: Sagra, 1995.

RAGO, Margareth. Trabalho Feminino e Sexualidade. DEL PRIORE. Mary. (Org.) *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2001.

RICOUER, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

SAFFIOTI. Heleieth Iara Bonogiovani: *A mulher na sociedade de classe. Mito e Realidade*. São Paulo: Quatro Artes, 1969.

SARDENBERG. Cecília Maria Bacellar. (Org.). *A face feminina do complexo metal mecânico: mulheres metalúrgicas no Norte/Nordeste*. Salvador: UFBA/FFCH/NEIM; REDOR: São Paulo; CNM/CUT, 2004.

_____. *Mulheres e sindicatos: Presença Feminina no Sindtêxtil-Ba nos anos 50*. Fazendo Gênero Baiano. Salvador: NEIM/ UFBA. 2001.

SANTANA, Charles d' Almeida. *Fatura e Ventura, Camponeses, Trabalho, Cotidiano e Migrações da Bahia: 1950-1980*. São Paulo. Annablume, 1998.

SANTOS, Milton. *A Rede Urbana do Recôncavo*. IN: Brandão, Maria de Azevedo (org).Recôncavo da Bahia. Sociedade e Economia em Transição. Salvador. AAB/ UFBA. 1997.

_____. *A totalidade do Diabo*. São Paulo: Contexto/ HUCITEC, nov. 1997.

_____. *A natureza do espaço*. São Paulo: EDUSP, 2002.

SCOTT, Joan W. *Entrevista dada a revista Estudos Feministas*. Rio de Janeiro: IFCS (UFRJ). v.8, nº1, 1998.

_____. *História das Mulheres. A escrita da História: Novas Perspectivas/ Peter Burke (org.)*. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

SEIXAS, Jacy Alves de. *Percurso de memórias em terra de História: Problemas atuais*. BRESCIANI, Stela. (Org.) *Memória e (res) sentimentos: Indagações sobre uma questão sensível*. Campinas-SP: Editora UNICAMP, 2004.

SONTAG, Susan. *Ensaio sobre a fotografia*. In:____ *Na caverna de Platão*. Rio de Janeiro: Arbor, 1981.

SOUZA, Edinéia M^a. Cruzando Memórias e espaços de culturas. Dom Macedo Costa-Bahia (1930-1960). *Projeto História*. São Paulo: PUC. n.18. maio/1999.

SILVA, Elizabete Rodrigues da. *Fazer Charutos: Uma Atividade Feminina*. Dissertação de Mestrado. Salvador-Ba, UFBA. 2001.

SOIHET, Rachel. *Enfoques feministas e a História: desafios e perspectivas*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. 1997.

SUPLICY, Marta. *Condição da Mulher – Amor, Paixão e Sexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

THOMPSON, E. P. *A Formação da Classe Operária: A Árvore da Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. *Costumes em Comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, Paul. *A voz do Passado: História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

THOMSON, Alistair. Reconstituo a Memória: Questão sobre a relação da entre História Oral e as Memórias. *Ética e História Oral*. *Projeto História*, n.15, PUC. São Paulo, abri/1997.

VERGER, Pierre. *O fumo da Bahia e o tráfico dos escravos do Golfo de Benin*. Salvador CEAD Nº 6, Série Estudos. UFBA. Centro de Estudos Afro-Orientais, 1966.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a História? E Foucault revoluciona a História*: Brasília: Editora UNB, 1999.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo (Org.) *A pesquisa em História*. São Paulo: Ática, 2003.

WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

WEIL, Simone. *A condição operária e outros estudos sobre opressão*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

XIMENES, Sérgio. *Minidicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: Ediouro, 2000.

Referências Eletrônicas

NEIM: Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher: www.neim.ufba.br/site

PAGU: Núcleo de Estudos de Gênero: www.unicamp.br/pagu/site

Revistas de Estudos Feministas: www.scielo.br/site

IBGE CIDADES: www.ibge.gov.br/cidades

ACIDENTES NO TRABALHO OU DOENÇAS PROFISSIONAIS

FÉRIAS

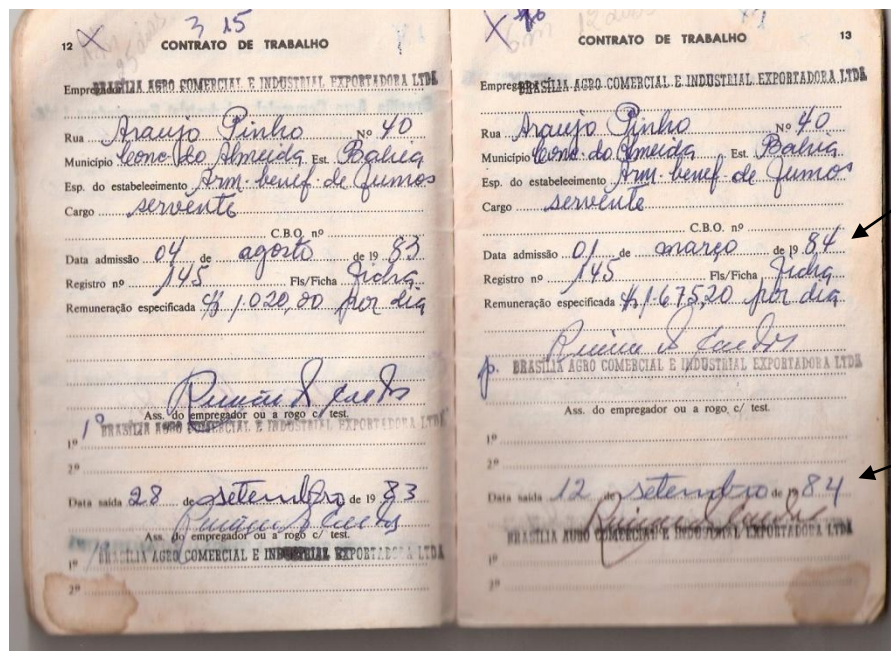
Relativas ao período de: _____ Gozadas no período de: _____

Recebeu a imp. de NC\$11,04 ref. a 1967
 Recebeu a imp. de NC\$12,04 ref. a 1968
 Recebeu a imp. de NC\$15,07 ref. a 1969
 Recebeu a imp. de Cr\$15,86 ref. a 1970

ALTERAÇÕES DE SALÁRIO			OBSERVAÇÕES	
Ano	Mês	Importância		
968	Maio	2,64	968 - Readmissão 13/05/68 - Saída 23/08/68	
969	Junho	3,20	969 - Readmissão 02/06/69 - Saída 19/07/69	
970	Maio	4,16	969 - Readmissão 01/09/69 - Saída 01/10/69	
			970 - Readmissão 18/05/70 - Saída 18/07/70 - Optou pelo F.d.T.S.	
				Em: 18/05/970

Carteira de trabalho de Dona Raimunda Ribeiro Cunha²⁶². Assinada na década de 1980, período em que trabalhou nos armazéns de fumo. Mostrando o curto período em que a trabalhadora permanecia com a carteira assinada e os direitos trabalhistas garantidos. Fato esse rotineiro aos trabalhadores da atividade fumageira.

²⁶² Raimunda Ribeiro Cunha. Ex-trabalhadora do armazém de fumo, aposentada. 73 anos. Conceição do Almeida-BA. Entrevistada em 03 de dezembro de 2006. Duração: 50 minutos.



Decreto da criação do Instituto Bahiano de Fumo em 1935²⁶³.

²⁶³ Arquivo Público do Estado da Bahia, Salvador-Bahia, Brasil. Maço 149 Cx. 2378, Doc. 557. Série: Documentos sobre a cultura do fumo. Seção Republicana. Década de 1935 a 1942.

DECRETO N.º 9.409 DE 16 DE MARÇO DE 1935.

CRÊA O INSTITUTO BAHIANO DO FUMO E DAS OUTRAS
PROVINCIAS.

O GOVERNADOR FEDERAL DO ESTADO DA BAHIA, no uso de suas atribuições;
considerando que a lavoura de fumo da Bahia representa uma das mais
antigas e legítimas fontes de riqueza do Estado;
considerando ser imperiosa a necessidade de uma serie de medidas a-
propriadas á sua modernização e melhor aparelhamento economico;
considerando a situação de miséria social e economica em que se con-
serva a quasi totalidade de pequenos productores, por falta de medidas de
amparo e incentivo ao seu melhoramento moral e material;
considerando ser dever precipuo do Estado cuidar do bem estar de to-
dos os obreiros de sua riqueza, por menores que sejam, e do amparo e fomen-
to das fontes da riqueza publica;
considerando, finalmente, que toda obra economica moderna deve con-
gregar os productores, como colaboradores conscientes e cooperadores ac-
tivos,

D E C R E T A:

Art.º 1.º - Fica, nesta data, creado o INSTITUTO BAHIANO DO FUMO, o
qual é considerado de utilidade publica, terá personalidade juridica e sé-
de na Capital do Estado.

Art.º 2.º - O Instituto terá por objectos:

- a) promover a prosperidade da lavoura de fumo no Estado da Bahia e
sua melhor organização economico-social;
- b) proceder aos estudos tecnico experimentaes relacionados com a
selecção e melhoramento das variedades de fumo cultivadas na Bahia, acclí-
matação e obtenção de novas variedades, processos de cultura, colheita, mu-
tação, fermentação e embalagem, mantendo as necessarias Estações Experimen-
taes e laboratorios;
- c) tomar a seu cargo a distribuição obrigatoria de sementes seleccio-
nadas produzidas nas suas estações experimentaes e em campos de demonstra-
ção, ou cooperação;

-2-

d) fomentar entre os lavradores o desenvolvimento da pequena criação e de culturas outras que concorram para uma bôa organização da economia rural e para melhor aproveitamento do sôlo;

e) diffundir entre os lavradores, por todos os meios praticos e eficientes, inclusive pela criação de campos de demonstração ou cooperação, as melhores normas culturais a adoptar;

f) dar tribuir premios aos lavradores que mais se distinguirem annualmente na melhoria de suas lavouras e productos;

g) construir em todos os pontos convenientes armazens modelos para a cura, fermentação e acondicionamento da produção bem como qualquer outro aparelhamento exigido pelas culturas a que se refere a letra d;

h) promover, sobretudo entre os pequenos lavradores, a pratica local do cooperativismo de credito, consumo e produção;

i) facilitar aos lavradores, e ás suas cooperativas, a aquisição vantajosa de machinas e utensilios agricolas, adubos e insecticidas, bem como a construção da aparelhagem necessaria a uma melhor cultura, mediante o seu financiamento a prazos convenientes;

j) promover o melhoramento das condições de vida e bem estar dos pequenos lavradores, e fixa-los ao sôlo, mediante a sua installação em lotes de terreno até o maximo de 25 hectares, convenientemente aparelhados, e vendaveis em prestações dentro do prazo de cinco a dez annos, sendo-lhes applicado o regimen do homestead;

k) fazer a aquisição dos terrenos necessarios á fixação dos pequenos lavradores, conforme o determinado na letra j, e, onde necessario, pro por ao Governo do Estado a desapropriação, por utilidade publica, de até vinte por cento da arêa inaproveitada de propriedades excedentes de cem hectares que não estejam sendo directamente cultivadas ou utilizadas pelos respectivos proprietarios na proporção de, pelo menos, cincoenta por cento (50 %);

l) fazer aos lavradores adiantamentos a prazo curto, destinados ao custeio de suas lavouras e movimentação de suas safras, com o penhor de sua colheita ou outras garantias julgadas absolutamente idoneas pelo Instituto;

m) organizar serviços de informações commerciaes, estatisticas e

-3-

propaganda do fumo da Bahia, dentro e fóra do país, e, quando necessario, dos demais productos a que se refere a letra D, bem como editar as publicações necessarias e promover concios e exposições;

n) construir no porto da Bahia um armazem devidamente aparelhado para a conservação do tabaco e sua immunização, no qual poderá ser feita a warentagem do producto;

o) organizar e fiscalizar os typos de commercio e exportação;

p) receber em consignação bem como comprar e vender fumo e outros productos no país e no estrangeiro, realisando as transacções correlatas e affixando, onde conveniente, informações commerciaes e as cotações legitimas do producto, dentro do jogo normal dos factores economicos;

q) propôr aos poderes publicos as medidas de caracter governamental definitivas, ou de emergencia, necessarias ao desenvolvimento e amparo da lavoura e á collimação das finalidades visadas pelo Instituto;

r) executar as medidas officiaes que lhe são attribuidas por este decreto e outras que venham a ser decretadas pelos poderes publicos, de accordo com o estatuido na letra g);

s) promover por todos os meios ao seu alcance, inclusive pela participação directa em organizações, ou empresas, destinadas a tal fim, o desenvolvimento da lavoura e respectiva industria e o progresso moral e material dos lavradores de fumo, especialmente no que tange ao barateamento dos transportes e á assistencia educacional e sanitaria.

§ unico - São vedadas ao Instituto as transacções visando valorizações puramente artificiaes.

Artº 3º - Compete especificamente ao Instituto:

a) organizar os typos commerciaes de fumo, fiscalizar e sua rigorosa observancia e requerer o embargo de qualquer carregamento para o exterior, que não esteja de accordo com o respectivo certificado de classificação;

b) cohibir quaesquer fraudes ou praticas detrimenteas ao bom nome do producto;

c) o fornecimento exclusivo, ou mediante sua permiasão e rigorosa fiscaliação de sementes de fumo para plantio nas zonas por elle determinadas;

§ 1º - O Instituto proporá ao Governo, para sua aprovação, as regulamentações e sanções necessárias ao cumprimento deste artigo.

§ 2º - Os serviços de que trata a letra g poderão ser feitos em colaboração com a Bolsa de Mercadorias da Bahia, Associação Commercial e com os órgãos competentes do Ministerio da Agricultura.

Artº 4º - O Instituto Bahiano de Fumo disporá de ampla autonomia administrativa e financeira e terá os seguintes órgãos constitutivos:

a) Conselho de Lavradores Associados ✓

b) Conselho Directivo ✓

c) Administração Geral ✓

Artº 5º - O Conselho de Lavradores Associados será composto dos lavradores que tiverem inscripto suas propriedades no registro social do Instituto e pago a respectiva quota-capital.

§ 1º - Poderão ser inscriptos no Instituto as propriedades rurais no Estado da Bahia em exploração effectiva cuja produção de fumo constitua um minimo de vinte por cento (20%) do valor medio de sua produção agricola.

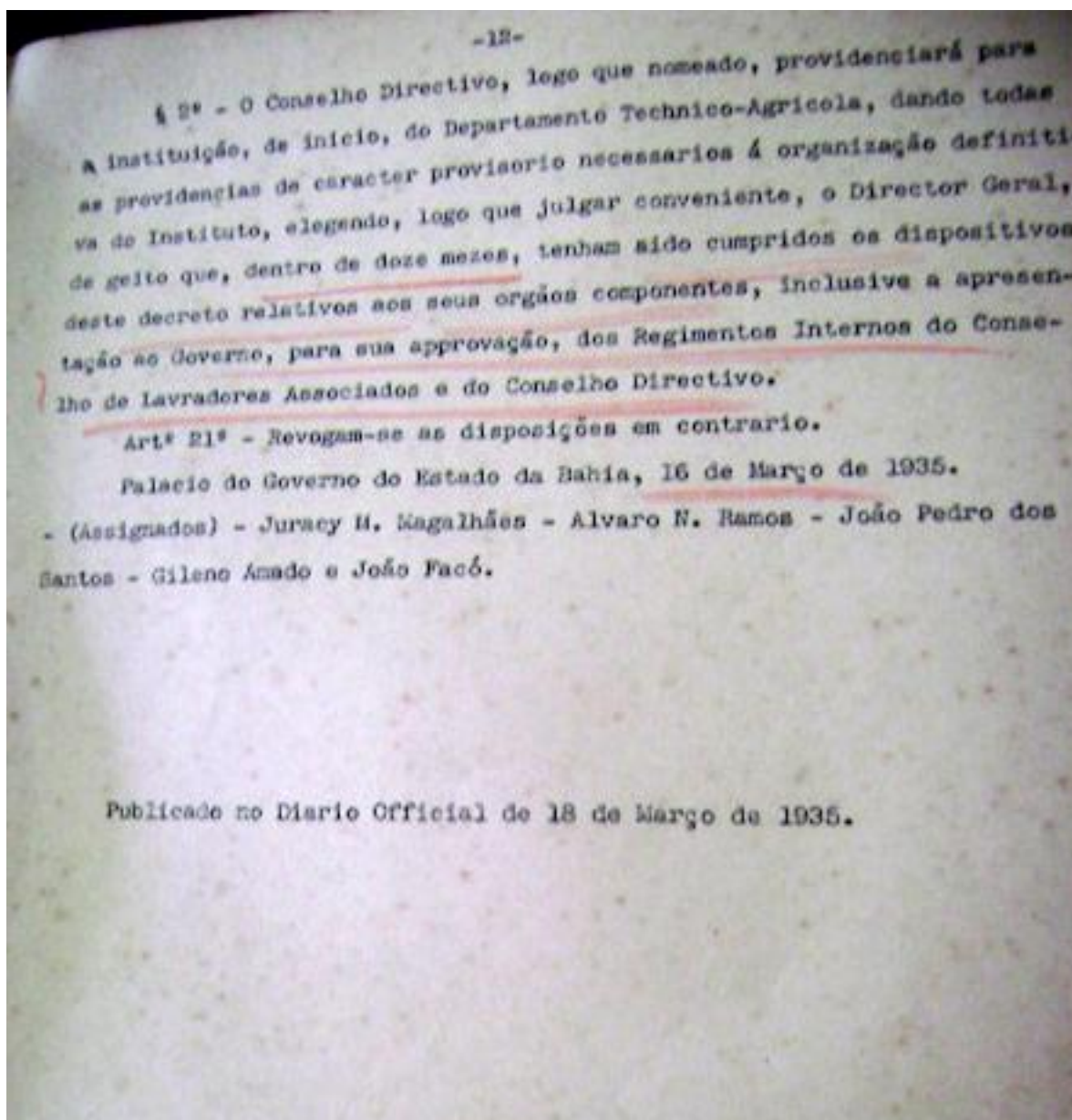
§ 2º - A quota capital de cada propriedade será de cem mil reis (100\$000) para as de area até cem (100) hectares, de duzentos mil reis (200\$000) para as de cem a duzentos (100 a 200) hectares e de trezentos mil reis (300\$000) para as de mais de duzentos (200) hectares, podendo a sua realização ser feita de uma só vez, ou em duas successivas prestações annuaes de cinquenta por cento (50%).

§ 3º - Os lotes vendidos em prestação, de que trata o artº 2º, letra j, serão, de inicio, inscriptos no Instituto, na mesma base que as demais propriedades de igual area, sendo a importancia da respectiva quota-capital incluída no preço de venda.

§ 4º - Sendo desmembrada qualquer propriedade registrada, as suas partes serão inscriptas individualmente de accordo com o § 2º.

§ 5º - As quotas-capital não são negociaveis, nem podem ser alienadas, ou restituídas acompanhando as propriedades a que correspondem em todas as mutações do respectivo dominio.

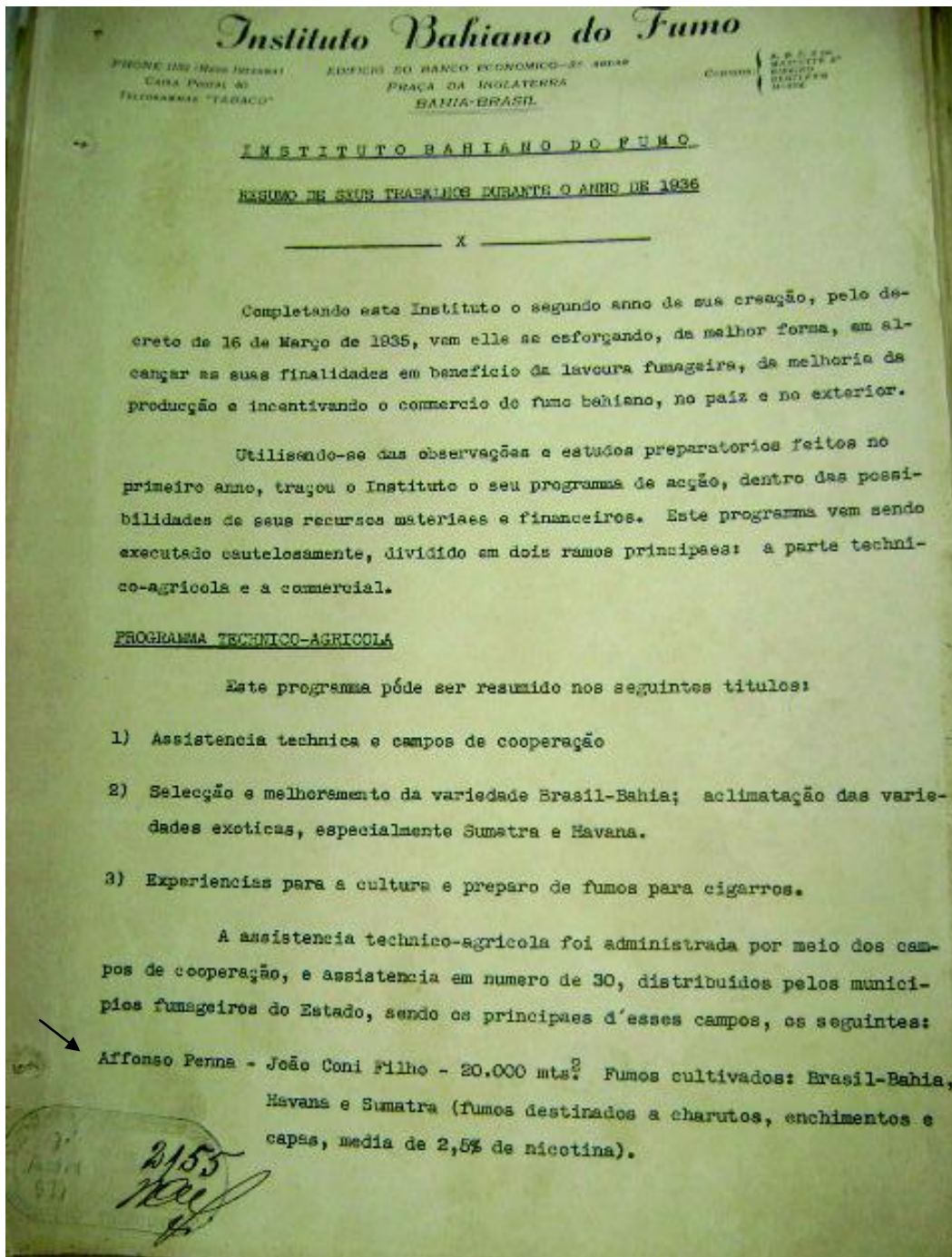
§ 6º - As propriedades inscriptas que deixem de ser cultivadas durante um anno, nas quaes se abandone a cultura do fumo, serão devidamente



Resumo dos trabalhos realizados pelo Instituto Bahiano de Fumo em 1936.²⁶⁴

Destaca as ações do Instituto na melhoria da produção fumageira, a partir dos incentivos financeiros e técnicos. Refere-se no final da página a Affonso Penna (Conceição do Almeida) e os investimentos ocorridos no município.

²⁶⁴ Arquivo Público do Estado da Bahia, Salvador-Bahia, Brasil. Maço 149 Cx. 2378, Doc. 557. Série: Documentos sobre a cultura do fumo. Quantidade 18 fotos. Seção Republicana. Década de 1935 a 1942.



Instituto Bahiano do Fumo

PRIMEIRO DE ABRIL DE 1936
CASA Nº 100 - 101
TELEFONOS "TABACO"

AGÊNCIA DO BANCO ECONOMICO DO BRASIL
PRACA DA INGLATERRA
BAHIA-BRASIL

Comunicação Nº 100
1000
10000

- Castro Alves - José Brandão Torres - 22.172 mts.² (12 tarafas). Fumos culti-
vados: Herzegovina, Persucian, Sumatra - S. Paulo e Brasil-Ba-
hia.
- Santa Inez - Atilio Tripodi - 21.000 mts.² Fumos cultivados: Brasil-Bahia,
Xanthi-Yaká, Herzegovina e Persucian.
- Serrinha - Prefeitura Municipal (Prefeito Dr. André Falcão) 20.000 mts.²
Fumos cultivados: Brasil-Bahia, Perustitza, Herzegovina e Su-
matra.

Os resultados alcançados foram animadores, tendo impressionado os
próprios lavradores que de descrentes que eram, na sua maioria, passaram a
ser entusiasticos colaboradores das novas practicas introduzidas pelos te-
chnicos do Instituto.

Assim, apesar da assistencia tecnica ter sido fornecida a reduzi-
do numero de lavradores, quasi limitada aos campos de cooperação e assistencia,
os processos aconselhados foram divulgados e bem acceitos por grande numero de
cultivadores, que puderam verificar, practicamente, os defeitos dos methodos
retineiros até então usados.

Para a selecção de sementes e consequente melhoria da variedade
Brasil-Bahia foram aquelles serviços tecnico-agricolas de grande utilidade,
porquanto, proporcionaram a produção de sementes para novas culturas que ga-
rantirão a produção de qualidades finissimas, de material racionalmente sele-
ccionado, inclusive variedades estrangeiras diversas, com franca tendencia de
acclimação.

Pelo resumo estatístico abaixo poder-se-a verificar o resultado
quantitativo da produção de sementes de fumo, em 1936, nos campos do Institu-
to Bahiano do Fumo.

Lista dos municípios produtores de fumo, destacados pela importância, a safra em quilos, no ano de 1926²⁶⁵.

Destacando Affonso Penna (Conceição do Almeida) como segundo maior produtor de fumo da Bahia naquele período. Marca expressiva do discurso de progresso da cidade.

MUNICIPIOS PRODUTORES DE FUMO, PELA SUA IMPORTANCIA, SAFRA	
EM KILOS, NO ANNO DE 1926.	
	Kilos
Feira de Sant'Anna.....	3.550.000
Affonso Penna.....	1.750.000
Cruz das Almas.....	1.650.000
Santo Antonio de Jesus.....	1.550.000
Aréia.....	1.450.000
Amargosa.....	1.450.000
Sant Anna de Catá.....	1.350.000
Alagoinhas.....	1.250.000
S. Felipe.....	1.050.000
Jequié.....	900.000
S. Amaro.....	720.000
S. Estevam de Jacuipé.....	710.000
Monte Alegre.....	700.000
Sao Gonçalo dos Campos.....	680.000
Jaguaraquara.....	600.000
Cachoeira.....	560.000
Inhambupe.....	460.000
Serrinha.....	440.000
Muritiba.....	400.000
Castro Alves.....	395.000
Mundo Novo.....	390.000
Fajuca.....	385.000
Maracás.....	370.000
Itaberaba.....	340.000
Capivary.....	330.000
Camisão.....	310.000
Lage.....	280.000
Jequiriçá.....	255.000
S. Miguel.....	250.000
Santa Ignês.....	190.000
S. Felix.....	180.000
Riachão de Jacuipé.....	162.000
Taperoá.....	150.000
Baixa Grande.....	145.000
Condeuba.....	125.000
Irará.....	115.000
Bãa Nova.....	105.000
Entre Rios.....	100.000
Conceição de Coité.....	100.000
Barreiras.....	99.100
Aracy.....	98.000
Bocaim.....	96.000
Nazareth.....	95.000
Queimadas.....	95.000
Maragogipe.....	90.000
Campe Formoso.....	80.000
Conquista.....	80.000
Angical.....	75.000
Remédios.....	70.000
Valença.....	65.000
Santarem.....	50.000
Coração de Maria.....	45.000
Conde.....	40.000
Santo Antonio da Gloria.....	40.000
Barracão.....	38.000
Sant'Anna dos Brejos.....	35.000
Soure.....	35.000
Rincho de Sant'Anna.....	35.000
	33.000

²⁶⁵ Arquivo Público do Estado da Bahia, Salvador-Bahia, Brasil. Maço 149 Cx. 2378, Doc. 557. Série: Documentos sobre a cultura do fumo. Quantidade 18 fotos. Seção Republicana. Década de 1935 a 1942.

	Kilos	
Fações.....	30.000	repre
Monte Santo.....	30.000	1 fa
Encruzilhada.....	29.000	los
Caraga.....	28.000	e
Tucano.....	28.000	nde
Aspero.....	25.000	res
Morro do Chapéu.....	25.000	
Niccol Calmon.....	20.000	
Cinco Santos.....	18.500	
Jacobina.....	18.000	
Brotas de Macabubas.....	17.000	
Geremoabo.....	15.000	
Urandy.....	14.000	
Romão.....	12.000	
Pombal.....	10.000	
Andaraí.....	10.000	
Ruy Barbosa.....	10.000	
Joaquim.....	9.000	
Oliveira de Brejinho.....	7.000	
Juazeiro.....	6.000	
Villa Rica.....	6.000	
S. Francisco.....	27.650.500	

N.B. - Esta estatística organizada pelo Serviço de Estatística do Estado, compreende os fumos em folha, tipo exportação para o estrangeiro e os fumos de corda quasi todos consumidos no país.

Para uma colheita média na Bahia, de 400.000 fardos, pode-se calcular por zona:

	Fardos	Correspondentes a hectares
Feira de Sant'Anna.....	50.000	1.600
Alagoinhas.....	45.000	1.500
S. Gonçalo.....	20.000	500
Matta e Matta Acatungada.....	130.000	5.000
Matta de Santo Antonio.....	30.000	1.200
Catinga de Nazareth.....	80.000	2.500
Bertas de Curralinho.....	45.000	1.500
	400.000	

Todo o fumo cultivado na Bahia é de especie Nicotina Tabacum var. Brasiliensis que tem folhas estreitas e sem petiolo, e flores cor de rosa.

O campo de fumo de S. Gonçalo, do Governo Federal, cultiva fumo especialmente para semente, e d'esta faz distribuição aos lavradores do Estado.

A variação dos diversos tipos de fumo produzidos no Estado, é devido ás condições locais de clima, qualidade das terras, metho-

A classificação do fumo:

dos de cultura, colheita e beneficiamento.

N.B. - Os tipos de Matta, fumos seccos em telheiros representam apenas, cerca de 180 mil fardos, os restantes 220 mil fardos de 60 kilos, são de fumos seccos ao tempo, mal fermentados e muito lucraríam si fossem beneficiados como os de S. Gonçalo e Cruz das Almas, tendo os proprietarios telheiros com capacidade suficiente para seccar os fumos de sua lavra e dos seus moradores os rendeiros.

PERCENTAGEM DAS CLASSES DE FUMO N'UMA SAFRA MEDIA

Fumos fortes	Finos	(Altos	(60%	
		(Baixos	(3a/3a3a.	25%
	Portes	(Altos	(40%	
		(Baixos	(3a/3a3a.	30%
Fumos suaves	Finos	(Altos	(60%	
		(Baixos	(3a/3a3a.	30%
	Medios	(Altos	(40%	
		(Baixos	(3a/3a3a.	40%
Ordinarios	(Altos	(20%		
	(Baixos	(3a/3a3a.	40%	
				(Folhas defeituosas 30%

CLASSIFICAÇÃO DOS FUMOS DA BAHIA

	ZONAS DE PRODUÇÃO	mercados	LISAS
FORTES	FINOS	Fabricas de charutos de Estado Allemanha	Substituidos pelos fumos de San Domingos e Colombia, que lhes são inferiores, quando ha falta.
	ORDINARIOS	Allemanha França Italia	
SUAVES	Finos	Horte da Europa	Estes fumos ligam com o fumo havana. Os suaves baixos e ordinarios servem para substituir fumos Java quando ha falta.
	Medios	Toda a Europa e Rio da Prata	
	ORDINARIOS	Argentina, Espanha e Italia	

N. B. - Os numeros altos de fumos fortes e suaves de zonas de Matta servem para capa de charutos
Os fumos fortes e suaves ordinarios servem unicamente para cigarros. Na Argentina as fabricas de cigarros usam 60% de fumos suaves ordinarios e 40% de Havana.

“A Terra Clássica do fumo”²⁶⁶

A terra classica do fumo

BAHIA é dos poucos Estados brasileiros que se podem gabar de ter fugido à monocultura. Quem fala na Amazonia pensa logo na borracha porque a vida ali prospéra ou retrograda pela craveira das cotações da *Hevea brasiliensis*. Quem fala em Pernambuco é levado invariavelmente a reportar-se ao assucar a cuja sorte está ligada a sorte da terra dos verdes canaviaes sem fim. Quem fala em São Paulo tem em mente o café, não porquê no prodigioso Estado sulino misgue outra cultura, mas de tal arte prepondera, na riqueza paulista, o mercado cafeeiro que este se tornou a máxima preocupação do governo e das classes conservadoras de São Paulo. Ora, a Bahia não se acha particularmente presa a uma produção unica da Terra. Diversificada, como é, a aptidão dos seus naturaes, no sólo bahiano tudo vem sendo plantado e o milagre da multiplicação se repete em brotos exuberantes por toda a parte. Dessa polycultura, que ha de ser pedestal da nossa incalculavel riqueza futura, como já o é do nosso progresso actual, teria de surgir, numa evolução mais rapida, a nossa phase industrial. Com effeito, já se nota, delineada em traços evidentes, a caracterisação accentuadamente nossa, isto é, bahiana, da nossa industria. Levado muito longe, já, o nosso surto agricola, começamos, com seguro passo, a attingir o nosso cyclo manufactureiro. O desprazer, doloroso para o patriotismo, de ver exportadas todas as nossas materias-primas, para as rever beneficiadas e industrializadas em artigos de importação, vai acabando pouco a pouco na Bahia. O que a terra bahiana produzir hão de os bahinos manufacturar para, então, servir ao consumo interno e externo.

Porque o fumo se impõe á primeira plana
— E' claro que essa evolução economica da phase simplesmente agricola ou criadora para a industrial não se accentua, desde logo, multiplicamente, em todos os aspectos da actividade productora.

para a fundação de uma fabrica de charutos na Bahia.

Nunca ahí, ao que nos informam fidedignamente, nunca ahí se conseguiu um aparelho industrial tão formidavel. A fabrica da occupação remuneradora a cerca de 3.000 operarios.

Só nisso, nesse facto de proporcionar trabalho a tres milhares de homens validos bahianos, está um beneficio social inestimavel, fe á Bahia.

Nos Estados Unidos os altos empregamentos dessa ordem são como que equiparados aos serviços publicos: têm todas as facilidades e encorajamentos.

Effectivamente, as iniciativas grandes como a de que vimos tratando, são grandes auxiliares dos poderes publicos na manutença da ordem e na resolução quotidiana das varias faces do problema social que só pôde ser resolvido pelo capital em acção de remunerar o trabalho.

A fome é a inimiga das monarchias e a chisadora das democracias.

E as grandes empresas, com imensas pitas em gyro, são as exterminadoras da fome. E que incalculaveis contribuições monetarias não vae injectar na circulação da riqueza a essa fabrica — centro propulsor de vida economica, colmeia admiravel de cidadãos e de trabalho productivo!

Temos certeza de que demos uma lante noticia aos bahianos em particular e aos brasileiros em geral. Essas empresas são especie de cornucopias de bens effectivos e teriaes para um paiz, maxime para o nosso paiz, falto dellas.

Podemos ainda accrescentar que o movimento que se acham á frente desse portentoso movimento são de homens experimentados, habituados á industria mercantil, crentes do trabalho, conscientes do merito da honra commercial, impregnados de idéas adiantadas, convictos do seu patriotismo, habituados a ser e dispostos a dispender muito para beneficiando a collectividade, beneficiar-se a si mesmos. Triunfarão evidentemente.

Damos os parabens á Bahia e ao povo bahiano poder-se em todo o Brasil ter sempre as considerações economicas a favor de cada Estado com uma noticia auspiciosa.

Propaganda da antiga fabrica de cigarros de S. Domingos²⁶⁷
Destacando o prazer de fumar.

²⁶⁶ “A Terra Clássica do fumo”. Revista Bahia Ilustrada. V. 1, nº1, dez, 1917. Acervo da Biblioteca Central Salvador-BA.

²⁶⁷ Revista Bahia Ilustrada. V. 1, nº1, dez, 1917. Acervo da Biblioteca Central -Salvador-BA.



FACHADAS PRINCIPAES DA FABRICA E DO DEPOSITO

Prazer, distração, consolo, — o cigarro é o melhor amigo do homem de hoje, que vive menos ao ar livre do que entre paredes, e que tem preocupações bem diferentes daquelas que agitavam os dias dos homens d'outrora.

No trabalho e no descanso, na alegria e na magua, o cigarro sempre nos traz uma companhia suave, um bom acalanto, ora tornando mais clara a nossa atenção, ora apagando a realidade em torno de nós...

Nos caminhos da fumaça, longos, esguios, ondulantes, caminhos sem fim, que sobem para o céu, o nosso velho sonho põe-se a andar contente, olvidado de penas e temores; e, quando volta, vem com um sorriso nos lábios e com as mãos cheias de thesouros...

Isso nos instantes de ocio.

Nas horas em que labutamos, o fumo sogado de dentro da mortalha, é o inspirador, o esclarecedor, a voz mysteriosa que dicta verdades, o gesto invisível que minora fadigas...

Dahl, o amor que todos os homens votaram ao cigarro, desde que elle appareceu.

As proprias creanças já o procuram, mesmo na quadra ingenua da ventura sem custo.

As proprias mulheres deste tempo que as adora e as tem como bonecas felizes, bem acariciadas e bem libertadas da antiga condição, as proprias mulheres já se acostumaram, curiosas, a perguntar segredos á ponta do cigarro...

Ide ás officinas, aos laboratorios, aos *ateliers*, aos lugares onde os operarios, com o melhor da sua intelligencia e da sua energia, enriquecem o mundo, na factura de tudo o que o mundo exige. Vereis o cigarro ajudando a labuta, esparecendo a canseira.

Ide, por contraste, ao gabinete do capitalista. Encontrareis o capitalista fumando, a pensar nos seus milhões.

Fuma-se em toda a parte e em todas as edades.

O velhinho fuma, perto do fim do seu destino.

O collegial fuma, ainda na inconsciencia da sina que terá de cumprir.

Fuma o Rei, ou o Presidente da

Republica, como todos os seus subditos, ou governados.

O cigarro pertence ao numero das cousas indispensaveis.

Agora, por exemplo, no meio dos horrores da guerra, que seria do soldado, mettido, semanas e semanas, nas covas das trincheiras, á espera da morte a qualquer momento; que seria do soldado, se não houvesse o cigarro, se o cigarro não lhe fosse levar serenidade e até, pelo que diz o fado do soldado portuguez:

*- dar-lhe a jeça dum leão,
e a bravura dum herói - ?*

E depois que a guerra terminar, o cigarro apagará a tristeza dos mutilados e trará luz aos que cegaram nas batalhas cruéis.

Uma era nova, de concordia e felicidade, ha de vir ao mundo. Os homens, desilludidos do mal, se entregarão ao bem. Uma fraternidade universal os juntará na mesma harmonia.

E então, o cigarro não precisará ser mais o confortador; será apenas o companheiro jubiloso.

9. APÊNDICES

Entrevistados:



Maria Nilza de Jesus (Dona Nita), 70 anos, Viúva, aposentada, analfabeta, teve 11 filhos trabalhou nos armazéns de fumo de 1959 a 1992. Reside atualmente na sede do município de Conceição do Almeida-Ba.

Teve sua vida vinculada diretamente ao trabalho com o fumo desde os 17 anos de idade. Entrevistada em 02.12.2005

Foto Margarete Nunes Santos, 2007.

Foto: Margarete Nunes Santos, 2007.



Foto: Margarete Nunes Santos, 2007

Augusta dos Santos Barros(Dona Augusta de Ferrim) 77 anos, casada, analfabeta, aposentada. Teve 18 filhos, dois quais 11 estão vivos. Trabalho durante muitos anos na atividade fumageira. Reside atualmente na sede do município de Conceição do Almeida-BA. Afirma ter ido trabalhar para ter condição de colocar os filhos na escola. Entrevistada em 02-12-2005.

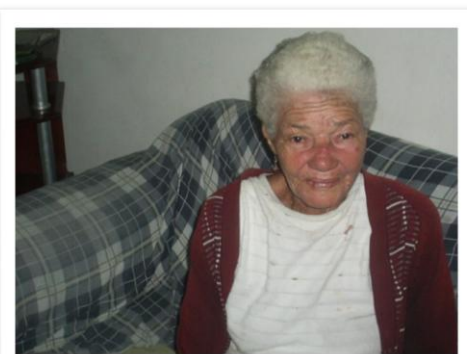


Foto: Margarete Nunes Santos, 2007.

Francisca do Carmo de Jesus (Dona Chica Gaza), em memória, 73 anos, Viúva É semi-analfabeta. Teve 11 filhos. Trabalhou na atividade fumageira na zona rural e nos armazéns de fumo desde os 18 anos de idade. Residia na sede do município de Conceição do Almeida-Ba. Afirmou ter tido “dificuldades para se aposentar, mesmo tendo trabalhado tanto.” Entrevistada em 14-12-2005.

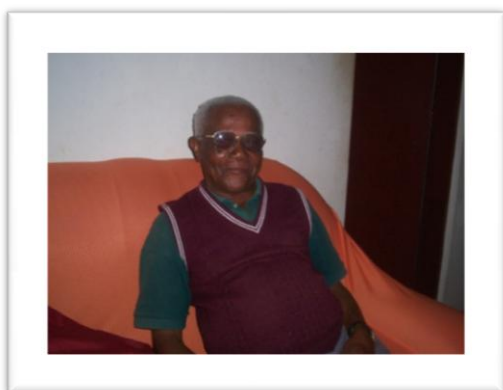


Crispiniana Santos Maia (Dona Pina), 77 anos, casada, aposentada, teve apenas um filho adotivo. Fez o curso primário, trabalhou de 1945 até início da década de 1980. Reside atualmente na sede do município de Conceição do Almeida-Ba. Falou sobre as dificuldades do trabalho “era bom, mas não era fácil”. Entrevistada em 14-12-2005.



Adalberto Magalhães Cerqueira (Sr. Bel) 62 anos. Administrador de armazém (Agente de Compras) da Firma Ermor Tabarama Tabacas do Brasil Ltda. Trabalha em armazéns desde a década de 1960. Reside atualmente na sede do município de Conceição do Almeida-Ba. Fala sobre a importância social e econômica do fumo para o município. Entrevistado em 23-03-06.

Foto: Margarete Nunes Santos, 2007.



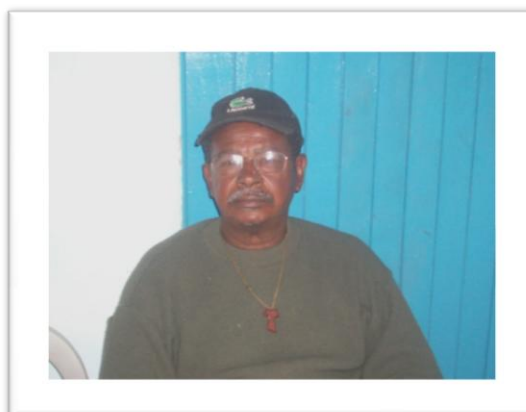
Democles Luis dos Santos (Sr. Demoste) 75 anos, aposentado, analfabeto. Tem mais de 56 anos de trabalho na atividade fumageira, sendo mestre de armazém desde 1961. Reside atualmente na sede do município de Conceição do Almeida-Ba. Falou sobre o trabalho e função do mestre. Considera-se um mestre bom e justo. Entrevistado em 23-03-2006.

Foto: Margarete Nunes Santos, 2007.



Arlindo Soares, trabalhador rural da atividade fumageira, 85 anos, residente na Fazenda Bom Jardim, Conceição do Almeida-BA. Entrevistado em 07 de julho de 2007, duração: 60 minutos. Comentou sobre o declínio da atividade fumageira e sobre as dificuldades do trabalhador rural.

Foto: Margarete Nunes Santos, 2007.



Manoel da Paixão de Jesus (Macarrão) 66 anos, aposentado, semi-analfabeto, casado. Trabalha em armazéns desde a década de 1960, trabalhava no peso, carga e descarga do fumo. Reside atualmente na sede do município de Conceição do Almeida-Ba. Fala sobre as dificuldades e a dinâmica do corpo no trabalho na atividade fumageira. Entrevistado em 20-08-2006.



Mariana Pinto da Silva. (Dona Marianinha), em memória, tinha 103 anos, sabia ler e escrever, era aposentada. Trabalhou durante décadas na lavoura de fumo. Residia na sede do município de Conceição do Almeida-Ba. Comentou sobre a dinâmica e as dificuldades do trabalho rural. Entrevistada em 28-09-2005.

Foto: Margarete Nunes Santos, 2004



Maria Margarida Nunes Santos (Dona Dagui), 74 anos, aposentada, viúva, fez o curso primário. Trabalhou na lavoura de fumo e também nos armazéns de fumo. Reside na sede do município de Conceição do Almeida-Ba. Comentou sobre a dinâmica do trabalho e as dificuldades em deixar os filhos em casa para poder trabalhar. Entrevistado em 28-09-2005.

Foto: Margarete Nunes Santos, 2006.



Edna Nunes da Silva. (Tia Edna) 65 anos, trabalhadora rural, e domiciliar na atividade fumageira. Reside na sede do município de Conceição do Almeida-BA. Comentou sobre a dinâmica do trabalho domiciliar e as redes de solidariedades formadas. Reside na sede do município de Conceição do Almeida-Ba. Entrevistado em 04-12-2005

Foto: Margarete Nunes Santos, 2007.



Foto: Margarete Nunes Santos, 2007.

Laura Pereira de Jesus, (Dona Laura), 66 anos, aposentada, possui o ensino primário. Trabalhou nos armazéns de fumo por mais de 30 anos, teve oito filhos. Recordou-se principalmente sobre as dificuldades com os filhos e da dupla jornada de trabalho. Entrevistada em 20-08-2006.

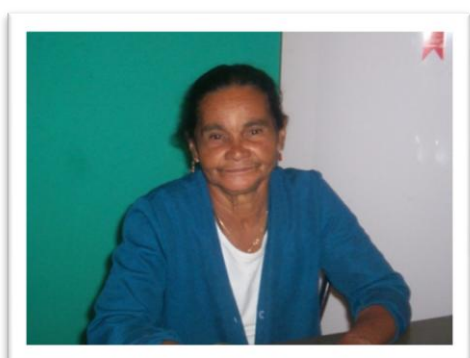


Foto: Margarete Nunes Santos, 2007.

Eunice Coelho Epifânio. 65 anos, (em memória), ex-trabalhadora dos armazéns de fumo, residia em Conceição do Almeida BA, entrevistada em 02/03/2007. Duração: 80 minutos
Falou sobre as dificuldades que enfrentava quando morava na zona rural.



Foto: Margarete Nunes Santos, 2007.

Clemilda do Amor Divino, 65 anos, aposentada, reside em Conceição do Almeida BA. Entrevistada em 14/12/2006. Duração: 70 minutos
Comentou sobre as dificuldades no trabalho e da sua luta para criar os filhos.

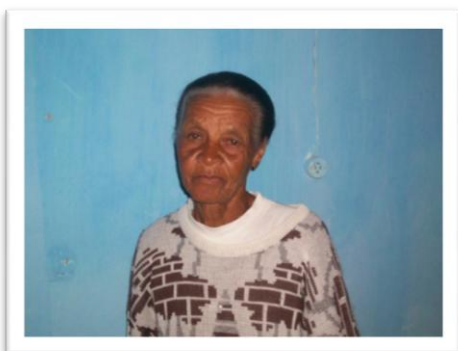


Foto: Margarete Nunes Santos, 2007.

Raimunda Ribeiro Cunha (Dona Mundinha), 73 anos, ex-trabalhadora do armazém de fumo, reside em Conceição do Almeida-BA, entrevistada em 03/12/06
Duração: 50 minutos.
Comentou sobre a dura realidade da vida, condicionada ao trabalho constante.



Luzia Lima Caldas, 67 anos ex-secretária de armazém de fumo, reside em Conceição do Almeida-BA. Entrevistada em 25/03/2007, duração 60 minutos
Comentou sobre a dinâmica do trabalho na atividade fumageira. Esta fotografia é do período que trabalhava como secretaria no armazém de fumo.

Foto: Manoel da Conceição Santos, década de 1970



Lúcia Borges Coni, ex-administradora de armazéns de fumo, ex-prefeita da cidade de Conceição do Almeida-BA, aposentada, 80 anos, residente na mesma. Entrevistada em 19 de maio de 2010, duração: 60 minutos. Comentou sobre o período em que foi trapicheira e prefeita de Conceição do Almeida.

Foto: Kleber Tupinambá, 2010.



Andréa Pereira Ribeiro. 38 anos, professora, residente em Conceição do Almeida-BA. Entrevistada em 10 de março de 2010. Duração: 50 minutos. Comentou sobre a dinâmica do trabalho na atividade fumageira. Lembrando-se da infância período que trabalhava tirando trouxa de fumo na zona rural.

Foto: Margarete Nunes Santos, 2007.



Foto: Kleber Tupinambá, 2009

Marinalva dos Santos. Aposentada, 64 anos, residente em Conceição do Almeida-BA. Entrevistada em 16 de março de 2010. Duração: 60 minutos. Comentou sobre a dinâmica do trabalho no fumo. Lembranças da infância e as dificuldades enfrentadas.



Foto: Margarete Nunes Santos, 2007.

Nair Bispo dos Santos, ex-trabalhadora de armazém de fumo, aposentada, 70 anos, residente em Conceição de Almeida-BA. Entrevistada em 23 de janeiro de 2006, duração: 90 minutos. Comentou sobre as dificuldades e as superações no trabalho fumageiro

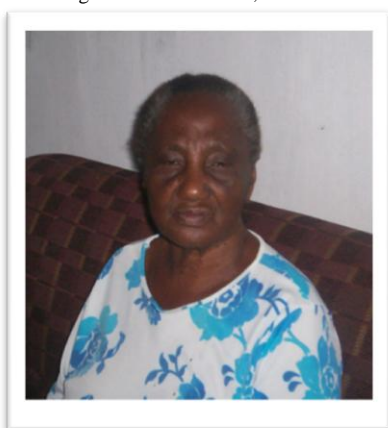


Foto: Margarete Nunes Santos, 2007.

Isabel Fonseca Santos, ex-trabalhadora do armazém de fumo, aposentada, 75 anos, residente em Conceição do Almeida- BA. Entrevistada em 03 de agosto de 2006, duração: 60 minutos. Comentou sobre a dinâmica do trabalho fumageiro e suas dificuldades.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)